



EDITORA ABRIL - EDIÇÃO 1 381
ANO 28 - Nº 9 - R\$ 3,00
1º DE MARÇO DE 1995

veja

INTERNET



INTERNET

INTERNET

**REPARTE DE
TRABALHO**

**A REDE
PLANETÁRIA EM QUE
VOCÊ AINDA VAI SE PLUGAR**

MARÇOTO

O segundo fascículo do catálogo Tok & Stok 95 vem com um tema muito confortável: sofás. E são centenas de opções exclusivas, entre modelos, tecidos, cores e padronagens. Os sofás-camas, por exemplo, provam que esses móveis deixaram de ser apenas úteis para ser também muito agradáveis de se olhar, inclusive com modelos importados. E para completar a decoração

com estilo e conforto a Tok & Stok tem muitos puffs e poltronas. Este fascículo vem encartado em Casa Cláudia, VIP e também pode ser encontrado nas lojas Tok & Stok ou solicitado por telefone. Para ter um catálogo Tok & Stok completo e uma casa muito mais bonita, não deixe este número faltar na sua coleção.

Solicite seu fascículo grátis: 0800-160161



TOK & STOK



Importada da Itália
Design Eileen Gray

Le Corbusier,
Philippe Stark, Marcel Breuer,
Johan Hultdt. Agora para
convidar para seu living os
mais sofisticados e desejados
sofás e poltronas do mundo
é só passar na Tok & Stok.
Estão todos lá a seu
alcance, esperando por você.

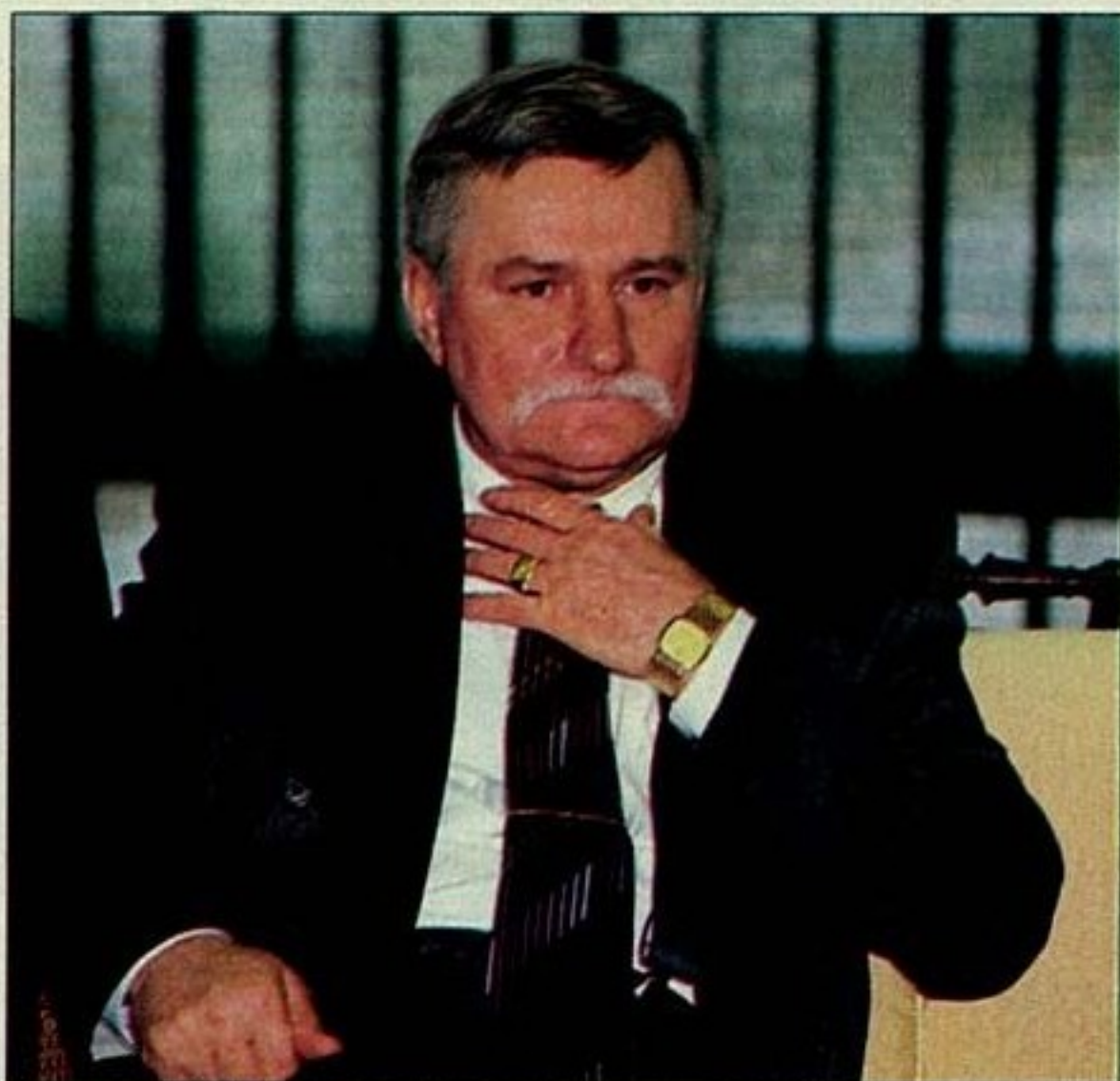


Valentim - Importado da Bélgica



TOK & STOK

gre, Curitiba, Londrina, Vitória, S.J. dos Campos, Campinas.



ROBERTO JAYNE

Um visitante bem grosseirão

Numa viagem cheia de gafes, o presidente polonês Lech Walesa porta-se como metaleiro da pesada ao falar demais e criticar Brasília.

INTERNACIONAL 30



FERNANDO VIVAS

A era da tribo eletrônica

A vida na comunidade da Internet, a rede mundial que interliga por computador 40 milhões de pessoas em mais de 100 países.

COMPUTADORES 48

O antro perdido da avacalhação

Reiniciam em todo o país os trabalhos das Assembleias estaduais, a mais fraca, incapaz e desconhecida das pontas do Legislativo, sempre envolvidas em escândalos.

BRASIL 18



Uh! Tererê! na folia de Momo

As escolas de samba são invadidas por grupos de funkeiros como o You Can Dance, que desfilará pela Unidos da Tijuca. Eles trazem um novo sopro de criatividade ao Carnaval carioca.

CARNAVAL 36



Agressividade furiosa e divertida

Misturando piadas, gritaria, palavrões, histeria e violência, estréia o filme *Pulp Fiction*, com John Travolta e Samuel L. Jackson, que recebeu sete indicações para o Oscar.

CINEMA 78

CARTA AO LEITOR	17
CARTAS	12
COMPORTAMENTO	40
COTAÇÕES	69
CRIME	60
DATAS	71
ECONOMIA & NEGÓCIOS	64
ENSAIO	86
ENTREVISTA	7
ESTILO	39
GENTE	46
HISTÓRIA	34
JÔ SOARES	13
LIVROS	73
MEMÓRIA	70
MÚSICA	83
NOTAS INTERNACIONAIS	33
PERFIL	74
RADAR	29
RELIGIÃO	42
SOCIEDADE	45



O Daewoo Espero tem uma traseira tão bonita que os outros carros não vão nem reclamar quando forem ultrapassados.

Além do design avançadíssimo, o Daewoo Espero tem muito mais para mostrar: • motor 2.0 mpi • direção hidráulica • grande espaço interno • porta-malas de 560 litros • muita maciez para dirigir • ar-condicionado • vidros elétricos • travas elétricas nas 4 portas • cores variadas para você escolher a sua preferida.

Quem opta por um Daewoo tem à sua disposição os serviços do Daewoo Sales System, Daewoo Assistance 24 h e Daewoo Money Back. Daewoo Espero. Compre um antes que o seu carro fique ultrapassado.



DAEWOO
MOTOR
SURPREENDENTE

É ASSIM QUE OS OUTROS CARROS VÃO VER O DAEWOO ÉSPERO.



Daewoo Jardins Rua Haddock Lobo, 920 - Tel. (011) 853-4800
Daewoo Lapa Rua Guaicurus, 338 - Tel. (011) 872-2720
Daewoo Morumbi Av. Morumbi, 8440 - Tel. (011) 240-0299
Daewoo Europa Av. Europa, 877 - Tel. (011) 881-9455
Daewoo Itaim Av. São Gabriel, 191 - Tel. (011) 822-5521
Daewoo Pacaembu Av. Pacaembu, 1140 - Tel. (011) 825-2579

Daewoo Vila Mariana Av. Ricardo Jafet, 2017 - Tel. (011) 591-3760
Daewoo Jockey Av. Francisco Morato, 416 - Tel. (011) 815-1022
Daewoo Rio Norte Av. Suburbana, 3196 - Tel. (021) 581-0556
Daewoo Rio Barra Av. das Américas, 16757 - Tel. (021) 326-3439
Daewoo Rio Preto Av. Alberto Andaló, 3207 - Tel. (0172) 35-3835
Daewoo Curitiba Rua Des. Westphalen, 2469 - Tel. (041) 225-4343

Daewoo Fortaleza Aldeota Av. Sen. Virgílio Távora, 1707 - Tel. (085) 244-1255
Daewoo Belém Castanheira Rod. BR-316, km 1, s/nº - Tel. (091) 250-4516
Daewoo Porto Alegre Centro Av. Carlos Gomes, 1408 - Tel. (051) 332-9655
Daewoo Brasília Sul SIA Sul Quadra 7, nº 100, loja 2, BPS 1/Ceasa - Tel. (061) 361-6544

Este veículo está em conformidade com o PROCONVE. Use sempre o cinto de segurança.

Foi tudo sorte

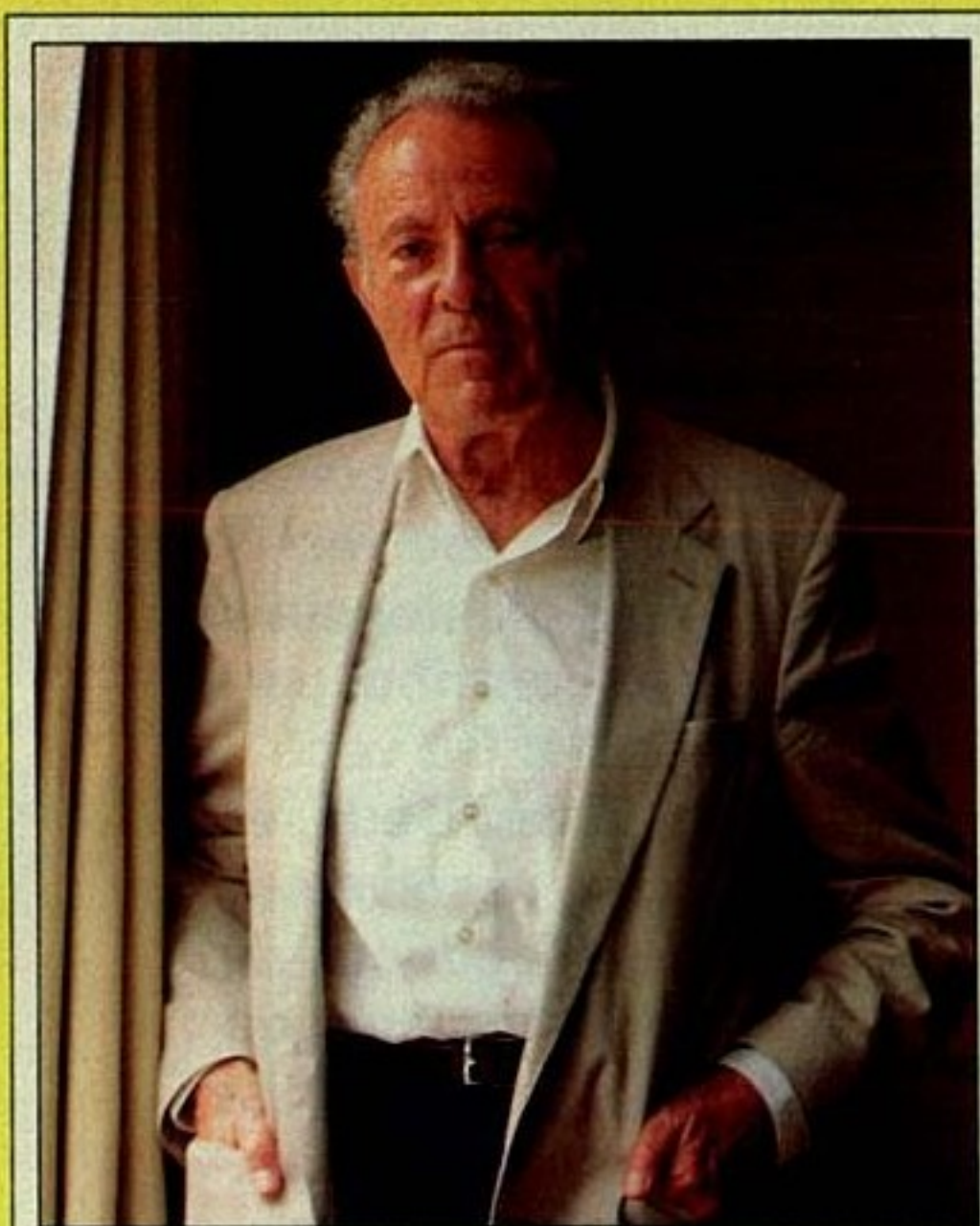
Biólogo francês ganhador do Prêmio Nobel diz que a vida na Terra depende unicamente do acaso e que a noção de um criador só atrapalha a ciência

ELIANE AZEVEDO

Poucos assuntos excitam tanto a imaginação humana quanto o surgimento da vida na Terra. No livro do Gênesis, ele aparece sob a forma de um sopro divino sobre uma estátua de barro. No hinduísmo, o deus Shiva dança enquanto cria o universo, a Terra e os seres vivos. Numa explicação um pouco mais científica, os antigos egípcios acreditavam que sapos e rãs vinham dos depósitos de sedimentos nas enchentes do Rio Nilo. Aos 74 anos, o biólogo francês François Jacob prefere atribuir tudo a um lance de sorte. "Não existe criador nenhum nessa história", garante. "A vida é fruto de uma grande coincidência. Num determinado momento, alguns elementos químicos se combinaram e passaram a fazer cópia de si mesmos."

Pesquisador do Instituto Pasteur, de Paris, Jacob é um dos pioneiros da biologia molecular. Em 1965, ganhou o Prêmio Nobel de Medicina por decifrar como as características das espécies animais são transmitidas pelos genes. Ele descobriu que uma célula normal tem dois tipos de gene. Um deles, chamado de regulador, comanda a ação do outro, conhecido como estrutural. Os genes reguladores funcionam como maestros na reprodução da vida. São eles que definem que determinada espécie deve ter, por exemplo, orelhas e patas, em vez de nadadeiras e escamas. Esses mesmos genes, comuns a todos os animais, também são responsáveis pelas características de cada um dos 5 bilhões de seres humanos. "O mesmo acaso que propiciou o surgimento da vida há 3 bilhões de anos faz com que ela se reproduza até hoje", sustenta Jacob. "Todos nós somos produtos do encontro casual entre duas pessoas."

Antes de se tornar cientista, Jacob integrou a resistência francesa na II Guerra Mundial. Ferido com estilhaços de granada,



"Nosso cérebro tem dificuldade para entender a evolução. É o eterno dilema da criatura tentando desvendar o criador"

até hoje, cinquenta anos depois, é incapaz de ficar muito tempo na mesma posição sem sentir dores. Apesar disso, é uma pessoa sempre bem-humorada. Na semana passada, ele esteve no Rio de Janeiro, participando de um seminário da Fundação Oswaldo Cruz sobre a origem da vida, onde deu a seguinte entrevista a VEJA:

VEJA — O senhor passou metade de sua vida estudando moscas, ratos e bactérias dentro de um laboratório. Por que o senhor escolheu essa profissão?

JACOB — Antes de virar cientista, eu queria ser médico. A guerra atrapalhou

meus planos. Deixei a França em 1940, na invasão alemã, e me juntei ao exército de De Gaulle. Participei das campanhas na África e fui seriamente ferido. Ao voltar para casa, passei dois anos num hospital. Achei que minha carreira como médico estava encerrada antes de começar. Quase me tornei ator, quase me tornei jornalista, quase trabalhei na indústria. Finalmente, decidi tentar a ciência, mas comecei muito tarde, com 30 anos.

VEJA — E era isso mesmo que o senhor queria?

JACOB — No começo, eu nem imaginava que fosse. Resolvi terminar o curso de medicina porque um diploma sempre ajuda. Mas nessa época eu não entendia nada de ciência. Tinha apenas uma vaga noção de que havia uma relação entre bactérias, genética e ácido nucléico. Mas em cinco anos ficou claro que tinha dado certo. Depois de quinze anos, ganhei o Prêmio Nobel. Quem poderia imaginar?

VEJA — Que tipo de trabalho o senhor faz em laboratório?

JACOB — Fazemos diversos tipos de experimento, duplicamos moléculas,

criamos novos genes e vemos o resultado. O que dá certo é mantido. O que não funciona deixamos de lado. É mais ou menos o que acontece na natureza. O problema é que muitas vezes a gente tem de usar mais a imaginação do que dados concretos.

VEJA — Como assim?

JACOB — Isso ocorre quando você lida com determinados temas, como a origem da vida e a formação do universo. A forma mais elementar de vida surgiu na Terra há cerca de 3 bilhões de anos. É muito tempo. Não existem fósseis nem rastros dessa

semente primitiva, a não ser nós mesmos, numa forma de vida muito mais complexa do que deve ter sido no começo. Tudo o que sabemos é que ela se desenvolveu num ambiente infernal, numa época em que o planeta era repleto de vulcões, bombardeado por asteróides e sacudido por violentos terremotos. A falta de dados é apenas um lado do problema.

VEJA — Qual é o outro?

JACOB — O nosso cérebro, que é um produto da evolução, parece não ter sido feito para entender os mecanismos da evolução. É o eterno dilema da criatura tentando desvendar o criador. Temos uma grande dificuldade em compreender tudo o que contraria nossa intuição e nossos padrões de raciocínio. Estamos acostumados a pensar o mundo em escalas. As distâncias se medem em quilômetros, o tempo se divide em horas, minutos e segundos. Conseguimos codificar o mundo de tal forma que tudo nos pareça perfeitamente compreensível e explicável. Qualquer coisa que fuja desses padrões mensuráveis, com começo, meio e fim, se torna difícil de entender.

VEJA — Não entendi. O senhor poderia explicar melhor?

JACOB — Veja o caso de algumas teorias da física, como as de Einstein. A maioria das pessoas não entende uma palavra da teoria da relatividade, talvez por isso a respeitem tanto. É extremamente difícil aceitar a idéia de que, quando alguém se movimenta na velocidade da luz, ao voltar, estará mais velho do que quem ficou no ponto de origem. Na teoria da evolução, está comprovado que o surgimento e a reprodução da vida dependem unicamente do acaso. E o nosso cérebro não está habituado a aceitar o acaso como razão das coisas.

VEJA — O senhor não sente certa angústia ao pensar que tudo o que o cerca, tudo o que o senhor ama não passa do resultado de um encontro casual de gás, água e poeira, acontecido há bilhões de anos?

JACOB — Ao contrário, eu me sinto um felizado. É fascinante saber que eu e você somos produtos do encontro casual de duas pessoas. O nascimento de todo ser humano é produto do acaso que juntou um pai e uma mãe, em circunstâncias que ninguém planejou. Não existe lei física, química ou biológica capaz de explicar por que, em 1 trilhão de possibilidades genéticas, nasceu você em vez de outra pessoa.

VEJA — Como o senhor imagina que a vida tenha começado?

JACOB — Deve ter sido alguma espécie

de fotobactéria, que dependia da luz para sobreviver e se reproduzir, em vez do oxigênio e das proteínas, responsáveis pelas formas de vida atuais. Com certeza era completamente diferente de tudo o que conhecemos. Hoje, mesmo a mais simples bactéria é infinitamente mais complexa do que deve ter sido essa forma de vida primitiva.

VEJA — De que outro recurso, além da imaginação, os cientistas dispõem para tentar entender a origem da vida?

JACOB — Todo cientista, quando especula esse assunto, parte de uma pergunta básica: se eu fosse criar a vida, como faria? É o primeiro passo para construir um modelo teórico que, cientificamente, seja o mais parecido com o que buscamos.

“A idéia de um Deus colocando ordem no caos e dando uma feição lógica às coisas ajuda a resolver angústias existenciais, mas não contribui para a ciência. Ou você acredita em Deus, e com isso resolve os buracos filosóficos da trajetória humana, ou começa a perguntar se não haveria outra explicação”

Uma vez feito isso, poderemos checar, através de experimentos, se esse cenário tem consistência ou não.

VEJA — O senhor acredita que algum dia a ciência vai descobrir como a vida realmente começou?

JACOB — Provavelmente não. Mesmo que os modelos funcionem, nunca teremos a certeza de que realmente aconteceu daquela maneira.

VEJA — Algum dia será possível recriar a vida em laboratório?

JACOB — Talvez, mas o resultado seria muito diferente do que realmente aconteceu há 3 bilhões de anos. O mais provável é que a vida se tenha originado no oceano. Antes que migrasse do oceano para a terra,

passaram-se bilhões de anos. O processo foi muito lento.

VEJA — Qual é hoje o principal desafio da ciência nesse campo?

JACOB — Todos sabemos que para haver a possibilidade de vida é preciso que algumas moléculas se organizem e comecem a se reproduzir. Nas formas de vida atuais, a duplicação das células e a transmissão das características genéticas de uma espécie para outra se dão através do DNA. Ele funciona como código em que estão todas as instruções que permitem a continuidade da vida. É o DNA que diz, por exemplo, se determinado ser vivo deve ter rabo e orelhas ou se terá asas, bico e penas. O problema é que o DNA não pode reproduzir-se sem um adequado suprimento de proteínas. E para haver proteínas é preciso que antes exista vida. Então, como poderia surgir vida sem proteína, ou vice-versa? É aquela história do ovo e da galinha: quem veio primeiro, o DNA ou a proteína?

VEJA — Como resolver esse dilema?

JACOB — A solução é tentar entender as origens da vida fora dos parâmetros pelos quais a conhecemos atualmente. No começo, em vez de DNA, teríamos estruturas mais simples, como o RNA. Ele tem os dois atributos de que precisamos: sabemos que pode copiar a si mesmo e substituir o papel das proteínas como catalisador nessas reações. Chegou-se, portanto, à conclusão de que antes do mundo do DNA havia o mundo do RNA. Mas para nós, especialistas, mesmo o RNA é demasiadamente complicado. Precisamos de algo anterior ao mundo do RNA, uma espécie de reação mineral, algum tipo de cristal ou argila, que poderia de certa forma manter a memória da reação. É em torno disso que a discussão está girando hoje.

VEJA — Alguns cientistas acreditam que as sementes químicas da vida, como os aminoácidos, teriam vindo do espaço, de carona com um asteróide ou um cometa. O que o senhor acha disso?

JACOB — A idéia é interessante, mas não resolve o nosso problema. Se a vida não começou na Terra, como teria começado em outro lugar do universo? Mudar o problema de lugar não contribui em nada nesse caso.

VEJA — Sua pesquisa mais conhecida apontou a existência de um gene, comum a todos os animais, que determina as características de cada espécie. Como isso funciona?

JACOB — Há muito tempo se sabe que todos os animais têm padrões genéticos comuns. O que ninguém conseguiu expli-

car até vinte anos atrás era como, a partir de um mesmo padrão genético, surgiram seres com características tão diferentes quanto uma pessoa e uma mosca. Foi aí que descobrimos a existência de um gene regulador. Ele é quem determina as características em cada espécie. Contém instruções, por exemplo, se determinada espécie vai ser peixe, mamífero, ave ou réptil. Tudo depende do gene regulador.

VEJA — *Como o senhor chegou a essa descoberta?*

JACOB — A engenharia genética permite isolar um gene, multiplicá-lo, observar a sequência e, então, testar suas funções por meio da introdução de outros organismos. Foi o que fizemos com a mosca drosófila, muito usada em experiências desde o início do século. As drosófilas são mutantes fantásticas. Uma pode ter quatro asas, em vez de duas. Outra, uma perna no lugar da antena. Essas mutações acontecem no gene que decide como se constrói o animal. Ao isolar esse gene, pôde-se entender o mapa genético do corpo da mosca. Descobriu-se que há genes que decidem “aqui ficará o olho” ou “aqui ficarão as antenas”. Num certo momento, esse gene sofre uma mutação e, em vez da antena, aparece uma perna. Esse gene é comum a todos os animais.

VEJA — *Até aos seres humanos?*

JACOB — Sim. São os mesmos genes que estruturam o mapa da mosca, do rato e do ser humano. Se alguém dissesse isso há quinze anos, seria recebido com gargalhadas. Esse é um dado novo e fantástico. Por exemplo: há diversos tipos de olho. Alguns possuem pequenos tubos, outros são multifacetados ou têm cristalino. Mas todos têm o mesmo gene. O que propus, há alguns anos, é que a evolução é um mosaico, uma colcha de retalhos. Pega-se um pedaço aqui, outro acolá, junta-se tudo e se vê se funciona ou não. Mais um exemplo: o pulmão é um pedaço do estômago. O peixe não tem pulmão. Quando os primeiros animais saíram da água para a terra, eles desenvolveram o divertículo do estômago para respirar. É como utilizar a cortina da avó para fazer um vestido.

VEJA — *Que aplicações práticas esse estudo pode ter?*

JACOB — A principal vantagem é ajudar as pessoas a ver o mundo de forma diferente. Além disso, uma descoberta como essa é importante para a compreensão dos defeitos genéticos. Temos estudado o câncer. Até quinze anos atrás, sabíamos o que era o câncer apenas em linhas gerais — ou seja, que o organismo humano é uma sociedade de células e cada célula conhece as regras dessa sociedade. Às vezes, alguma sai de

seu curso normal e envereda por um rumo próprio. O câncer resulta desses desvios. As células nervosas, que não se dividem depois do nascimento, não têm como produzir câncer. Já os tecidos que se dividem muito rapidamente, como a pele, o intestino e a próstata, produzem câncer. É o colapso do gene que controla essa divisão que produz o câncer. Em geral, há três ou quatro mutações nesse gene. É uma descoberta muito recente e estamos começando a compreender como, a partir daí, poderemos desenvolver um tratamento contra o câncer.

VEJA — *O senhor acredita que algum dia será possível produzir clones humanos em laboratório?*

JACOB — Algumas experiências nos anos 50, feitas com sapos, criaram inúmeras

“Do ponto de vista biológico, o ser humano não é o elo mais perfeito da cadeia da evolução. Outras espécies têm mecanismos bastante elaborados de reprodução. Prefiro ver a nossa espécie como a que melhor sobreviveu à seleção natural e aos cataclismos ocorridos no planeta”

fantasias — que tal 10 000 Brigittes Bardots? Ou 10 000 Hitlers, o que seria mesmo um pesadelo. Hoje, sabemos que isso não pode ser feito com os mamíferos. Podemos, sim, em laboratório, dividir uma célula em duas, como a natureza faz para produzir gêmeos. Mas não podemos controlar o que vai surgir dali. Não dá para garantir que sairá uma Brigitte Bardot.

VEJA — *Que momento o senhor acha mais decisivo para a evolução da vida na Terra: o início, quando o planeta era bombardeado por meteoros, ou o atual, em que uma espécie dominante ameaça a sobrevivência das demais?*

JACOB — A evolução é um processo que não pára nunca e é decisivo em todas as suas etapas. O que não significa que seja

igual para todas as espécies. O americano Stephen Gould, por exemplo, diz que a evolução pode ocorrer por saltos. Uma espécie pode ficar milhares de anos sem evoluir e, dependendo de certas condições ambientais, mudar de repente. Faz sentido. Existem diversas espécies que comprovadamente passaram por grandes mutações. Outras têm características quase pré-históricas ainda hoje. Quando se fala numa mutação, estamos tratando de algo que não é instantâneo, mas que leva 10 000, 20 000 anos. É possível até que novas formas de vida estejam surgindo agora mesmo em algum ponto do planeta, sem que saibamos disso.

VEJA — *Do ponto de vista biológico, o ser humano é o elo mais perfeito da corrente evolutiva?*

JACOB — De jeito nenhum. Existem outras espécies que, embora não sejam dominantes como a nossa, têm mecanismos bastante complexos e elaborados de reprodução e subsistência. Prefiro ver a nossa espécie como a que melhor sobreviveu à guerra da seleção natural e aos cataclismos e mudanças ambientais ocorridos no planeta. Veja o caso dos dinossauros. Os mamíferos muito provavelmente teriam sido dizimados por eles se uma catástrofe natural não tivesse acabado com os dinossauros antes. Só depois de sua completa extinção é que nossa espécie pôde germinar e dominar o planeta. Foi muita sorte.

VEJA — *Existe algum lugar para Deus na ciência?*

JACOB — Deus é uma outra questão. Ciência e religião são assuntos diferentes. Há quem consiga trabalhar muito bem sem Deus. Outros, não. É uma questão de gosto. A ciência não chega a Deus.

VEJA — *Não dá para ser cientista e acreditar em Deus ao mesmo tempo?*

JACOB — A idéia de um Deus colocando ordem no caos e dando uma feição lógica a todas as coisas ajuda a resolver nossas angústias existenciais, mas não contribui em nada para a ciência. Então, Deus é uma opção de escolha. Ou você acredita em Deus, e com isso resolve os buracos filosóficos que permeiam a trajetória humana, ou você começa a se perguntar se não haveria outra explicação, um caminho diferente desse que explica tudo pela interferência de um criador supremo. É o que eu tenho feito.

VEJA — *O senhor nunca acreditou em Deus?*

JACOB — Eu acreditei quando era garoto, até os 12 anos. Sou judeu e um dia estava na sinagoga, em algum feriado santo, e percebi que nada daquilo tinha sentido. Meu pai ficou furioso comigo. ■

DIGA-ME
COM QUEM
ANDAS
E EU TE DIREI
QUEM ÉS.

Quando a Anheuser-Busch, a maior cervejaria do mundo, resolveu participar do mercado brasileiro, ela escolheu a Antártica. Afinal, ninguém entende mais de cerveja no país. E ninguém, há mais de cem anos, produz tantas marcas diferentes de sucesso. No maior acontecimento dos últimos tempos no mercado de bebidas, a Anheuser-Busch e a Antártica selam uma parceria entre a cerveja



mais vendida no Brasil e a cerveja nº 1 do mundo: a BUDWEISER. Parceria que é uma prova de confiança no futuro do Brasil e no crescimento do maior mercado cervejeiro da América do Sul e o 6º do mundo. Budweiser, você merece uma Antarctica. Antarctica, você merece uma Budweiser.

Aposentadoria

Como se já não bastasse o ridículo salário mínimo atual, que o presidente se nega a reajustar, agora vem essa novidade do fim da aposentadoria por tempo de serviço, que obrigará os trabalhadores a esperar até os 65 anos de idade para se aposentar. O governo garantirá mercado de trabalho a profissionais nessa faixa etária? ("Mexendo com o gigante", 22 de fevereiro.)

Sonia Aparecida Dias
São Paulo, SP



Congresso

O Brasil, graças a Deus, possui homens inteligentes e perfeitamente capazes de conduzir tecnicamente e com segurança os destinos desta grande nação. Todavia, não basta ser tecnicamente capaz. É preciso tomar consciência de uma vez por todas de que a vaidade, as paixões pessoais e os interesses particulares devem ficar em segundo plano ("O Congresso diz sim", 22 de fevereiro). Eduardo Grigolo
Jundiaí, SP

Dragões da Independência

Fiz parte do corpo militar dos Dragões da Independência por dez meses. O tratamento aos soldados devia ser assistido com mais atenção pelas autoridades competentes de Brasília. Antes de os jovens se alistarem, passam a eles a imagem de uma vida diferente, com tratamento, no mínimo, razoável, em relação a alimentação, saúde e outras coisas mais. Ao entrarem para o regimento, logo se vêem em um longo pesadelo do qual não poderão acordar tão cedo ("Mortes no quartel", 22 de fevereiro). Edervani dos Santos Cois
Curitiba, PR

Jarbas Passarinho

Sempre lúcido e brilhante, Jarbas Passarinho diz desconhecer seu destino. Nós, os paraenses, nos sentimos honrados com a sua volta ao Senado já nas próximas eleições. Afinal, a nação carece de homens sem preconceito (Ponto de Vista, 22 de fevereiro). José Rastos
Belém, PA

O militar inteligente (que serviu de causa discutível, pensando em servir a pátria), o político honesto (que coordena práticas legislativas, às quais negou o protesto devido) e o articulista primoroso (que usa a expressão "mandatos sucessivos" para esconder a derrota eleitoral de 1982) não convencem. Mas foi gratificante ler o senhor Jarbas Passarinho advertir o Congresso Nacional sobre riscos de fechamento e do advento de uma "ditadura

daquelas"... Nada como uma censura popular para recobrar "escrúpulos de consciência".

Istenio Fernandes Pascoal
Chicago, EUA

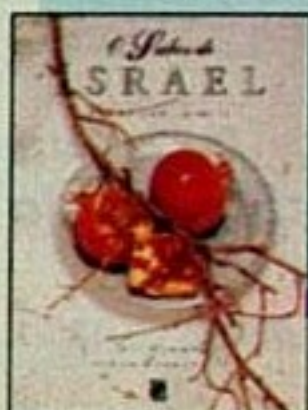
Cinema nacional

Carla Camurati declarou no início de carreira querer ser como Woody Allen. Dirigir, representar e assinar o roteiro de suas produções. Achei muita pretensão. Mais tarde, ao anunciar o projeto Carlota Joaquina, considerei fantástico para Hollywood e impossível para a escassez de verba do cinema nacional. Hoje, depois de não conseguir ingresso em quatro sessões do filme, todas com lotação esgotada, tenho de aplaudi-la pela garra, pelo talento e pela determinação ("Ação feminina", 22 de fevereiro).

Rildo Barros
São Paulo, SP

Primos à mesa

A propósito da reportagem "Banquete de Alá" (8 de fevereiro), que tratava do livro *Libano, Impressões & Culinária*, Geraldo Jordão Pereira, presidente da editora Salamandra, enviou à redação "um delicioso contraponto gastronômico". Trata-se do livro *O Sabor de Israel (foto)*, de Avi Ganor e Ron Maiberg. As semelhanças culinárias entre as duas cozinhas mostram que Pereira tem razão quando diz que não há mais "razões para sectarismos ideológicos entre judeus e árabes — aí incluídos libaneses, palestinos, sírios, turcos e tutti quanti.



"Mais que uma aposentadoria digna, nossos velhos precisam ser aproveitados pelo mercado de trabalho e respeitados. A eles devemos este grande país, ainda em construção."

Pedro Luis Pereira
Joinville, SC

Samuel Wolfsdorf

A título de correção das palavras a mim creditadas na reportagem "No fim, a lei: não matará" (22 de fevereiro), onde se lê "Aos detratores da Justiça que pensam exercer o controle lá fora, eis a nossa resposta: somos nós que controlamos a liberdade", leia-se: "Aos detratores da Justiça. Aos invejosos e egoístas que pretendem o privilégio de seu controle, dito externo. Eis a nossa resposta. Fez-se o controle. O legítimo controle. O controle da liberdade. O controle da democracia".

Sérgio Rui da Fonseca
Juiz de Direito
São Paulo, SP

Assédio sexual

A propósito da reportagem "Assédio sexual com jeitinho bem brasileiro" (15 de fevereiro), em que se comentou causa que patrocinei como defensor do empresário acusado de "cantar" a secretária, esclareço: é totalmente impropriedade a afirmativa de que a defesa teria empregado "tática de procrastinação" para obter a prescrição e, no caso, apressar o encerramento do feito. A verdade única é que a prescrição somente ocorreu porque o inquérito permaneceu parado na delegacia de polícia, à espera da oportunidade de realização pela Unicamp de um exame caríssimo destinado à identificação de vozes.

Ralph Tórtima Stettinger
Campinas, SP

Perplexo e indignado, li na reportagem "Assédio sexual com jeitinho bem brasileiro" a acusação, feita pela funcionária Vera Helena Monezi contra a minha pessoa, de que ela teria sido vítima de assédio sexual à época em que exerci a chefia do Departamento de Biologia da USP. Repudio, pois, de forma a mais veemente, as falsas acusações contra mim assacadas, sendo certo que a pessoa que as fez será responsabilizada na Justiça pelas calúnias proferidas na reportagem. Jamais fui processado, pela prática de constrangimento ilegal contra a senhora Vera Helena Monezi ou por qualquer outro motivo, sendo positivo que o inquérito policial instaurado restou arquivado por determinação judicial em janeiro de 1994.

Antonio Netto Cestari
São Paulo, SP

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA, Caixa Postal 14110, CEP 02909-900, São Paulo, Capital; Telex (011) 22115; Fax (011) 877-1640. ■ Por motivos de espaço ou de clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente. ■ As cartas devem ser assinadas e nelas devem constar o endereço e o número da cédula de identidade do autor. ■ Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até quarta-feira de cada semana.

JÔ SOARES



Noticiário cruel

ou

Quatro tragédias do Carnaval

Sábado — Preso acidentalmente no fundo de um poço, o senhor Antolho da Silva, pedreiro de profissão, começou a agoniar-se, pois tinha ensaio na sua escola de samba e ele, como mestre-sala, não poderia faltar. Ficou horas pedindo socorro. Finalmente, vieram em sua ajuda e lançaram uma corda com um nó na ponta para que ele a prendesse à cintura e fosse puxado para fora, saindo daquela incômoda situação. Infelizmente, tomado de imensa preocupação por causa do atraso que teria no ensaio da escola, Antolho não prestou atenção às instruções das pessoas que vieram em sua ajuda e, em meio à sua preocupação, amarrou, distraidamente, a corda em volta do seu pescoço. A escola sairá com outro mestre-sala.

Domingo — Deprimido por ter de passar mais um Carnaval na solidão de seu apartamento, cansado da vida de solteiro forçado, depois de ter sido

abandonado pela 27ª namorada, Ambrósio Almeida, veterinário com pós-graduação na Bolívia, resolveu pular da janela do seu apartamento, situado no 13º andar de um edifício, fantasiado de Pierrô.

Apesar de várias tentativas, Ambrósio continuou vivo depois dos saltos. Ao estudar o caso, o psiquiatra que o tratava percebeu que tal era seu desespero que Ambrósio pulava sempre para o lado de dentro da janela. Ambrósio declarou: "Nem no Carnaval eu consegui pular de Pierrô".

Segunda — A senhora Alexandra Xandra guardava, com amor, há mais de dez anos, um amuleto que seu marido lhe dera ao falecer. Quando em casa, ela o colocava sobre sua mesinha-de-cabeceira. Durante as férias, nunca esquecia de guardá-lo na mala. Na rua, no táxi, no ônibus, a senhora Xandra sempre levava consigo seu amuleto. Hoje, depois de dez anos de fidelidade e luto, enquanto se preparava para assistir ao desfile das escolas, a senhora Xandra resolveu, por pura curiosidade, puxar a argolinha que enfeitava a cabeça do amuleto. Foi só então que percebeu, tardiamente, que se tratava de uma granada. O enterro será na Quarta-Feira de Cinzas, nos lotes 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129 e 130.

Terça — O senhor Ingmaar Beergosen, sueco naturalizado, caiu ontem à noite em sono cataléptico, para surpresa e consternação de sua família. Imediatamente foi chamado um médico, que declarou morto o paciente. A família, consternada, se reuniu pranteando o ente querido. Pouco depois, já na manhã de hoje, no instante em que dois de seus melhores amigos vieram buscá-lo para sair no Bloco do Estou Calmo, que reúne vários suecos naturalizados, Ingmaar acordou animadíssimo. Assustados, todos os presentes fugiram correndo, inclusive a viúva. Só permaneceu no local do ex-velório o médico, doutor Fernando Fernandes, que caiu ali mesmo, morto de susto. Ingmaar só é esperado em casa no próximo Carnaval.



FAÇA COMO WELLATON: MUDE. E DEIXE A CONCORRÊNCIA MORRENDO DE INVEJA.

A embalagem de Wellaton mudou, mas a sua fórmula de beleza continua a mesma maravilha. O único shampoo que lava e, ao mesmo tempo, permite tonalizar os cabelos com cores iguais, ou mais escuras. Além de poder clarear o seu tom natural. Numa simples lavagem, os cabelos ganham uma nova tonalidade viva e luminosa que se intensifica a cada nova aplicação.

Wellaton O ÚNICO SHAMPOO QUE LAVA COLORINDO.


WELLA
Perfectly You



Wellaton
SHAMPOO CLAREADOR

Wellaton
SHAMPOO CLAREADOR

Wellaton
SHAMPOO CLAREADOR

Wellaton
SHAMPOO CLAREADOR

Wellaton
SHAMPOO CLAREADOR

Wellaton
SHAMPOO TONALIZANTE

Wellaton
SHAMPOO TONALIZANTE

Wellaton
SHAMPOO TONALIZANTE

Wellaton
SHAMPOO TONALIZANTE

Wellaton
SHAMPOO TONALIZANTE

180 LOURO
65 LOURO ABRILHADO
66 LOURO DOURADO
67 LOURO ACINZENTADO
59 CASTANHO DOURADO
55 CASTANHO CLARO
51 PRETO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Executivo: Luiz Gabriel Rico

Diretor de Recursos Humanos: Angelo Meniconi
Diretor Superintendente de Distribuição: Carlos R. Berlinck
Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento: Fábila Moutinho

veja

Diretor de Redação: Mario Sergio Conti

Diretor Adjunto: Tales Alvares
Redator Chefe: Paulo Moreira Leite
Editores Executivos: Eduardo Oinegue, Laurentino Gomes, Maria Cecília Marra (arte), Vilma Gryzinski
Editores: André Petry, Antenor Nascimento Neto, Igor Fuser, João Gabriel Santana de Lima, Laura Capriglione, Okky de Souza
Subeditores: Angela Klinke, David Friedlander, Edna Dantas, Eliana Simonetti, Flavia Varella, Izalco Sardenberg, Jaime Klintowitz, Kaíke Nanne, Mario Sabino, Maurício Cardoso, Neuza Sanches, Rinaldo Gama
Editores Assistentes: Angela Pacheco Pimenta, Celso Masson, Darlene Menconi, Fábio Lúcio Sanchez, Karina Pastore, Morris Kachani, Sibelle Pedral
Editores Especiais: Dorrit Harazim, Geraldo Mayrink, Marcos Sá Corrêa, Roberto Pompeu de Toledo, Silvio Ferraz

REPORTAGEM

Secretário de Redação: Julio Cesar de Barros
SÃO PAULO - Repórteres: Angélica Santa Cruz, Joaquim de Carvalho, Ricardo Grinbaum, Valéria França - BELO HORIZONTE - Chefe: Eduardo Junqueira - BRASÍLIA - Chefe: Luis Costa Pinto; Editor Especial: Expedito Filho; Editor: Policarpo Jr.; Subeditores: Leonel Rocha, Mônica Bergamo; Editores Assistentes: Daniela Mendes, Gustavo Paul, Silvana Dal Bosco; Repórter: Felipe Patry - CURITIBA - Marcos Pivetta - RIO DE JANEIRO - Chefe: Ancelmo Gois; Editor: Fábio Altman; Subeditor: Arnaldo Cesar; Editores Assistentes: Eliane Azevedo, Altair Thury Filho; Repórteres: Maria Elisa Alves, Virginie Leite - SALVADOR - Chefe: Ernesto Bernardes - PORTO ALEGRE - Chefe: João Fábio Caminoto - RECIFE - Chefe: André Barros - BERLIM - William Waack - Nova York - Eurípedes Alcântara
Colaboradores: Diogo Mainardi e Jô Soares
Atendimento ao Leitor: Fabiana Fernandes de Macedo
Checadores: Adam Sun (chefe), Clara Ywata, Ieda Passos, Marcello Marthe, Maria Margarida Negro

FOTOGRAFIA

Fotógrafos: Antonio Milena, Claudio Rossi, Egberto Nogueira (São Paulo); Oscar Cabral, Paulo Jares (Rio); Roberto Jayme (Brasília)
Produção: Gilda Castral

ARTE

Editor: Alfredo A. Vaz
Diagramação: Cristiano Tadeu Faé Rosa, Mario José Carvalho, Reinaldo Antunes de Moura, Sergio dos Santos, Wander Luiz Silva
Ilustração: Rodrigo Andrade (capas), Andreia Caires, David Prenero, Norton Mattos

APOIO EDITORIAL

Gerente de Serviços Fotográficos: Davi Moura
Gerente Depto. de Documentação: Susana Camargo
Gerente Abril Press: José Carlos Augusto
Gerente Nova York: Grace de Souza
Gerente Paris: Pedro de Souza
Serviços Internacionais: Associated Press/Agence France Presse/Reuters/Matérias internacionais via Varig

Diretor Comercial: Gilberto Fischel

CIRCULAÇÃO

Diretor de Marketing: Wagner Nabuco de Araújo
Circulação Assinaturas: André Hermann
Circulação Avulsas: Osmar Lara

PUBLICIDADE

Atendimento de Agências
Gerente de Grupo: Roberto Nascimento
Gerentes Executivos de Negócios: Eliani Prado, Angelo Derenze, Antonio Carlos de Campos, Dario Castilho de Azevedo, Mariane Ortiz, Pedro Bonaldi, Moacyr Guimarães, Elian Trabsulsi, Rogério Gabriel, Cláudio Bartolo (RJ), Márcia Alvaredo (RJ), Rogério Ponce de Leon (RJ)
Gerentes para Anunciantes Diretos: João Paulo Pizarro, Paulo Renato Simões (RJ)
Gerente da Central de Comercialização de Diretos: Alberto Simões
Gerente de Escritórios Regionais: Marcos Venturoso
Diretor de Adm. e Planej.: Rodinaldo Escocard de Souza

ASSINATURAS

Diretor de Atendimento e Operações: Paulo Vasconcelos
Diretores de Vendas: Eduardo Macedo, Vicente Argentino

Diretor Brasília: Luiz Edgar P. Tostes

Diretor Rio de Janeiro: Luiz Fernando Pinto Veiga

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES

COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062 - Fax: (415) 851-9987
Strube Coughlin Associates, Inc. 112 Laurel Avenue, Larchmont, New York 10538 (914) 834-0228 - Cables: MEDIAFORCE - EUROPE: HZI International Ltd., Africa House 64-78 Kingsway, London WC2B 6AH, Tel: (071) 242-6346, Fax: (071) 404-4376 - JAPAN: Tokyo Representative Corporation - Sanshinkogyo Building 2-10, Kanda Jimbo-cho, Chiyoda-Ku, Tokyo 101 (03) 3230-4117 - Telex: J26860 - Cables: REPREDITV

VEJA is published weekly by EDITORA ABRIL S/A (Rua do Carmo, 769 - São Paulo, SP, CEP 05065-001 - Brazil). A Yearly subscription abroad costs US\$ 280,00. Single copies for US\$ 5,40. Para assinar ligue: (011) 823-9100, ou escreva para: Rua do Carmo, 769 - CEP: 05065-001 - São Paulo - Brazil.

OS NEGÓCIOS DE QUEM UTILIZA ELASTEX VÃO DE VENTO EM POPA.

Sabe por que está tudo azul para quem comprou 450 mil quilos de Elastex? Esse tecido, produzido com elastano importado dos Estados Unidos, estica e volta, custa 30% menos que os outros e é perfeito para quem quer confeccionar maiôs, lingerie e roupas para ginástica e ballet sem morrer na praia.



E.L.A.S.T.E.X
QUALIDADE CHAR-LEX
DISK-ELASTEX 0800-118255

veja

EM SÃO PAULO:

Redação e Correspondência: av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do O, CEP 02909-900, tel: (011) 877-1322, fax: (011) 877-1640.

Publicidade: r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04573-900, tel: (011) 534-5344, fax: (011) 534-5638.

Administração: av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do O, CEP 02909-900, tel: (011) 877-1322, fax: (011) 877-1640.

ESCRITÓRIOS NO BRASIL

Belo Horizonte: r. Paraíba, 1122, 18.º and., Funcionários, CEP 30130-141, tel: (031) 261-6104, fax: (031) 261-7114

Brasília: SCN - Q. 1 Bl. Ed. Brasília Trade Center, CEP 70710-902, tel: (061) 315-7575, fax: (061) 315-7539

Campo Grande: r. Ametista, 85, Coorparádio, CEP 79002-970, tel: (067) 787-3685

Cuiabá: r. G, casa 8, Setor Oeste, Morada do Ouro, CEP 78000-000, tel: (065) 644-1539

Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 12.º and., Centro Cívico, CEP 80530-000, tel: (041) 252-6996, fax: ramal 225

Goianânia: r. 1127, 220, Setor Marista, CEP 74175-060, tel: (062) 241-3756, fax: (062) 281-6148

Porto Alegre: r. Antenor Lemos, 57, 8.º and., sl. 802, Menino Deus, CEP 90850-100, tel: (051) 229-5899, fax: (051) 229-4857

Recife: av. Dantas Barreto, 11186, cj. 902, São José, CEP 50020-000, tel: (081) 424-3333, fax: (081) 424-4216

Ribeirão Preto: r. Garibaldi, 919, CEP 14010-170, tel: (016) 635-9630, fax: (016) 635-9233

Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º and., Botafogo, CEP 22290-030, tel: (021) 546-8282, fax: (021) 275-9347

Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, sl. 604, Pituba, CEP 41829-900, tel: (071) 371-4999, fax: (071) 371-5583

São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, CEP 12245-670, tel: (0123) 21-1126, fax: (0123) 21-5046

Vitória: av. Rio Branco, 304, lojas 10 e 11, Bairro Santa Lúcia, CEP 29055-640, telefax: (027) 227-2817

ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, suite 3403, New York, N.Y. 10165/3403, tel: (001212) 557-5990/5993, telex (00) 237670, fax: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel: (00331) 42.66.31.18, telex (0042) 660731 ABRILPA, fax: (00331) 42.66.13.99

Portugal - Importação exclusiva e Comercialização: Editora Abril (Portugal), Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel: 414-3078/414-2599, fax: (003511) 414-3227. Distribuidora: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linho, 2710 Sintra, tel: (003511) 924-0047, Fax: (003511) 924-0429.

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

INTERESSE GERAL

VEJA • GUIA RURAL • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE

INFORMÁTICA EXAME • VIP EXAME

ECONOMIA E NEGÓCIOS

EXAME

AUTOMOBILISMO E TURISMO

QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

ESPORTES

PLACAR

MASCULINAS

PLAYBOY

FEMININAS

CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM

MONTRICOT • CAPRICHIO

DECORAÇÃO E ARQUITETURA

CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

VEJA 1 381 (ISSN 0100-7122), ano 28/nº 09, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. Assinatura: ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou do distribuidor das revistas Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP S/A - CEP 06053-990, Cx. Postal 2505, tel: (011) 810-5001, r. 213/244, fax: (011) 810-4800, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER

Serviço ao Assinante:
tel: (011) 823-9222

IVZ

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Tel: (011) 877-1150 e 877-1588

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi,
Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira,
José Wilson Armani Paschoal, Plácido Loriggio,
Sergio Soares Reis, Thomaz Souto Corrêa

CARTA AO LEITOR

Caçador de notícias no espaço cibernético

O jornalista Eurípedes Alcântara, correspondente de VEJA em Nova York e autor da reportagem de capa desta semana, teve duas surpresas na primeira vez em que entrou na Internet, a rede pela qual se comunicam 40 milhões de usuários de computadores no mundo inteiro. Primeiro, descobriu que nessa comunidade virtual as pessoas se irritam muito facilmente com os novatos. "Só porque sabem alguns comandos a mais que você, os veteranos da rede sentem-se ofendidos quando encontram suas dúvidas de iniciante nas áreas de debates mais elevados", conta. A segunda surpresa foi notar que à irritação se segue uma enorme disposição de ajudar os que acabam de chegar. Foi assim que Alcântara passou a usar a Internet para resolver grandes e pequenos problemas. Ele costuma acessar a rede para encontrar um médico, comprar um remédio, pagar contas ou fazer compras de supermercado. No frio do inverno nova-iorquino, fazer essas coisas sem precisar sair à rua é uma maravilha.



Alcântara: surpresas na Internet

FOTOMONTAGEM: ANTONIO MILENA REGIS FILHO

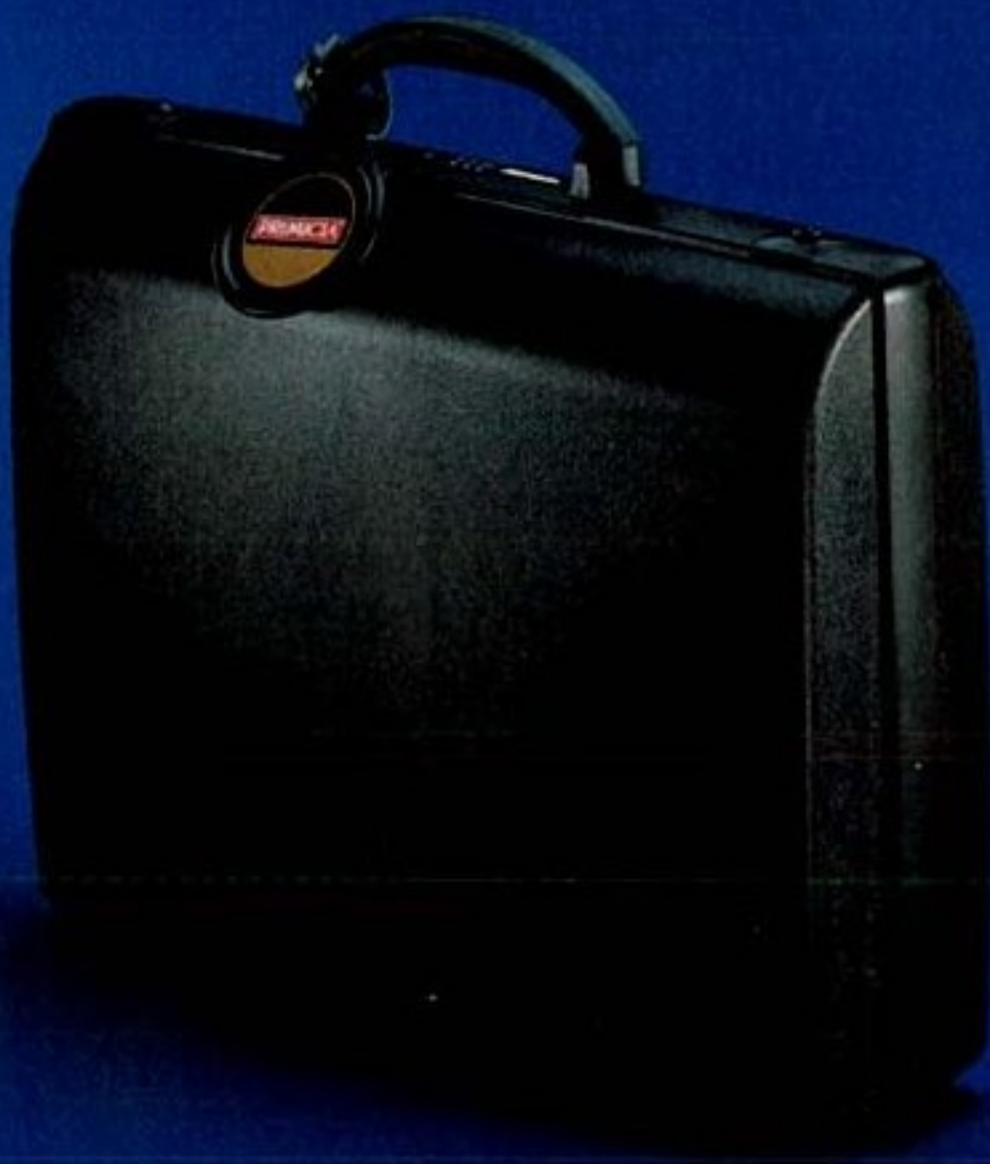
Na Internet, Alcântara encontrou também uma ferramenta preciosa na apuração de suas reportagens. "Para um jornalista, é a maior invenção desde o bloco de anotações que cabe no bolso da camisa", diz ele. A rede é um mundo de cultura, arte, aventura, tecnologia, comportamento, religião e diversão. Além de consultar arquivos, enciclopédias e livros eletrônicos, é possível mandar através do computador um recado no meio da madrugada para algum pesquisador que se deseja entrevistar e, graças ao fuso horário, encontrá-lo acordado do outro lado do mundo. Dessa maneira o jornalista encontrou, em dezembro, o professor Luca Cavalli-Sforza, da Universidade Stanford, e o entrevistou para uma

reportagem sobre a igualdade genética das raças.

Alcântara soube pela primeira vez das imensas possibilidades da Internet para o jornalismo por um veterano usuário, William Waack, correspondente de VEJA em Berlim, que utiliza a rede para conversar com suas fontes em Moscou. Hoje, ambos podem ser localizados na rede através de seus respectivos endereços eletrônicos, chamados de e-mail. O de Alcântara é euripe@pipeline.com. O de Waack, 100141,3567@compuserve.com.

Capa: fotomontagem de The Stock Market/Contexto

UMA ÓTIMA APARÊNCIA. UM GRANDE CURRÍCULO.



MALETA PRIMICIA EXECUTIVE. O QUE ELA TEM DE BONITA, TEM DE PROFISSIONAL

SERVIÇO AO
CONSUMIDOR
PRIMICIA
0800-11-3010
LIGACÃO GRATUITA

Se você se deixar levar pela emoção, pelo lado pessoal, você vai comprar a maleta Primicia Executive pela aparência: é bonita e tem um design moderno e arrojado. Se você se deixar levar pela razão, pelo lado profissional, você vai comprar a maleta Primicia Executive pelo currículo: é produzida em polipropileno injetado de vida ilimitada, o acabamento é limpo e perfeito, tem a qualidade Primicia e pelo menos 40 anos de experiência no mercado. Maleta Primicia Executive. A única que você pode comprar com emoção e com razão.

PRIMICIA

A MALA MAIS VENDIDA DO BRASIL

A vida nas ilhas da avacalhação

Em crise de utilidade e desacreditadas, as Assembleias estaduais pedem reformas

MARCOS SÁ CORRÊA

Quando a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro se reúne, o resultado pode ser sessão ou blitz. Duas pistolas e onze revólveres calibre 38 foram barrados na terça-feira passada na entrada do Palácio Tiradentes, velho prédio da Câmara dos Deputados, herdado da capital da República com todo o cortejo de alegorias, concebidas nos anos 20 para que ali os políticos se sentissem num "templo austero e sóbrio". As intenções dos arquitetos continuam de pé, apesar de algum cupim no forro, do pedestal de alabastro quebrado numa convenção do PMDB e dos grandes embrulhos que enfeitam a fachada, evitando que a Independência e a República despejem cascas de cimento em transeuntes. Quem entra na Assembleia, depois de passar pelos nichos da Ordem e do Progresso, agora cruza também com um detector de metais.

Neste verão, os anais da política fluminense registram que o novo presidente da Casa, deputado Sérgio Cabral Filho, tucano de 32 anos, eleito em nome da renovação de métodos na Casa, recolheu seis escopetas Winchester calibre 12, seis revólveres 38, três pistolas 45 e uma submetralhadora Uzi ao demitir trinta capangas da guarda do antecessor, o

ex-deputado José Nader. Cabral Filho exotou seis funcionários com sobrenome Nader da folha de seu gabinete. Denunciou que a gestão anterior gastara só em janeiro mais de 1 milhão de reais com 4 845 vales de alimentação, eufemismo para um capilé de 205 reais que mantinha mais de 1 000 pessoas penduradas na folha de pessoal. Abriu à visitação o banheiro privativo da presidência, onde reza a lenda que Nader se trancava para saldar contas de suborno. O banheiro, atrás de uma porta camuflada nos lambris de imbuia com frisos góticos, virou esconderijo por malversação do pudor arquitetônico.

O ciclo Nader se fechou neste mês com a Assembleia gastando 4,1% do orçamento estadual e o ex-presidente cercado de processos por sonegação, enriquecimento ilícito e a compra de setenta automóveis Tempra para os deputados. Ele ainda pegou carona num escândalo federal, a CPI dos Anões, porque o Instituto Assistencial Antônio Belino Rodrigues Leite, entidade beneficente que abriga dez pessoas da família Nader, foi flagrada desviando 3 milhões de dólares do erário. Nove deputados, controlando a Secretaria de Saúde, ajudaram o governo Brizola

O Brasil tem 27 assembleias estaduais — uma em cada um dos 26 Estados e uma no Distrito Federal, criada em 1991 com o nome oficial de Câmara Legislativa. Seus deputados têm duplo papel. Atuam ao mesmo tempo como deputados e vereadores

Na atual legislatura, há 1 064 deputados estaduais no país, o equivalente a quase dois Congressos Nacionais. A maior Assembleia do país está em São Paulo. Tem 94 cadeiras. É maior do que o Senado



JADER DA ROCHA

No Paraná, dois deputados começam uma discussão no plenário e terminam na garagem: cinco tiros no BMW



ALCIDE FILHO

Na Assembleia do Piauí, crise e crimes: deputado acusado de estelionato e roubo de carro



FERNANDO SA

No Ceará, consagrou-se a Rachadinha: fantasma não precisa trabalhar, desde que rache o salário com os deputados



EDISON VARRA

O eleitor não se perde na Assembleia gaúcha: sistema multimídia mostra onde estão os gabinetes e bancadas



Falta lugar na Paraíba para telefonistas: são 26 para duas vagas e turnos de duas horas



A Assembleia paulista sempre faz maioria para o governador: apoio com créditos subsidiados no Banespa



Gastança na Assembleia de Sergipe: já houve até casos de estourar a conta com compra de flores



No Rio, este endereço teve dias melhores: foi Câmara Federal. E teve piores: foi cadeia pública



Na Bahia, o setor de transportes é um feudo: dez chapas frias e dois carros roubados



Em Pernambuco: à sombra do abolicionista Joaquim Nabuco, pobres lavam carros de políticos



O sumiço na Assembleia de Alagoas: dos 27 deputados, só nove voltaram. A maioria sumiu levando os carros



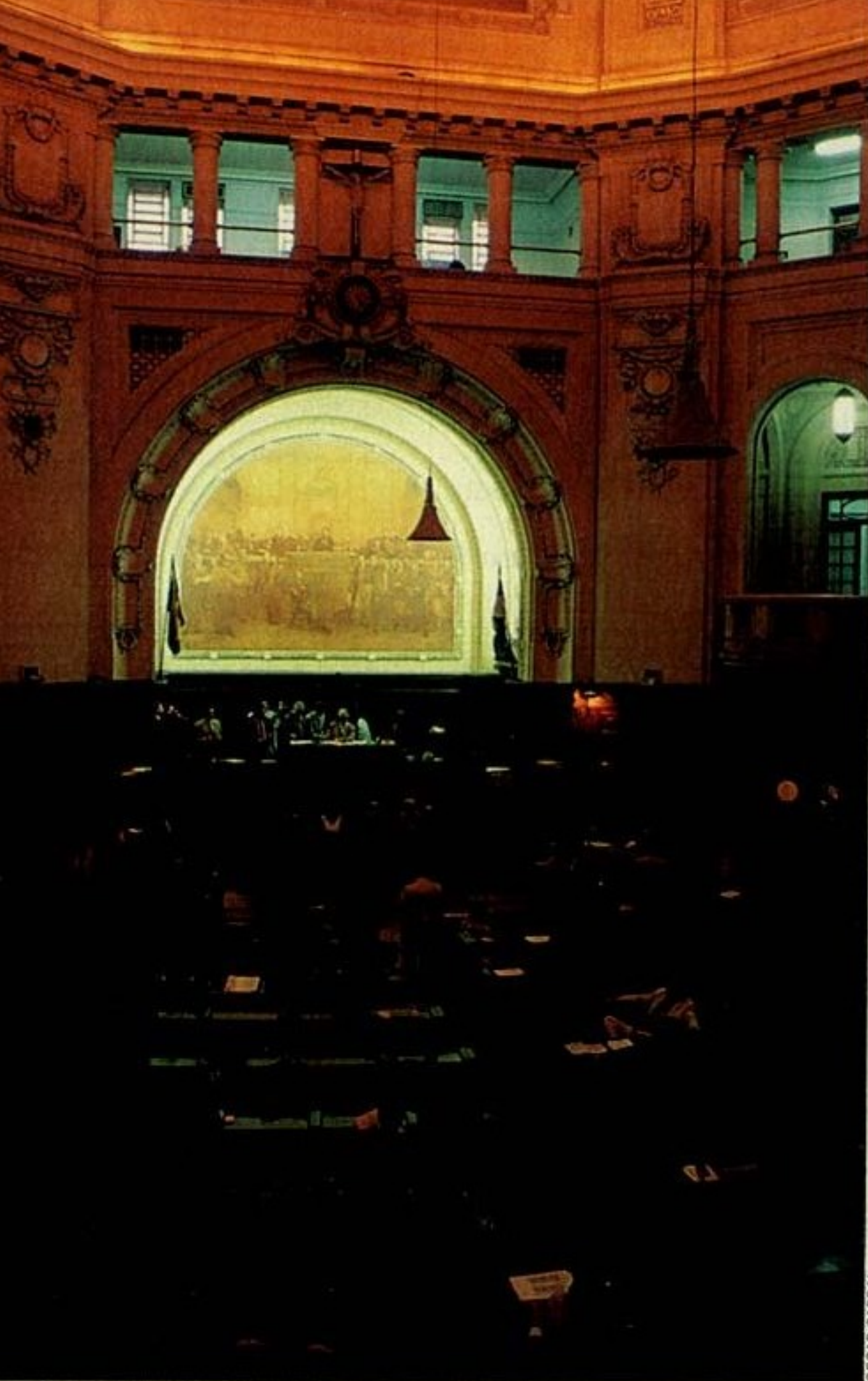
A Assembleia mineira deveria ter uma placa: "Aqui se pagam 1 966 reais por dia a deputados"

a devastar os hospitais do Estado, a golpes de superfaturamento e licitações fictícias. Os donos de ônibus intermunicipais pagavam uma taxa mensal de proteção (trinta deputados, 5 000 reais por cabeça, segundo o petista Carlos Minc) para não ser molestados. Sete deputados figuraram no rol de corrupção do jogo do bicho, dois são acusados de proteger grupos de extermínio. "Esta Assembleia não se organiza por grupos ideológicos, mas por ramos de delito", diz Minc.

PEIXE HERMAFRODITA — Isso pode dar ao Legislativo do Rio uma certa cor local. Mas, como no caso da Segurança Pública, não lhe dá exclusividade na matéria. A Assembleia do Rio tem 98 ascensoristas para dez elevadores? Pois a da Paraíba reveza 26 telefonistas, em turnos de duas horas, diante de uma mesa onde só cabem duas operadoras, sem problemas para as ligações porque todos os 36 deputados usam telefones da Casa. O Rio engavetou vinte assessores em cada um dos seus setenta gabinetes? Pois em Alagoas são 38, e a Assembleia tem 3 800 servidores para 27 deputados. Lá, o deputado Antônio Albuquerque passou fevereiro cercado a frota oficial. Dos 27 deputados do ano passado, só nove se reelegeram. A maioria sumiu. Levando os carros. Quinze foram devolvidos sem ar-condicionado e toca-fitas.

Na Bahia, o presidente Otto Alencar casou dez chapas frias nos veículos da Assembleia. Dois carros oficiais foram roubados no ano passado quando estavam a serviço de deputados, sem provocar queixa à polícia nem inquérito administrativo. Nenhuma providência foi tomada, sob os olhares do imenso painel que Carlos Bastos pintou, retratando os principais personagens baianos e, tempos depois, restaurou para incluir a novidade Daniela Mercury. A Assembleia cearense consagrou a Rachadinha, acordo entre deputados e fantasmas, que ficavam dispensados do expediente desde que dividissem com eles as gratificações. Mesmo assim, a "Assembleia é bem melhor que a do Rio", segundo seu presidente, Cid Gomes, 31 anos, PSDB, irmão do ex-ministro da Fazenda. Sérgio Cabral Filho passa: "Em Minas é pior". Lá, em janeiro, cada deputado faturou 27 739 reais, graças ao enxerto de ajudas de custo e gratificações nos vencimentos fixos de 3 714 reais. Pelos oito dias de trabalho deste mês, que começou na virada da quinzena e acabou no Carnaval, os deputados mineiros ganharam 15 732 reais. Dá a bagatela de 1 966,50 reais por dia. Em Salvador, a Assembleia paga 87 000 reais por mês para instalar gabinetes no anexo que ela construiu com verbas próprias e doou ao fundo de pensão dos parlamentares.

A feira de casos acaba ficando repetiti-



No prédio de 1922 da Assembléia do Rio, escadarias de ônix, bronzes, mármore e murais de Elyzeu Visconti para inspirar os deputados: grito de guerra da galera funk, "U-tererê", durante a posse do novo presidente

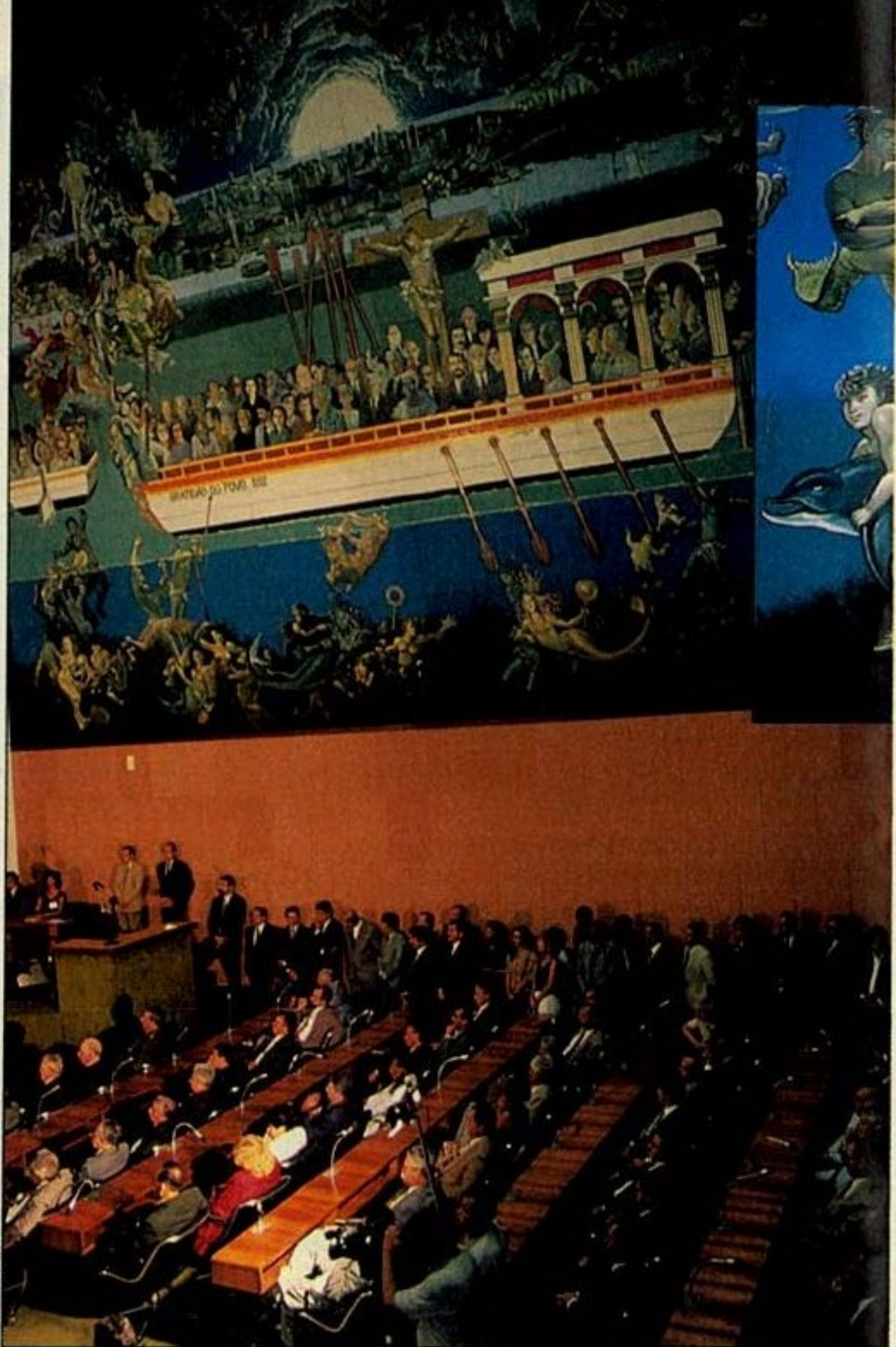
va. Mas o fato é que as Assembléias dificilmente encontram outras histórias para contar. Elas são o galho mais seco do Poder Legislativo, cujo tronco, em matéria de popularidade, já não é viçoso. No Congresso, apesar dos defeitos físicos, sempre se pode admirar a alma do regime democrático. Nas Câmaras de Vereadores o julgamento é complexo, devido à refração por 5 000 municípios tão diversos que não há sentença que abrace. No meio, ficam as Assembléias. São 27, incluindo a de Brasília. Somadas, suas bancadas ocupam quase o dobro das cadeiras do Congresso. Pelo inchaço, costumam ser populosas como cidades. Ou são grandes, numerosas e até balofas, mas quase sempre invisíveis. A Câmara de Brasília existe há quatro anos. Só foi notada porque seus deputados se engalfinharam neste mês na eleição de um

símbolo para a capital, disputado pelo pirá-brasília, peixe em extinção no Planalto, e pelo guará, lobo do cerrado. O projeto que nomeava o pirá bateu de frente com o do deputado César Lacerda, partidário do lobo. Ele considera que o *Cynolebias boitonei*, o tal peixe, é hermafrodita. "Bicha", resume Lacerda.

PMDB MALUFISTA — As Assembléias sofrem de uma endêmica desimportância. Sua insignificância, para não parecer má vontade da imprensa, está atestada por uma pesquisa acadêmica, coordenada pelo professor Régis de Castro Andrade, no Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, de São Paulo. Numa devastadora rajada de dados e conclusões, o sociólogo Fernando Luiz Abrucio, depois de examinar a performance de deputados estaduais em dezesseis Estados,

constata que na restauração civil "o presidente da República e o Executivo perderam poder frente ao Congresso e ao Supremo Tribunal Federal", mas os governadores mandam e desmandam em suas Assembléias. Tratadas como casas da sogra, "sempre pela via da distribuição de recursos e cargos do Executivo a cada parlamentar", elas se recolheram à sua insignificância. A praxe geral é "a homologação do Orçamento mandado pelo Executivo". Em São Paulo, uma Assembléia mastodôntica, que em março atingirá 94 cadeiras, é notória pelo que não faz. Ancora-se nela uma dinastia que, sem mudar de métodos, trocando só de legendas, atravessou incólume os governos Paulo Maluf, Orestes Quêrcia e Luiz Antonio Fleury Filho.

Fleury se elegeu em 1990 na crista de uma coligação de esquerda contra Maluf. Assumiu



As menores assembleias estaduais têm dezessete cadeiras.

É o caso dos Estados de Roraima e Amapá, que por ter menos de 600 000 habitantes e dez anos de vida, tiveram suas bancadas reduzidas pela Justiça Eleitoral nesta legislatura. O número de cadeiras caiu de 24 para 17



FOTOS FERNANDO VIVAS

A sereia Daniela Mercury, divertida novidade no painel da Assembléia baiana introduzida pelo pintor Carlos Bastos. No mais, nada divertido: recursos são doados para o fundo dos parlamentares

com uma bancada de 29 votos. Em semanas, arrebanhou 56 deputados. Manteve-os no cabresto até o fim do mandato. Em outras palavras, o PMDB de São Paulo é malufista. É perito em sufocar CPIs, tendo asfixiado só na última legislatura os inquéritos sobre o Pogrom do presídio do Carandiru, sobre a matança de meninos de rua e a promiscuidade do governo com o jogo do bicho. As contas dos governos Paulo Egydio Martins, Maluf, Franco Montoro e Quéricia nunca foram votadas. Isso cobre mais de vinte anos. Fleury quebrou São Paulo fabricando déficits nas barbas do Legislativo.

O sociólogo Abrucio levanta a bola, e a dupla Valeriano Mendes Costa e Carlos Thadeu de Oliveira corta. Autores de capítulo que nem parece coisa de cientista social — a começar pelo título incisivo, "A fraqueza da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo" —, eles afirmam: "O que mais surpreende no Estado brasileiro de maior desenvolvimento sócio-econômico, em que se concentram as mais organizadas e combativas forças políticas do país (PT, PSDB, PMDB), os mais fortes sindicatos e associações empresariais, uma imprensa independente e de grande circulação nacional, é que o sistema político apresenta padrões de interação institucional semelhantes aos dos Estados mais pobres da federação". O pior, lembram, é que "os legislativos estaduais têm pouca visibilidade diante da população em geral e tiveram um papel quase nulo no processo de redemocratização". Em suma, a corrupção das Assembléias foi deliberada e sistemática, em proveito da liberdade

Mar em Minas e microfone despetalado

O humor involuntário do burocratês

Dos motivos capazes de levar um cidadão a ler um *Diário Oficial*, divertir-se é a última hipótese. Mas quem tiver a pachorra de roer o noticiário das assembléias, entre páginas inteiras de palavras descartáveis, moções inúteis, projetos criptografados revogando dispositivos incógnitos da portaria número tal, ou a ata diária dos ritos imutáveis de uma sessão legislativa, encontrará obras-primas do humor involuntário. Acha-se de tudo, até um projeto regulando a pesca no "mar territorial" em Minas Gerais. Nada, porém, supera a tribuna. A seguir, exemplos de caricaturas políticas publicadas com a tinta e o papel dos governos estaduais:

O deputado Tuninho Duarte apresenta sua indicação legislativa nº 003312/94, na Assembléia do Rio de Janeiro:

— Artigo 1. O Poder Executivo fica autorizado, sob a forma de aproveitamento, a admitir no serviço público os candidatos aprovados no concurso para auxiliares de necropsia, dando-se preferência a investidura no cargo de carcereiro.

O deputado Florisvaldo Fier, tratado cerimoniosamente pelo apelido que contraiu por usar sempre camisetas cor-de-rosa, interpela o presidente da Assembléia paranaense:

O Sr. Dr. Rosinha — Sobre esta mesa havia um requerimento do Deputado Algaci Túlio. Solicito informação se foi retirado. É um que faz sugestão ao Bamerindus para abrir uma agência entre Curitiba e Almirante Tamandaré.

O Sr. Presidente (Hermas Brandão) — Foi votado, nobre deputado, e aprovado.

O Sr. Dr. Rosinha — Registre o voto contrário do Partido dos Trabalhadores, porque nós não somos *office-boys* de banco privado nem pesquisadores de mercado para sugerir a abertura de agências deste ou daquele banco em alguma área do Estado ou do país.

O Sr. Algaci Túlio — Eu quero esclarecer ao deputado Rosinha que também não sou *office-boy* do Bamerindus, muito embora tenha sido bancário do extinto Banco Inco, hoje Bradesco.

A deputada Maria Elvira relata, da tribuna, uma visita à loja da mulher do presidente da Assembléia mineira:

— Eu consegui, Sr. Presidente, que o homem da limpeza, de nome Ulisses, abrisse a porta para mim e, embora já fosse muito tarde, pude ver o Armazém de Minas, com suas aguardentes, rosas, melões, doces, queijos, temperos.

A deputada Regina Rossignollo, derrotada na eleição passada, despede-se da Assembléia gaúcha:

— Apenas gostaria de lembrar neste momento uma frase. Onde fica o perfume de uma mulher, também pode ficar a coragem desta mesma mulher.

O deputado Lourenço Fregonese justifica no Paraná seu requerimento nº 1.342, contendo votos de pesar:

— A notícia correu de boca em boca e logo toda a comunidade sabia que a Senhora Correia Leone, esposa do Senhor Renato Leone, havia falecido.

O deputado Colbert Martins Filho pede a palavra na Assembléia baiana:

— Sr. Presidente, uma questão de ordem: o microfone foi agredido e encontra-se despetalado, na melhor das hipóteses. Alguém abocanhou o patrimônio da Assembléia Legislativa.

O presidente da Assembléia gaúcha encaminha a votação de emenda do deputado Mendes Ribeiro Filho, que é um primor de nonsense:

"EMENDA MODIFICATIVA

A alínea "b" do § 1º do art. 29 da Lei nº 10.045/93, cuja nova redação é determinada pelo art. 1º deste Projeto de Lei, fica da seguinte forma:

Art. 1º —

§ 1º —

a) —

b) — a partir de 1º de janeiro de 1995, por recursos orçamentários próprios, atualizados monetariamente, acrescidos anualmente de montante equivalente ao percentual da taxa de crescimento da economia deste Estado, verificada no exercício anterior.

§ 3º —

...

Solicitamos aos Srs. Deputados que registrem seus votos. (pausa)

(Procede-se à votação pelo painel eletrônico)

Deputado com peso de vereador

Representantes trocam os papéis em Brasília

Com quatro anos de vida, 30 milhões de reais para gastar neste ano, plantada num parque da Asa Norte e camuflada como um dos raros prédios públicos de Brasília sem o sotaque monumental da arquitetura de Oscar Niemeyer, a Câmara Legislativa do Distrito Federal é uma espécie de superfaturamento. "Somos ao mesmo tempo vereadores e deputados", diz seu presidente, Geraldo Magela. Vista pelo lado da modéstia, a declaração indica que ali há 24 deputados obrigados, pela singular condição de se designarem estaduais sem representar propriamente um Estado, a meter a mão em assuntos munici-

ra. Quatro mil votos elegem um deputado em Brasília — embora um deles, o empresário Luiz Estevão, 300 milhões de dólares de faturamento anual, investisse o bastante nas eleições do ano passado para conseguir o exagero de 46 000 votos, num mandato suntuoso como convém a um primeiro-amigo do ex-presidente Collor.

Infelizmente, a extravagância no Legislativo de Brasília não conta só com os gastos pessoais de Luiz Estevão. Está embaixo do plenário, em que começa a crescer a pilha de funcionários. Já são 1 181, dos quais 631 concursados. Cada gabinete desfralda

de ação dos governadores. Conta o senador paulista Eduardo Suplicy, que viu a onda se formar no governo Maluf: "Éramos 79 deputados, 53 do MDB contra 26 da Arena malufista. No primeiro teste, a oposição deixou passar a eleição indireta do prefeito Reynaldo de Barros por voto indireto, que era contra o programa do partido. Maluf tinha negociado o apoio de metade do MDB, com créditos subsidiados no Banespa e na Caixa".

OMBUDSMAN — Uma década e meia depois, pergunte ao brasileiro para que serve a Assembléia Legislativa. Se ele embatucar, não é por ignorância, mas por intuição. "Em geral, as pessoas não sabem muito bem por que elas existem. Não que desejem fechá-las. Apenas, não conhecem suas funções e por isso acabam vítimas de um paradoxo: votam para deputado estadual no político

típico da bica d'água, mas desejam que a Assembléia seja imune ao clientelismo", diz Maria Tereza Monteiro, dona da Retrato, uma sonda da opinião pública. Podem até saber como andar numa Assembléia, como os gaúchos, que têm um sistema multimídia mostrando onde ficam gabinetes e bancadas. Mas é pura geografia. Em Minas, contratado pela Assembléia, o instituto Vox Populi foi às ruas há dois anos traçar o perfil da Casa. "Mais de 50% dos eleitores desconhecem as funções do Poder Legislativo", dizia o relatório. Mas 67% achavam que a maioria dos deputados estaduais recebe propinas e, mesmo não sendo verdade, 35% se declararam informados do fato de que na Assembléia há sala de ginástica para os parlamentares. Em cinquenta municípios do Espírito Santo, o Vox Populi apurou

que 58% dos entrevistados eram incapazes de mencionar um só nome de deputado. Poderiam citar uma lei votada nos últimos seis meses? "Não", responderam 92%. "Vivemos um sistema de representação pública em crise profunda, nas raias da ilegitimidade", lamenta o novo presidente, Ricardo Ferraço. Em Pernambuco, a Assembléia é muito conhecida pelos pobres. À sombra do abolicionista Joaquim Nabuco, eles lavam os carros dos políticos.

Aos 31 anos, em seu segundo mandato de deputado estadual, Ferraço tem uma característica invulgar em seu meio — percebe como é complicado o problema em que se meteu: "Os deputados estão sempre se reunindo para discutir questões de interesse corporativo, assuntos próprios, em



ROBERTO JAYME

A Câmara de Brasília: excesso de funcionários e escassez de projetos

pais — como criar normas para carros que fazem serviço de lotação nas cidades-satélites.

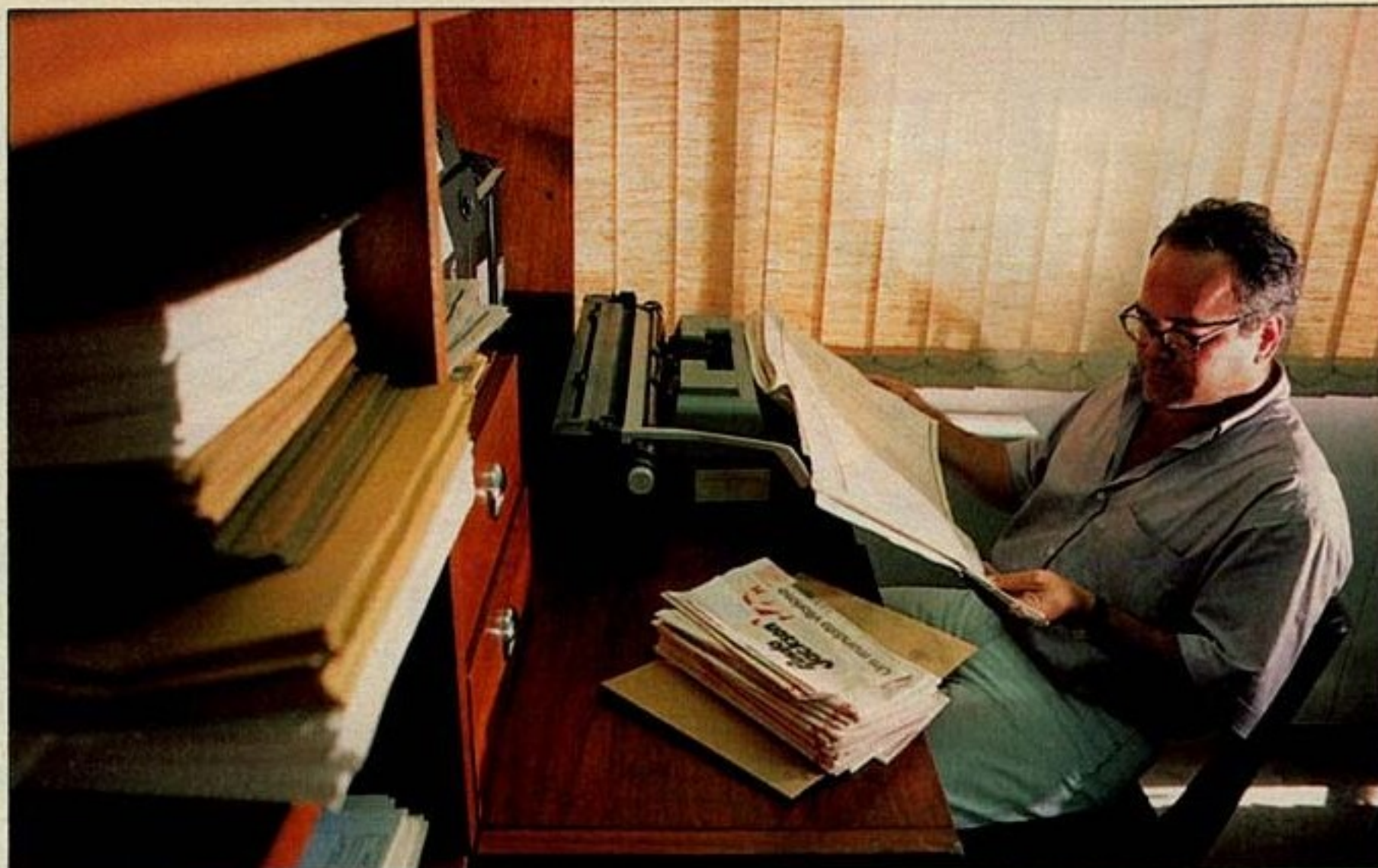
Para os padrões da cidade, a Câmara de Brasília até que é avarenta na hora de conceder os adicionais de função que elevam e consolam a vida pública. Seus deputados não ganham carro oficial, cota de combustível ou auxílio-moradia. Também não prima pela ausência do plenário. Tem sessões de segunda a quinta-feira, sempre de manhã. A sexta, livre, é para "contato com os eleitores", segundo o petista Magela. O que, no caso, é coisa ligei-

dezessete cargos de confiança. A Câmara praticamente empregou um servidor para cada projeto que tramitou por ela desde a estréia, em 1991. Foram ao todo 1 494 projetos. Aprovados, 612, incluindo irrelevâncias, inevitáveis num plenário híbrido em que deputados vereiam e vereadores deputam. Exemplo, a concessão de passes livres em ônibus. Antes que a Constituição de 1988 desse ao Distrito Federal sua Assembléia, todas as pendengas legislativas de Brasília cabiam numa comissão formada por quinze senadores, no Congresso Nacional.

vez de cuidar de coisas que digam respeito ao eleitor". Como manda o figurino desta estação de mudança nas mesas diretoras, a Assembléia do Espírito Santo está em fase de faxina. Acabou a aposentadoria especial para os deputados, está no forno uma corregedoria para monitorar a administração, um código de ética parlamentar e até um ombudsman — que será o representante do eleitorado junto aos representantes do eleitorado. Ferraço acha que não basta: "Não adianta atacar só a corrupção. É preciso que a Assembléia seja mais eficiente. E para isso temos todos de ir para o divã indagar o sentido de nossa existência. A Constituição do Estado tem um artigo, o 63, que a rigor veda ao Legislativo qualquer papel relevante em matéria tributária, orçamentária e de serviços públicos. Ou seja, em tudo o que importa".

"ISSO É PIADA?" — Mais do que denúncias, perguntas sobre a utilidade do mandato deixam deputados estaduais com cócegas. "Isso é uma piada, não é?", retrucou o deputado Carlos Marinho, do Rio Grande do Norte, repetindo a reação mecânica de dezenas de entrevistados no país. Depois, recitou: "Com todo o respeito, é uma dúvida que a própria Constituição responde. É para fazer leis e fiscalizar o Executivo". Ledo engano. Em São Paulo, de tudo o que a Assembléia produziu em 1992 97% eram projetos para batizar escolas públicas. O presidente Cid Gomes, consultado, mandou verificar. Apurou que, nos últimos quatro anos, a 23ª legislatura cearense consumiu 80% de sua atividade com requerimentos — aqueles pedidos que o governo atende se quiser. Do resto, 10% foram votações de propostas dos outros poderes, 5% leis inócuas, como títulos de cidadão honorário, e 5% projetos de autoria própria. Desses, 2,5% foram vetados. Portanto, se

existisse só para legislar, a Assembléia do Ceará sofreria um abatimento de 97,5%. O que não seria pouco, pois está custando neste mês 3,8 milhões de reais ou 3% do orçamento estadual. "Para a maioria dos deputados, a Assembléia é só um emprego", admite Cid Gomes.



O assessor Emanuel Lima: 980 emendas ao orçamento em um ano

Assessor com peso de deputado

Funcionário produz mais que uma Assembléia

Com tanto deputado estadual no país sem saber como suar o mandato, a Assembléia Legislativa da Bahia esconde atrás de um salário discreto (pouco mais de 1 000 reais), e de um título que soa como certidão de anonimato (assessor legislativo), um funcionário capaz de fazer sozinho o que bancadas inteiras nem tentam. Não é retórica. Os 84 deputados paulistas apresentaram 506 emendas ao orçamento de 1993 — 474 propostas menos do que o funcionário Emanuel Lima cravou, no mesmo ano, na mensagem orçamentária do governo baiano.

Administrador de empresas, ex-auditor fiscal que se empregou na Assembléia pela mão de um parente, Lima explica como cresceu no vácuo parlamentar: "De um lado fica a bancada governista dizendo amém a qualquer projeto do governo. Do outro, a oposição tentando fiscalizar tudo o que o governo faz. Não resta tempo para ninguém legislar em favor do povo". E legislar é com ele mesmo. Nesse receso, viajando de ônibus a Feira de Santana, viu focos de incêndio nas matas que beiram a estrada. Mandou ofício para o presidente da Assembléia cobrar da Polícia Rodoviária mais cuidado com o fogo. Há pouco, Lima foi internar um doente no Hospital Geral do Estado e, em vez de velar-lhe a cabeceira, aproveitou para vistoriar os serviços médicos. Saiu do hospital disparando ofícios para todo lado.

Lima traça com voracidade tudo o que os outros acham indigesto: *Diário Oficial*, regimento interno, proposta orçamentária. Decifra de cabeça esfinges do burocratês, do tipo: "Conforme constante no Decreto nº 324, parágrafo 15, revogando-se os dispositivos da Portaria 333/91 da SSP/BA". Para ele, é lazer farejar aquelas verbas indiscriminadas, que os governos costumam entocar em projetos, para atender a futuras conveniências de caixa. Apanhadas no ar, elas são desviadas para programas e regiões que o Executivo preferiria deixar à mingua e o deputado que ele assessora quer atender. Foi assim, nos últimos quatro anos, com seu cunhado Colbert Martins Filho, deputado estadual que no ano passado tentou o salto para um mandato federal em Brasília e perdeu a eleição. Mas, enquanto esteve na Assembléia, Colbert foi escolhido quatro vezes Melhor Deputado da Bahia. Para medir a porcentagem desse título, vale acompanhar daqui para a frente a trajetória do deputado Paulo Jackson, do PT: é para o gabinete dele que agora está soprando o computador de Emanuel Lima. Casado, dois filhos, carro de segunda mão, apartamento hipotecado e um bico de 280 reais por mês dando aulas no Estado, ele é o típico gnomo do serviço público. A mágica: "Sei lidar com orçamentos apertados", diz ele.

Os deputados estaduais podem ganhar, no máximo, 75% dos salários dos deputados federais — o que dá cerca de 6 000 reais. Em Minas, com ajuda de custo e outros adicionais, os contracheques atingiram em janeiro 27 739 reais



RICARDO LEONE AG. O GLOBO

O deputado Sivuca, patrono do massacre de Vigário Geral: estréia do grupo de extermínio do decoro na Assembléia do Rio. Mais sério, na política fluminense, é o portão 18 do Maracanã

incapacitada técnica e profissionalmente", segundo Mendes Costa e Thadeu de Oliveira, do Cedec. Só o PT tem um departamento técnico para guiar seus deputados no labirinto de números do governo.

TIROS NO BMW — Tímidas ao tratar do essencial e desinibidas para brigar pelo acessório, as Assembléias mantêm o quórum de seu comparecimento na imprensa com uma crise permanente, que se desenrola em rota migratória. Há sempre um Estado escancarando as entranhas de seu Legislativo. No Paraná, dois parlamentares encetaram uma discussão em plenário e foram encerrá-la na garagem, com o ex-secretário de Turismo José Afonso Júnior disparando cinco tiros contra o BMW do deputado José Arthur Ritti. No Piauí, onde a Assembléia já transformou em tradição um bingo em que participam funcionários e parlamentares, o deputado Eurimar Freiras foi acusado de roubo de carro e estelionato. No Maranhão, 41 deputados acumularam em quatro anos 3 900 dias de licença médica. Na Paraíba, o deputado Levi Olímpio acusou o colega Aécio Pereira de usar o carro oficial no transporte de cocaína. Em Alagoas, 23 deputados receberam 30 000 dólares cada um para aprovar mensagens do governador Geraldo Bulhões. No Espírito Santo, o de-

putado Ulisses Anders foi apanhado extorquindo vendedores de automóveis importados e fabricantes de cimento. Em Sergipe, a Assembléia gasta de tudo e chegou a estourar até a conta de flores. E assim caminha a legislatura estadual.

Neste ano, os trabalhos se abriram no Rio com uma campanha de moralização pré-carnavalesca. Convencido de que a balbúrdia foi inaugurada por Brizola ao desdenhar entendimentos com a Assembléia, o governador Marcello Alencar empenhou-se na eleição do deputado Sérgio Cabral Filho à presidência da Casa. Na campanha, recebeu a deputada Núbia Cozzolino, que lhe pediu água para a cidade de Magé e saiu proclamando que, atendida, "votaria até na mula-sem-cabeça". Um deputado confidenciou ao governador que saíra com dívidas da campanha mas, se nomeasse um fiscal de rendas amigo, "teria grande alívio". Três deputados, em audiências diferentes, quisessem o mesmo dote: "O portão 18". Essa nem o governador entendeu. Tiveram de explicar-lhe que o estranho objeto de desejo era a principal entrada do Maracanã. Com guardas de confiança na porta, controla-se tudo o que interessa no estádio: estacionamento, vendedores ambulantes, bons lugares. Alencar garante que não operou nesse tipo de câmbio. "Prometi obras, até porque a maioria delas é melhor fazer mesmo", diz ele.

Inscreeu-se assim numa venerável confraria. No Rio, passou pela Assembléia nos

O animado bingo já é tradição na Assembléia do Piauí. Os funcionários organizam e participa quem quiser, inclusive deputados, a 1 real por pessoa: prêmio da ocasião era uma máquina fotográfica

Nem todas as assembléias dão carros aos deputados. No Espírito Santo e em Brasília, por exemplo, eles não têm direito a essa mordomia. Mas, no Paraná, a Assembléia fornece dois carros para cada deputado

A fiscalização do governo é outro chabu, segundo o presidente do Tribunal de Contas do Rio de Janeiro, engenheiro Sérgio Quintella: "A lei orçamentária não é levada a sério. É votada em horas, numa sessão só. A desatenção no Rio é tanta que a mensagem do orçamento já sai do Executivo com um artigo que o autoriza a remanejar livremente 30% das verbas. Ora, isso quer dizer 100% do dinheiro disponível para investimento, porque os 70% que restam estão amarrados às despesas de pessoal e de custeio. Como é que vai fiscalizar governo sem controlar o orçamento?"

Volta o Ceará, com o governador Tasso Jereissati: "No meu primeiro mandato, comecei com 26 deputados, acabei com cinco ou seis. Romperam comigo porque queriam cargos. Mal assumi, vieram propor a partilha: o Instituto da Previdência é do deputado Antônio Câmara, a energia elétrica, dos deputados Pinheiro Landim e Manoel Dutra etc. Não dei, eles brigaram. Mas devo admitir que não bloquearam nada de essencial, a não ser a privatização da Imprensa Oficial e providências de reforma administrativa. Mesmo em plena confusão, minhas propostas de orçamento passavam sem dificuldade". Fala São Paulo: "Se tivesse a intenção de fiscalizar e controlar o Executivo, a Assembléia estaria hoje totalmente



OSCAR CABRAL

anos 70 o deputado José Bonifácio Diniz de Andrade, tetraneito do patriarca da Independência. Hoje ministro do Tribunal Superior Eleitoral, ele conta: "Havia lá um deputado eleito por Bangu, homem simples, mas com muito voto, chamado Ubaldo de Oliveira. Só cuidava de coisas do bairro. Um dia, íamos votar mensagem do governo Lacerda para instalar telefones em Bangu. Eu era oposição e Ubaldo veio pedir meu voto, como se alguém fosse ser contra aquilo. Eu disse que só votava se ele me desse um tablete de chocolate, daqueles com uma vaquinha no rótulo. Ubaldo saiu correndo para comprar".

Tinha graça, sem ter gaiatos, a Assembléia daquele tempo. Dos trinta deputados que fizeram a Constituição do Estado da Guanabara, em 1960, quinze viraram verbetes do *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, onde ocupam dezessete páginas e meia. Criaram um mito. A crença de que a Assembléia caiu empurrada pela fusão com o antigo Estado do Rio, em meados da década de 70. "Aí é que veio a cloaca", diz o ex-deputado Eduardo Chuay, com pontaria certa: José Nader é de Barra Mansa, no Vale do Paraíba, e seu antecessor na presidência, Gilberto Rodrigues, veio da Baixada Fluminense. A Rodrigues o petista Carlos Minc debita a primeira lição prática no Parlamento:

— Cheguei duplamente verde, porque era do Partido Verde e estava saindo da

universidade. Ele me pediu que votasse pela emancipação da Barra da Tijuca ou nunca mais um projeto meu andaria aqui dentro. E argumentou: "Já ganhei dois apartamentos com isso e se a emancipação passar levo um prédio inteiro".

Achar que, sem a fusão, a Assembléia estaria limpa, equivale a supor que as escadarias de ônix, os bronzes e mármore aspergidos no prédio pelos arquitetos de 1922 inibiriam seus atuais inquilinos. No dia em que abriu as portas neste mês para eleger Sérgio Cabral Filho, a Casa estava repleta. Das galerias, sob a abóboda dos murais pintados por Elyzeu Visconti, vinham os gritos de guerra da galera funk — "U-tererê". O deputado José Guilherme Godinho ficou de peito nu no plenário. Na vida real, ele é o ex-delegado Sivuca. Há anos defende-se na trincheira da imunidade parlamentar contra uma bateria de processos, inclusive por se comportar em público como animador cultural de grupos de extermínio. A nova administração quis suspendê-lo por trinta dias por quebra de decoro, como se ficar sem camisa fosse o seu principal atentado ao decoro. Saiu uma simples repreensão por escrito.

"Nem eu, que sou gentilha, faço uma

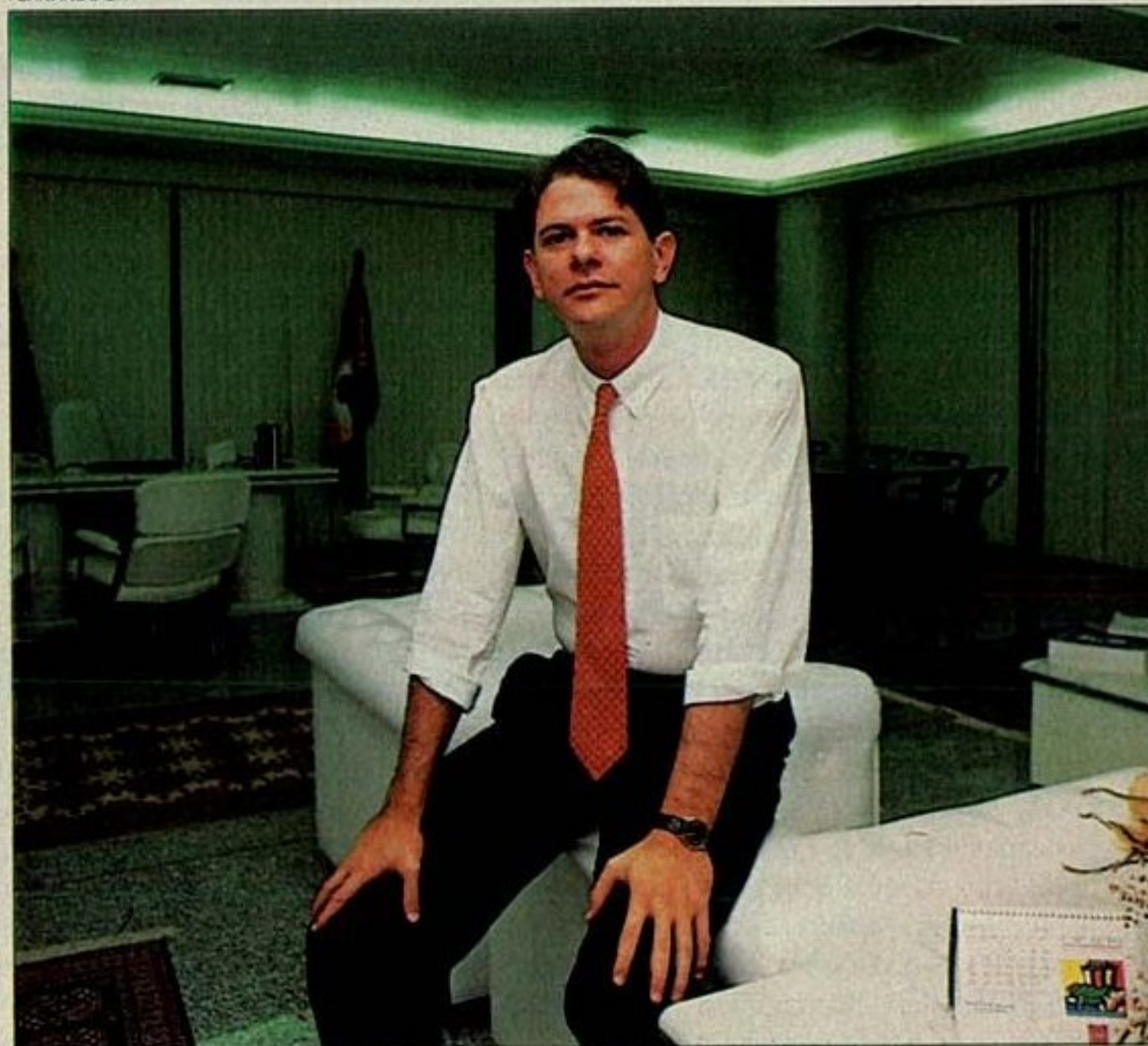
A Assembléia do Rio de Janeiro abriga 5 500 pessoas, entre deputados, funcionários, assessores e aposentados. É um pouco menor que a população da cidade de Rio das Flores, no interior do Estado, com 6 460 habitantes

coisa dessas", horrorizou-se o deputado Alabano Reis, o Papai Noel de Quintino, ao ver Sivuca desfraldar a camisa. "Os deputados de antigamente eram outros homens, era outro o Brasil", comentou o chefe do cerimonial Luiz Carlos Araújo de Mattos, há 48 anos funcionário do

Tiradentes. E caiu no saudosismo convencional: "A ida da Câmara Federal para Brasília trouxe um prejuízo enorme ao Brasil. No Rio, que era centro político e cultural do país, os deputados eram mais vigiados. Tudo o que se fazia aqui repercutia no país". Eis um pecado do qual se pode inocentar Brasília. O Tiradentes está onde sempre esteve, tendo sido inclusive cadeia pública. Desde que deixou de ser Câmara Federal, prosperou e cresceu. Ganhou um anexo de vidro fumê, multiplicou por trinta o número de funcionários, deu a cada deputado um gabinete que nos tempos de relevância nacional eles não exigiam e os embala em carros oficiais. "Até 1959, vi muito deputado chegar para a sessão de bonde", diz o senador Antonio Carlos Magalhães. Se a cidade e o palácio continuaram os mesmos, e os deputados mudaram, é hora de procurar o problema lá dentro. ■

ALCIDE FILHO

FERNANDO SA



Cid Gomes, presidente da Assembléia do Ceará e irmão do ex-ministro da Fazenda: levantamento para constatar que os deputados só acertam 2,5% dos projetos votados



Luiz Mário e Djalma Moraes: depois da confusão, uma nota denunciando "setores do atual governo"

abrir uma lanchonete em Brasília, a Burger Grill, e faliu em seis meses. Seu dinheiro é tão murcho que sua empresa permissionária, a LMP Consultoria e Representações Ltda., funciona na casa onde mora, em Belo Horizonte, e foi aberta há apenas nove meses.

DECISÃO ESPERTA — Perguntado sobre o tamanho do investimento, Luiz Mário diz que não sabe. (São 10 milhões de dólares, por baixo.) Quanto ao nome da empresa que preparou o relatório técnico de seus pleitos entregues ao ministério, ele diz que esqueceu. Seu forte mesmo não é a memória, mas as amizades. Luiz Mário é muito amigo do ex-deputado José Aparecido. Quando governava o Distrito Federal, Aparecido lhe arrumou um emprego. Quando Aparecido foi ser embaixador em Portugal, Luiz Mário voltou para Belo Horizonte. Depois retornou à capital federal e esperava ser nomeado assessor do deputado Luiz Carlos Santos, na época líder do governo Itamar Franco na Câmara dos Deputados, mantido no cargo por Fernando Henrique. A nomeação não saiu. As permissões, sim. E Luiz Mário quis vendê-las, o que é ilegal. Procurou pelo menos uma empresa e foi repellido.

Sob influência do advogado e amigo José de Castro, a área de comunicações do governo Itamar teve uma rotina animada no ano passado. Em dezembro de 1994, VEJA publicou uma reportagem sobre conversas telefônicas de José de Castro com Moraes. Os dois discutiam financiamento de campanhas políticas e distribuição de recursos para candidatos. Na sexta-feira passada, Luiz Mário divulgou nota informando que desistira de todas as permissões e acusando "setores do atual governo" de estarem superdimensionando o episódio para "alcançar o ex-ministro das Comunicações Djalma Moraes e, por consequência, o governo do ex-presidente Itamar Franco". Pura lorota. O que o ministério dirigido por Djalma Moraes fez foi dar um monte de concessões para um incapaz, Luiz Mário, que tentou vendê-las. ■

PLANALTO

A volta do SNI

Planalto prepara um novo centro de arapongagem

O presidente Fernando Henrique Cardoso está ultimando o seu SNI. Na semana passada, o governo começou a dar forma ao projeto e batizou o novo centro de arapongagem de Agência Brasileira de Inteligência. A Abin será criada por projeto de lei com a missão de descobrir corruptos da administração federal e, na corrida mundial por informações estratégicas, jura que pretende atuar em disputas comerciais, como a CIA americana e o serviço secreto de Israel, o Mossad. Como o velho SNI, o novo centro continuará a investigar sindicatos e manterá a missão de bisbilhotar focos de resistência aos projetos do governo. A agência funcionará na antiga sede do SNI, mas só vai vingar se aprovada pelo Congresso. Com orçamento de 4,5 milhões de reais previsto para este ano, a Abin terá um quadro de 900 agentes, que hoje trabalham para a Secretaria de Assuntos Estratégicos. Com isso, a SAE deixa de arapongar e associa-se ao Itamaraty nas maçantes análises de conjuntura internacional.

Como sempre ocorre quando se fala em arapongagens políticas, a criação da Abin já divide opiniões. "A idéia é um absurdo", reage o deputado José Genoíno (PT-SP). "A agência deveria ser impedida de fazer investigações ideológicas, políticas e sindicais." Já o general Newton Cruz, ex-chefe do SNI no governo Figueiredo, acha a idéia boa, em tese. "É a volta do velho SNI", diz ele, satisfeito. Para Newton Cruz, com a Abin o governo voltará a trabalhar com informações quentes de bastidores. A única crítica do general é uma questão de estrutura. O comandante da Abin será o general Fernando Cardoso, ex-chefe do Gabinete Militar de Itamar Franco, que se reportará ao secretário-geral da Presidência, Eduardo Jorge Caldas Pereira, um homem de confiança de FHC que, na prática, chefiará os arapongas.

Eduardo Jorge, chefe da Abin: no passado, dossiê Palmeira



COMUNICAÇÕES

A lenda obscura

Ex-galã ganha concessões e tenta vendê-las

O administrador de empresas Luiz Mário de Pádua é uma lenda obscura de Brasília. No governo de Fernando Collor, fez fama de galã porque costumava telefonar para a primeira-dama Rosane na LBA. No governo Itamar Franco, Luiz Mário fez fama de esperto. Ganhou um pacote de permissões para a exploração de serviços públicos distribuído no apagar das luzes pelo então ministro das Comunicações, Djalma Moraes. Luiz Mário recebeu nove permissões para explorar bips em 34 cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Ganhou também permissão para a exploração em onze grandes cidades de trunking, um sistema de telefones celulares. E cavou ainda duas permissões para pesquisar um novo sistema de transmissão de imagens e dados, o LMDS, em cidades graúdas como São Paulo, Belo Horizonte e Curitiba. As permissões foram assinadas pelo ministro no finzinho do governo, no dia 22 de dezembro, e publicadas no *Diário Oficial* do dia 26.

Em seus últimos seis meses no governo Djalma Moraes assinou 787 portarias com permissões e concessões. As permissões de Luiz Mário não chamaram a atenção pela raridade, mas em função de uma pergunta: o que ele poderia fazer com elas? Há dois anos, última vez que tentou montar um negócio próprio, ele só teve dinheiro para

"Acho complicado existir um filtro entre o presidente da República e o coordenador da agência", diz.

FICHA LIMPA — Eduardo Jorge ingressou no mundo da espionagem na campanha presidencial. Ele recebeu a missão de investigar a vida do senador Guilherme Palmeira, do PFL de Alagoas, para avaliar se tinha condições de concorrer a vice na chapa de Fernando Henrique. Depois de investigar, garantiu que Palmeira tinha ficha limpa. Três meses depois, o senador foi obrigado a pedir o boné. A intimidade de Eduardo Jorge com o mundo militar resume-se à sua vida familiar. Seu irmão, Tarcísio Jorge, é contra-almirante da Marinha. Depois de dar baixa em 1987, o militar ganhou um cargo de diretor comercial da Casa Mayrink Veiga, no Rio, uma das grandes fornecedoras de equipamentos para a própria Marinha. Com a bancarrota da Mayrink Veiga, Tarcísio Jorge amargou quase um ano de estaleiro até que o irmão lhe deu uma ajuda. Conseguiu nomeá-lo diretor de produção da Casa da Moeda, cargo que ocupa até hoje.

Todo governo necessita de um bom serviço de informações. A dificuldade é que o Brasil não tem boas recordações dos antecessores da Abin. O SNI desmoralizou-se no longo período em que serviu aos governos militares e saiu de cena sendo chamado de "monstro" por seu criador, o general Golbery do Couto e Silva. O SNI promovia perseguições ideológicas e costumava fabricar dossiês com base em reportagens de jornais. Sua sucessora, a SAE, tentou interferir nas nomeações do governo e quebrou a cara. No governo Itamar as operações de espionagem restringiram-se à Subsecretaria de Inteligência, vinculada à SAE, que, entre outros equipamentos, conta com um ônibus dotado de aparelho de escuta e microfones direcionais de longo alcance capazes de bisbilhotar conversas no interior de residências. ■



Pelé, o garoto-propaganda do governo: publicidade para outros

CONSUMO

Serviço à parte

Pelé vende imóveis em anúncios na TV

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, passou os últimos dias preocupado com os saques nas cadernetas de poupança, que estão aquecendo o consumo. Quem ligou a televisão em São Paulo na semana passada viu um ministro de Estado convocando a população para ir às compras na Baixada Santista, litoral de São Paulo. Lá se vende um apartamento de um quarto por 120 prestações de 447 reais, além da entrada e intermediária. A atitude extraordinária partiu do ministro extraordinário dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Para quem se lembra da longa carreira de Pelé como garoto-propaganda, o anúncio não é surpresa. Mas foi a primeira vez que um ministro não apareceu nos telejornais, e sim nos intervalos comerciais.

"Quando fui convidado para o cargo, disse ao presidente que não renovaria nem assinaria novos contratos de publicidade", explica Pelé. "Mas avisei que tinha contratos em vigor que não poderia cancelar." Pelé tem ainda dois contratos internacionais de publicidade assinados que serão cumpridos. Ao virar ministro, abandonou outros três. "Estou perdendo dinheiro para ser ministro", diz ele. Seu anúncio para a imobiliária é fruto de um contrato que vem sendo renovado há quinze anos, e o em vigor só vence no próximo ano. O comercial da televisão e

todo o material de propaganda adicional foram produzidos antes de Pelé assumir o ministério. "É um abuso de confiança da empresa usar a imagem dele agora", reclama Hélio Viana, sócio de Pelé. Já o rei e a imobiliária estão felizes. Lançado há dois meses, a imobiliária vendeu sessenta apartamentos até Pelé ir ao ar. Depois disso, vendeu 25 em apenas dois dias.

TRABALHO PARALELO — A situação ministerial de Pelé é extraordinária. Em Brasília, não tem assessores, até porque sua pasta não tem orçamento. Os cinco funcionários públicos que o ajudam foram cedidos por outros ministérios. O único dinheiro existente para esporte do governo, 20 milhões de reais, está na rubrica de um colega, Paulo Renato Souza, do Ministério da Educação e do Desporto. Sua maior realização até aqui foi feita durante uma viagem particular ao exterior. Pelé foi à Europa à própria custa, para tratar de seus negócios, mas visitou os ministros do Esporte da França e da Inglaterra. Voltou com a promessa de ajuda em dinheiro para a construção de ginásios no Brasil.

Não existe nada de ilegal ou irregular no fato de Pelé estar fazendo publicidade. O chato é que ele virou ministro para ser garoto-propaganda do governo de Fernando Henrique Cardoso, não de uma imobiliária. A favor de Pelé, há o fato de que ele não é o único que tem trabalho paralelo. Com a concordância do presidente, o ministro Adib Jatene, da Saúde, reserva um dia da semana para fazer cirurgias em São Paulo. "Não pretendo fazer carreira política", diz o ministro, "por isso tenho de exercer minha profissão." ■



ROBERTO JAYME

SOS AIR MEDICAL.

VOA CONTRA O
TEMPO PARA
SALVAR VIDAS.

A Líder está colocando em operação o mais avançado serviço de transporte aeromédico do país: o **SOS Air Medical**, o único que, além de contar com um jato exclusivo, projetado e equipado como uma verdadeira UTI, pode transformar quatro aeronaves, simultaneamente, em ambulâncias aéreas.

Mas não é só: enquanto a concorrência tem um só avião, o **SOS Air Medical** tem uma frota de aeronaves, com bases em São Paulo, Rio, Belo Horizonte e Brasília. São as ambulâncias aéreas de **maior autonomia no país**, podendo voar de Manaus a São Paulo, sem escalas.

Agora, uma diferença importantíssima. Para realizar este serviço, a empresa tem que passar pela aprovação do CTA, Centro Técnico Aeroespacial, que inspeciona a aeronave e os equipamentos médicos. O **SOS Air Medical** tem a homologação do CTA e estrutura conforme as normas do DAC, Departamento de Aviação Civil*.



Com uma tripulação experiente em vôos internacionais, o **SOS Air Medical** é também muito eficiente em terra, porque mantém um telefone **toll free**, uma equipe médica, ambulâncias terrestres e todo um esquema montado para que a decolagem seja feita o mais rápido possível. E muito conforto para os familiares: salas VIP, acordo com locadoras de automóveis e hotéis.

A Líder pensou em tudo para que, na hora da emergência, você só precise pegar o telefone e ligar para o **SOS Air Medical**.



DISQUE PLANTÃO
0800-317070

SOS AIR MEDICAL



LÍDER

Gustavo Franco firme no BC

O economista Gustavo Franco fica no Banco Central. O governo acha que mudá-lo de posto agora seria dizer ao mercado que haverá uma maxidesvalorização — e, quem sabe, um deus-nos-acuda. Como a máxi está fora de cogitação, mexer com Gustavo Franco seria uma temeridade.

O lobby Brasil na Argentina

As empresas brasileiras que operam na Argentina — cujas vendas ultrapassam 1 bilhão de reais — formaram o Grupo Brasil. É um lobby para evitar que sejam discriminadas por sua origem estrangeira. Engraçado é que, no grupo, estão a Petrobrás e alguns bancos. Aqui, eles defendem reserva de mercado.

Roberto D'Ávila na Bandeirantes

O ex-deputado pedetista e jornalista Roberto D'Ávila será o apresentador do *Cara a Cara* da Rede Bandeirantes, substituindo Marília Gabriela, que foi para a CNT. O primeiro programa será uma entrevista com o presidente Fernando Henrique.



Admirável mundo novo

Fantasias (1)

Luiza Brunet no Congresso

Quem quiser pode conferir o motivo que está fazendo o senador José Sarney rir à toa: o projeto de emenda constitucional do presidente Fernando Henrique Cardoso no capítulo ordem econômica é igualzinho à proposta apresentada pelo governo Sarney à Constituinte de 1988. Na época, Saulo Ramos considerou a proposta de Sarney tão bonita que lhe colocou o apelido de Luiza Brunet.

BC limita ação de banco estrangeiro

Ao contrário do que se fala, o governo não deseja escancarar as portas do Brasil para a entrada de bancos estrangeiros. O Banco Central vai permitir que novos bancos entrem no país, mas não que construam novas agências. Se quiserem, podem comprar bancos com redes de agências que já estão instaladas — de preferência bancos estaduais aleijados.

Brasil na rota da droga I

O relatório anual da ONU sobre drogas, que será divulgado esta semana, traz péssimas notícias para o Brasil: o país já é um centro importante de trânsito e consumo de cocaína. Além disso, negligenciou o controle da fabricação e distribuição de entorpecentes e substâncias psicotrópicas. O resultado é que a venda de anorexígenos cresceu três vezes.

Brasil na rota da droga II

Chega ao Brasil no dia 6 um general americano de nome difícil, Shalikashvili, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas dos EUA. Ele quer reunir-se com os ministros da Defesa da América Latina. Seu objetivo é controlar o tráfico deste lado do mundo para que ele não desembarque em território ianque.

O PIB do Carnaval

Estima-se que a folia movimentará quase meio bilhão de reais. Alguns exemplos:

- * Todos os 22 000 apartamentos da rede hoteleira do Rio de Janeiro serão ocupados durante os cinco dias de festas (no ano passado, o índice de ocupação não passou de 75%). Só em diárias a bolada chega a 30 milhões de reais
- * A receita do carnaval da Rede Globo será de 10 milhões de reais. 8 milhões saíam dos barris da cervejaria que tem o direito de ser o único patrocinador das transmissões do desfile das escolas de samba

- * Só em fantasias, os desfiles das escolas de samba cariocas movimentaram 130 400 pessoas, ou cerca de 23 milhões de reais. Uma fantasia, por mais simples que seja, não sai por menos de 200 reais
- * A venda do disco com os sambas-enredos — cerca de 800 000 — renderá 12 milhões de reais
- * A prefeitura de Salvador estima em 112 milhões a receita com 700 000 turistas
- * A do Recife acha que o Carnaval gera 50 milhões de reais

Curtas

- Sexta-feira, Brasília às moscas, e o ministro José Serra tinha uma jornada inteira de trabalho em seu gabinete.
- Confirmado: Rubel Thomas deixa o comando executivo da Varig, em abril. Vai para o conselho da empresa.
- Depois de comprar uma fábrica na Itália, o empresário Miguel Etchenique, da Brasmotor, assume nesta semana o controle de uma unidade de compressores na China, em parceria com a Whirpool, dos EUA.
- O governo de Taiwan tentou comprar do arsenal da Marinha quatro corvetas. O Brasil esnobou um negócio de 400 milhões de dólares para não melindrar a China.



FOTOS ROBERTO JAYME

INTERNACIONAL

O metaleiro de Gdansk

Em desastrada visita ao Brasil, Lech Walesa comete uma gafe atrás da outra, critica Brasília, Niemeyer e Lula

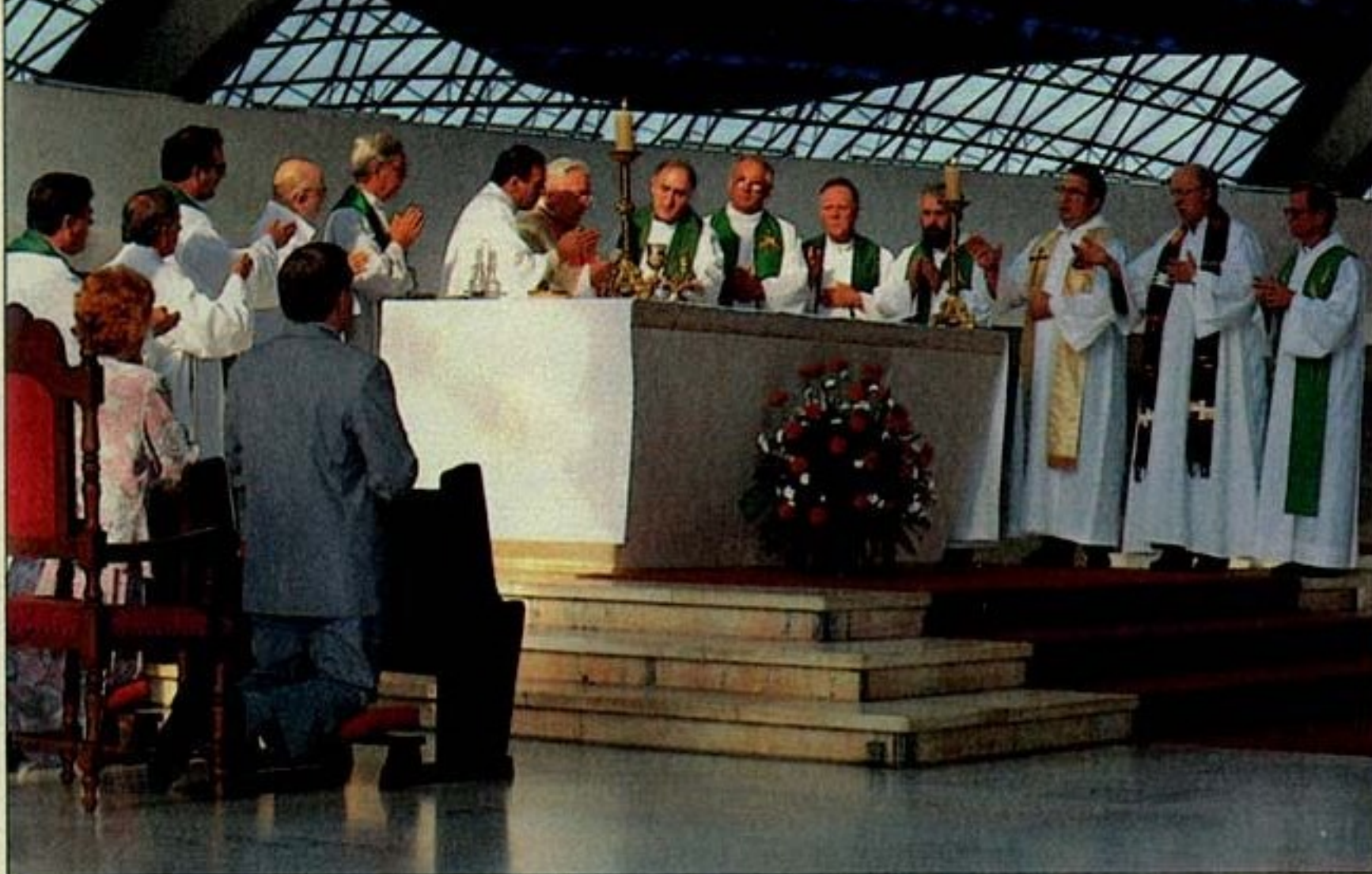
A etiqueta diplomática recomenda que, em visita a um país estrangeiro, um chefe de Estado se comporte com elegância, sorria muito e, acima de tudo, elogie aquilo que for motivo de orgulho para o anfitrião. O bom senso mais elementar estabelece que qualquer pessoa, convidada que for para a casa mais humilde, jamais comente que o vestido da dona da festa é horroroso, reclame da comida ou diga que a vista é feia. Na visita de três dias ao Brasil, na semana passada, o presidente da Polônia, Lech Walesa, quebrou ambas as regras. Do ex-eletricista que fez carreira como notável líder sindical não se esperam mesmo grandes refinamen-

tos mundanos — ao contrário, Walesa adora explorar a imagem de homem rude, que fala ao coração das massas. Mas, tanto do estadista em função oficial quanto do operário que vai tomar uma cerveja na casa do vizinho, é difícil engolir o tipo de grosseria disparado pelo presidente polonês. Em menos de trinta minutos, numa entrevista à imprensa no Palácio do Itamaraty, Walesa criticou a cidade de Brasília, desancou seu arquiteto, Oscar Niemeyer, e ainda fez ironias com o presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva.

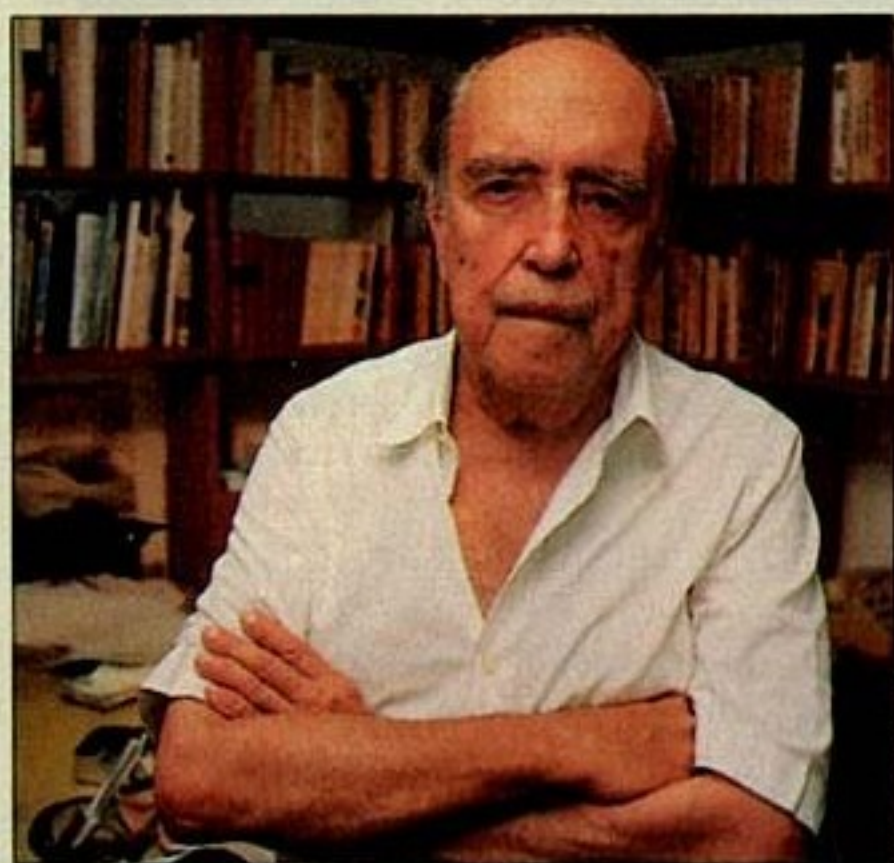
Falou desenfreadamente, como é seu costume, sem dar tempo para que o intérprete oficial (importado de Varsóvia) fizesse a

tradução. Walesa é o terror dos tradutores. Confunde tempos verbais, atrapalha-se com as declinações, usa palavras inexistentes nos dicionários e utiliza muita gíria e palavrões típicos dos bairros populares de Gdansk, onde fundou o sindicato Solidariedade. Na Polônia, a linguagem rude rende-lhe popularidade e ajuda-o a manter na rédea curta o Parlamento dominado pela oposição. Em território brasileiro, ressoou como um festival de gafes e grosserias.

“POUCA ROUPA” — “Os prédios daqui são como os da Polônia. Todos iguais”, disse sobre Brasília. Seu raciocínio simplório é o seguinte: a monotonia das cidades polone-



Um convidado trapalhão na capital: Walesa é recebido por Fernando Henrique, vai à missa rezada em polonês com a presença da embaixadora Katarzyna Skorzynska (à dir.) e sai reclamando do tamanho da catedral. Niemeyer (abaixo) reage: "Ele é folgado"



sas é obra dos governos comunistas, que nivelaram por baixo o padrão das construções e produziram sensaborias em série. Como Brasília é uma cidade planejada e, ainda por cima, pelo comunista Niemeyer, merece ser colocada no mesmo nível que a sombria, gélida e melancólica Gdansk. "Uma cidade sem alma", sentenciou. Sobre Niemeyer, repetiu uma crítica que não se ouvia, no Brasil, desde os tempos do regime militar: a de que seria um comunista que preferia "viver e fazer dinheiro no capitalismo". O arquiteto, uma das glórias vivas do Brasil, replicou no mesmo tom ideológico: "Ele é um anticomunista conhecido, o que explica tudo. Desprezo-o como gente e mais ainda como líder político. Esse cara é um folgado".

Até quando Walesa fez elogios ao que viu no Brasil, foi pelos motivos errados.



No Rio de Janeiro, que avistou da janela do carro num domingo de chuva, impressionou-se com a "calma" da cidade. Com a mulher, Danuta, visitou as praias de Copacabana e Ipanema e foi ao Pão de Açúcar. Fascinou-se com a descontração dos nativos e com as mulheres, que "usam pouca roupa", como disse. Comparando os cariocas com os europeus, disparou: "No Rio, as pessoas não andam segurando o dinheiro nos bolsos como na Europa". Walesa disse que, se um dia deixar de ser político e de viver na Polônia, vai mudar-se para o Rio. Imagina-se certamente num estereótipo tropical: índios, praias, bananas, futebol e mulheres seminuas.

No mesmo tom, entre descontraído e um pouco alterado (não estava bêbado, ele é assim mesmo), investiu contra Lula,

antigo desafeto. A antipatia vem do primeiro encontro entre os dois, em 1981, no Vaticano. Walesa era um líder sindical que lutava contra o comunismo. Lula, nas mesmas condições, enfrentava o regime militar e se encantava pelo socialismo. "Penso que eu tinha razão, pois me tornei presidente. Ele não", disse. Na verdade, as diferenças não eram muito grandes. Como patriota polonês, Walesa execrava e continua execrando um regime comunista imposto pela ocupação soviética do país, que mal tivera tempo de se livrar da barbárie nazista. Antes de abraçar o capitalismo e sair pedindo investimentos na Polônia como se só palavras bastassem para convencer, Walesa lutava contra o poder comunista, mas gostava das vantagens do socialismo. Só um exemplo: uma das propostas do Solidariedade pedia licença-maternidade de dois anos para as trabalhadoras. Assim, nem na velha URSS.

LUGAR DA MULHER — "Nunca recebemos um presidente tão estabado quanto esse", exasperou-se um diplomata brasileiro diante das bobagens de Lech Walesa. A própria comitiva polonesa estava pouco à vontade. A embaixadora no Brasil, a jovem e elegante Katarzyna Skorzynska, qualidades que a fazem ser tratada a pão-de-ló pelas autoridades brasileiras, tentou fazer de conta que tudo não passava de má vontade nativa. "A imprensa brasileira tem tratado o tema da viagem com muita dubiedade", desconversou.

Walesa desembarcou no Brasil no domingo com uma comitiva de dar inveja ao ex-presidente José Sarney: 74 pessoas, entre as quais 24 membros do governo, vinte empresários, doze jornalistas e o capelão, Franciszek Cybula. O padre era necessário porque Walesa assiste à missa todo santo dia. É uma promessa que fez ao papa João Paulo II, polonês como ele, caso ganhasse as eleições. Na terça-feira, a missa foi em polonês na catedral metropolitana de Brasília. Ele aproveitou a ocasião para um momento de recolhimento espiritual? Que nada. Saiu reclamando do tamanho da catedral — justamente um dos poucos marcos de Brasília que todo mundo costuma adorar. De Brasília, a comitiva polonesa foi para Curitiba e Foz do Iguaçu, que Walesa queria conhecer. Na capital do Paraná, Danuta Walesa abriu a boca pela primeira vez. Apresentada à vice-governadora, Emília Belinati, disse, na lata, que na sua opinião mulheres não deveriam ocupar cargos públicos, pois assim descuidam das atividades domésticas. Para ela, naturalmente, o lugar da mulher é em casa. Que Nossa Senhora de Czestochowa nos proteja na próxima visita do casal. ■

Saudação indiscreta

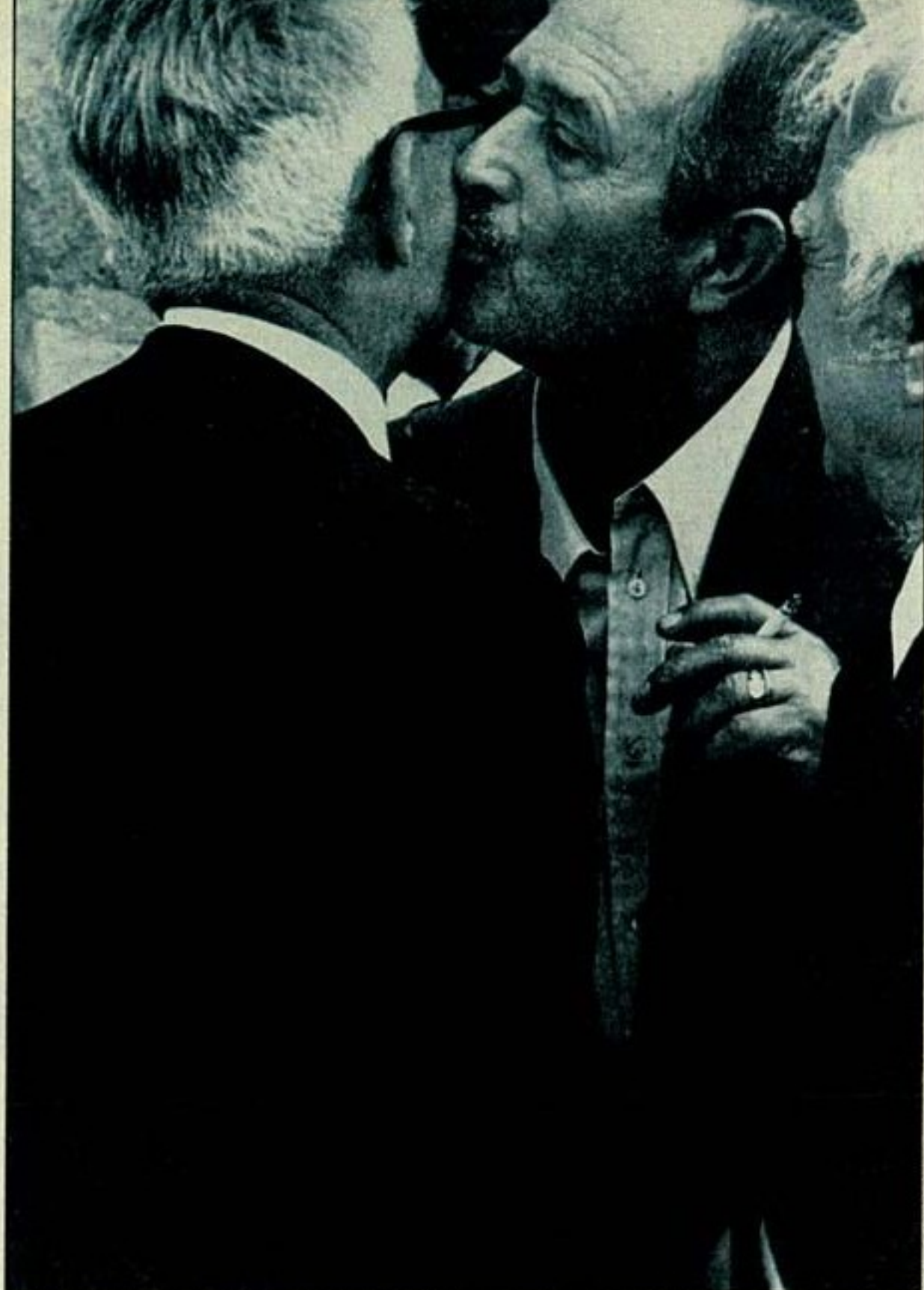
Máfia proíbe o beijo no rosto e outros rituais para evitar identificação pela polícia

Não faz muito tempo, quando a Máfia ainda era uma atividade em expansão na Itália, seus integrantes, os "homens de honra", tinham até orgulho de trocar beijos e abraços em público. Os gestos afetuosos praticados por alguns dos homens mais furiosamente machões do planeta, imortalizados por Marlon Brando no filme *O Poderoso Chefão*, podiam sinalizar o reconhecimento entre os pares, representar manifestação de reverência a um superior ou selar acordo entre mafiosos. Acontece que a Máfia não é mais a mesma. Desde 1992, quando o assassinato de dois juízes revoltou a opinião pública italiana e forçou o Parlamento a aprovar um pacote de leis anti-Máfia, uma enxurrada de *pentiti* — os "arrepentidos", ex-mafiosos que viraram a casaca em troca de anistia e vida nova em outro país — enfraqueceu as bases do crime organizado. Na semana passada, os jornais italianos noticiaram algumas "decisões" da Máfia para enfrentar os novos tempos. A principal: está proibido o beijo no rosto. Agora, quando se encontrarem em público, os mafiosos devem trocar saudações discretas, para evitar que sejam identificados como tais.

Acabou também o ritual de iniciação no qual se queimava a imagem de um santo e o novato recitava as palavras: "Que eu pereça no fogo se trair minha adorada mãe" (a Máfia). Não se dirá mais "Ele é a mesma coisa" quando um novo membro for apresentado aos velhos "homens de honra" — assassinos e traficantes de drogas há muito despidos da imagem romântica. A censura até nas cerimônias fechadas servirá para confundir eventuais arrepentidos e policiais infiltrados. "A Máfia foi atacada de dentro para fora, o que nunca aconteceu antes", afirma Gianni De

Gennaro, ex-chefe da Divisão Anti-Máfia da polícia italiana. Basta dizer que os arrependidos violam o mais básico dos princípios da Máfia — a *omertà*, a lei do silêncio, que pune a deduração com a morte. A Máfia ainda se vinga com sangue, muito sangue. Matou 36 parentes do mafioso arrependido Tommaso Buscetta, que entregou o serviço ao juiz Giovanni Falcone, um dos assassinados. Mas não conseguiu estancar a sangria de delações. "A abolição dos rituais aponta para o nascimento de uma nova Máfia, formada por pequenas células cujos membros só conhecem seus chefes diretos", escreveu o jornal *Il Messaggero*.

"TELEFONE GRAMPEADO" — O fim dos rituais não é um fenômeno exclusivo da Máfia italiana. Os mafiosos americanos, sempre com o FBI nos calcanhares, também mudaram seu comportamento. Desde a prisão de John Gotti, condenado em 1992 à pena perpétua, muitos chefes viajam nos porta-malas dos carros para escapar aos investigadores. Todo mundo tem codinome. Em Nova York, as casas noturnas frequentadas pelos mafiosos cobriram as paredes com avisos do tipo "Cuidado, este lugar está sendo vigiado" ou "O telefone está grampeado". "Os mafiosos americanos estão paranoicos", afirma Joseph Coffey, chefe



Beijo entre mafiosos na Sicília: censura geral

da inteligência da polícia anti-Máfia de Nova York. "Não me surpreenderei se eles começarem a marcar encontros na praia e aparecerem de maiô", ironiza.

Para o chefe da Democracia Cristã italiana, Giulio Andreotti, sete vezes primeiro-ministro, a abolição do beijo chegou tarde demais. Pelo menos seis *pentiti* acusam-no de envolvimento com a cúpula da Cosa Nostra, a Máfia siciliana. Um deles, Baldassare Di Maggio, diz ter presenciado o beijo ritual trocado por Andreotti e Salvatore "Totó" Riina, o mais poderoso e sanguinário chefe mafioso. Totó Riina foi preso em 1993, delatado por Di Maggio, seu ex-motorista. Acusado de favorecer negociações da Máfia junto ao governo federal e de conspirar para o assassinato de um jornalista que lhe conhecia os podres, Andreotti, que é senador vitalício, perdeu a imunidade parlamentar. Seu julgamento, adiado quatro vezes no ano passado, deve começar a qualquer momento. A promotora diz ter provas decisivas de suas ligações com a Máfia, fornecidas por uma nova testemunha, o médico Gioachino Pennino, ex-vereador de Palermo e atualmente mafioso arrependido. Andreotti, de 76 anos, continua negando tudo. "Estão investigando há dois anos, juntaram um caminhão de documentos e ainda não têm nada contra mim", garante. ■



Andreotti vai a julgamento: encontro com chefe

NOTAS INTERNACIONAIS

Fôlego vai encurtando

Semaninha ruim para o primeiro-ministro francês, Edouard Balladur, candidato da direita às eleições presidenciais de abril. Pela primeira vez, uma pesquisa o colocou atrás do candidato socialista, Lionel Jospin, que tem 22% das preferências. A diferença é desprezível — apenas 1 ponto. O problema é que Balladur cai sem parar desde janeiro, quando era favorito absoluto. A causa da queda: escândalos que já derrubaram três ministros do governo. O caso mais cabeludo — a escuta telefônica ilegal ordenada por Charles Pasqua, ministro do Interior e cabo eleitoral do primeiro-ministro — chegou ao gabinete de Balladur na semana passada. Descobriu-se que ele sabia o tempo todo do grampo clandestino.



Balladur: queda nas pesquisas

O que eles disseram

“É um inepto, que preside o governo mais corrupto da História argentina.” O general Juan Carlos Onganía, ex-ditador da Argentina, sobre o presidente Carlos Menem. O comentário valeu-lhe uma ordem de prisão domiciliar



Arkan, com traje típico: faxina étnica e contrabando

Os franceses no chuveiro

Pesquisa publicada pela revista L'Express mostra quantos banhos em média os franceses tomam por semana. Confira alguns números por categoria profissional

5,6 5,5 5,4 5,0 4,8 3,5

Altos executivos Gerentes Escriturários Comerciantes Operários Trabalhadores rurais

Compare a média francesa — 4,4 banhos por semana, no inverno — com a de outros países europeus

Portugal	Espanha	Alemanha	Itália	Inglaterra
4,9	4,7	4,4	3,8	3,7

■ **Guerra de novo** — Mal chegaram à fronteira para supervisionar a trégua entre Equador e Peru, os observadores estrangeiros tiveram de correr: os combates recomeçaram.

O casamento que parou a Sérvia

Foi o casamento da década na Sérvia. Pudera. O noivo, Zeljko Raznatovic, 42 anos, conhecido como “Comandante Arkan”, é o maior carniceiro da guerra da Bósnia. Entrou na lista dos criminosos de guerra da ONU depois de devastar com sua milícia, os Tigres, duas aldeias e massacrar seus habitantes, muçulmanos bósnios. Arkan valeu-se do embargo contra a Sérvia para enriquecer com o contrabando de petróleo. A noiva é puro glamour. Aos 21 anos, a bela Ceca Velickovic é a cantora popular mais famosa da Sérvia. Na cerimônia, na semana passada, Arkan usou trajes tradicionais e foi saudado com tiros para o alto.

Carandiru na Argélia

As tropas especiais argelinas, os ninjas, demonstraram um vigor de PM paulista. Na quarta-feira passada, esmagaram uma rebelião no presídio de segurança máxima de Serkayi, no centro velho de Argel, ao custo de 200 presos massacrados — quase dois Carandirus. É verdade que não lidavam com presos comuns, mas fundamentalistas islâmicos dispostos ao martírio em nome de Alá. Ainda assim, foi um pavor. Os amotinados, armados de paus, facas e barras de ferro, foram atacados com bazucas e metralhadoras. A matança é mais um episódio na guerra civil que ensanguenta o país há três anos. Em 1992, o governo colocou os tanques na rua para impedir que a Frente de Salvação Islâmica, vitoriosa nas eleições parlamentares, transformasse o país numa república de aiatoles. De lá para cá, já morreram mais de 30 000 pessoas.



No coração do lobo

O romance de uma advogada de esquerda com o delegado Fleury, o capo das torturas do Dops

ANGÉLICA SANTA CRUZ

O amor tem coração de sobra, e razão nenhuma. E assim foi para a bela advogada Leonora R.O., dona de olhos esgarçados e sorriso amplo, quando entrou na toca do lobo em 1976. E assim também foi para o lobo, o delegado Sérgio Paranhos Fleury. A toca era o seu gabinete no Dops, masmorra onde construiu sua biografia de torturador e símbolo das atrocidades ocorridas nos porões da ditadura. Anarquista por convicção, mas sem militância, a jovem Leonora era o avesso do lobo. Seus três irmãos eram simpatizantes de organizações de esquerda que, anos antes, pegaram em armas para combater o regime. Naquele fevereiro de 1976, dois dos seus irmãos viviam no Brasil e mantinham laços sólidos com movimentos de esquerda. O terceiro estudava Física em Moscou e tivera seu passaporte apreendido pela Embaixada do Brasil. Leonora foi à toca do lobo pedir ajuda. Queria um novo passaporte para o irmão. Fleury a recebeu, estranhou suas meias com listras cor-de-rosa e prometeu ajudá-la depois de um rápido interrogatório:

— Qual é sua tendência ideológica?

— Sou anarquista.

— A senhora defende o caos?

— Não é o caos, é a sociedade ideal.

— Por que a senhora usa meias tão esquisitas? Advogadas não usam meias de seda?

— Não sabia que eram esquisitas, o senhor acha?

— Vou ajudá-la a encaminhar os papéis do passaporte. Passe aqui na semana que vem.

Terminou assim, de forma abrupta, o diálogo que marcou o começo de um romance entre o delegado das masmorras, então casado havia 21 anos, pai de três filhos, e a advogada de esquerda. O romance durou três anos, até Fleury morrer afogado, em 1979, ao cair de seu barco em Ilhabela, no litoral de São Paulo. Nesses anos todos, o delegado chegara a receber or-

dens do SNI para evitar lugares públicos com a amante. "Aonde íamos ouvíamos comentários da mesa ao lado. Diziam que era um absurdo ele ser casado e ficar andando com uma comunista", lembra Leonora. Seus amigos de esquerda também passaram a evitá-la. O artista plástico Cláudio Tozzi, vizinho de Leonora desde a infância, driblava encontros com o delegado. "Quando via o Opala dele estacionado na frente do edifício, mudava de calçada", diz. Leonora também se desentendeu com a família, que não admitia o namoro com um homem casado, catorze anos mais velho, e ainda por cima torturador. "Esse assunto é tabu nas esquerdas até hoje", diz Paulo de Tarso Vescelau, ex-militante da ALN e amigo dos irmãos de Leonora. "Ninguém fica à vontade para falar sobre isso."

Nem mesmo Leonora, que contou sua história a VEJA sob a condição de manter no anonimato o seu sobrenome e o de seus irmãos. "Nosso namoro foi como uma pororoca", diz ela, hoje casada com um advogado. Leonora sabia da fama cruel do delegado Fleury no dia em que foi ao seu gabinete. Sabia que era torturador e chefe do Esquadrão da Morte. Três anos antes,



Fleury mandara fechar, sob suspeita de "subversão", o curso pré-vestibular dos seus irmãos, o Diretriz. Mesmo assim, ela voltou ao gabinete de Fleury na semana seguinte, conforme o combinado. Fleury estava viajando, mas deixou o aviso de que o pedido de um novo passaporte estava encaminhado. Leonora deixou na mesa um exemplar de *O Lobo na Estepe*, de Herman Hesse, porque achava Fleury solitário e agressivo como um lobo, e um bilhete de agradecimento. "O senhor foi muito gentil. Obrigada", dizia. Semanas depois, Fleury telefonou para Leonora, informou que os papéis estavam prontos e, como pagamento, pediu para jantar com ela. "Falei com meu namorado, na época, e ele não viu problema. Então, aceitei o convite", relembra.

Encontraram-se uma, duas, três vezes. Depois do sexto encontro, ela viajou a Moscou para visitar o irmão e, na sua passagem por Londres, recebeu uma carta de Fleury. O delegado se confessavaapai-

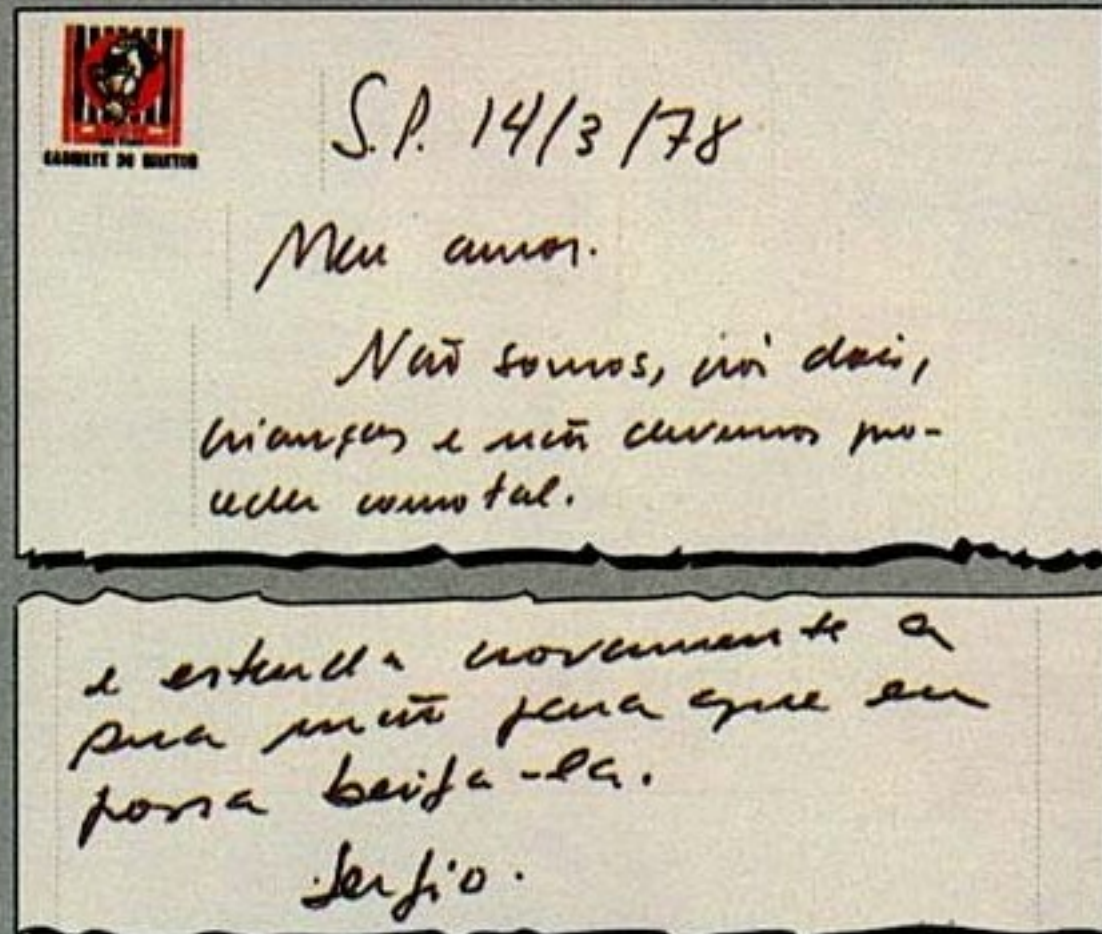
O amor que deu cadeia

Às vésperas do Natal de 1972, a escritora Helena Miranda de Figueiredo acordou numa cela do Dops. Estava com o rosto banhado de sangue, os braços lanhados e sete costelas quebradas. Ela era a famosa Tia Lenita, editora do suplemento infantil *Folhinha*, do jornal *Folha de S.Paulo*. Escritora respeitada, com dois prêmios Jabuti, ganhou em 1961 e 1970, vivia uma boa fase profissional. Seu suplemento fa-

zia sucesso e lançava nomes importantes, como o de Maurício de Sousa, criador da turma da Mônica. Lenita nunca foi militante de esquerda. Acabou na tortura por ter-se apaixonado por um investigador do Dops, Ayrton Scatena. "Tive muitos amores na minha vida", diz Tia Lenita, que hoje, aos 65 anos, dá aulas particulares de piano e de história da arte. "Mas esse foi o único que me levou para a cadeia", relembra.

O azar de Scatena, então

com 31 anos, casado e pai de dois filhos, e Tia Lenita, separada e mãe de um garoto de 13 anos, foi falar mal do delegado Sérgio Fleury num telefonema grampeado. Scatena ligou para Tia Lenita avisando que não poderia ir ao cinema. Fleury estava decidido a prender o capitão Lamarca e queria os agentes de plantão. "No telefone, esculhambei o Fleury", diz Scatena, hoje com 54 anos, diretor de uma empresa agrícola. Fleury ouviu a gravação, começou a vigiar o casal e instalou escutas pela casa de Lenita. "Eles sabiam o que eu



Fleury e Leonora num batizado, e uma carta do delegado: "Nosso namoro foi como uma pororoca"

xonado. Leonora já não enxergava mais o torturador. "Quando ele falava de seu poeta preferido, Catulo da Paixão Cearense, seus olhos deixavam de ser cinza, ficavam azuis, esverdeados", diz Leonora. Ao desembarcar em São Paulo, ela foi retirada da fila no guichê da Polícia Federal. Era ordem de Fleury, que a esperava no saguão com uma dúzia de cravos, sua flor preferida. Foi o sétimo encontro e o início de um namoro às vezes tórrido, às vezes tenso, às vezes alegremente infantil e sempre severamente patrulhado.

CANARINHO "DENGOSO" — Fleury passou a dormir na casa de Leonora três vezes por semana. Fazia feira, comprava frutas e até guardava numa gaveta documentos sigilosos, que Leonora não lia. A vizinhança, excitada, acompanhava os passos do delegado. "O meu fã-clubê já está a pos-

conversava até no quarto", diz. Sem saber de nada, os dois falavam de suas vidas com naturalidade. Em outro telefonema, Scatena avisou que não poderiam encontrar-se porque participaria de uma operação em São Paulo. No mesmo dia o casal foi preso, acusado de ameaçar a segurança nacional.

PERSEGUIÇÃO — Lenita ficou dois meses no Dops e foi torturada no primeiro dia. "Em doze horas, eles me deixaram louca. Tive manias de perseguição por dez anos", diz. Scatena também ficou dois

meses preso, mas não foi torturado. Quando saíram da prisão, traumatizados, eles se afastaram. Um ano depois, Lenita saiu do jornal e Scatena deixou a polícia. Nunca

mais se viram. Só voltaram a se encontrar há quinze dias, na casa de Lenita, depois que VEJA fez o contato com ambos para a reportagem. O tempo os envelheceu, mas ajudou a cicatrizar feridas. "Que bom que você também consegue lembrar daquilo tudo com bom humor", disse Lenita. "É o jeito, né?", respondeu Scatena.



Lenita (com o filho) e Scatena nos anos 70 e hoje: namoro grampeado

meses preso, mas não foi torturado. Quando saíram da prisão, traumatizados, eles se afastaram. Um ano depois, Lenita saiu do jornal e Scatena deixou a polícia. Nunca

mais se viram. Só voltaram a se encontrar há quinze dias, na casa de Lenita, depois que VEJA fez o contato com ambos para a reportagem. O tempo os envelheceu, mas ajudou

a cicatrizar feridas. "Que bom que você também consegue lembrar daquilo tudo com bom humor", disse Lenita. "É o jeito, né?", respondeu Scatena.



CARNAVAL

Deu funk no samba

A figura do funkeiro, com seus bonés e tênis importados, disputa espaço com a do malandro tradicional

Meu chapéu do lado/ Tamanco arrastando/ Lenço no pescoço/ Eu passo gingando. Era esse o retrato do malandro carioca pintado pelo Debret do samba, o compositor Wilson Batista, autor de obras-primas dos anos 40. Se vivesse hoje, Wilson teria de encontrar outras rimas para definir o malandro sambista. O chapéu de lado foi substituído pelo boné colorido com emblema de time de basquete americano. No lugar do tamanco arrastando, tênis coloridíssimos de marcas americanas, daqueles que acendem luzinhas na sola enorme. *Meu boné de lado/ Bermuda comprida/ Tênis importado/ Vou para a avenida*, cantaria o poeta para o novo personagem que chegou às escolas de samba: o funkeiro.

Os ensaios nas quadras agora lembram bailes de galeras. Até o grito de guerra dos funkeiros foi parar na boca de 4 500 sambistas de uma das mais numerosas escolas do Rio de Janeiro, a Estácio de Sá. *É mengo tengo/ No meu quengo é só Flamengo/ Uh! Tererê! Sou Flamengo até morrer.*

"Uh! Tererê!" virou o bordão das torcidas no Maracanã e chegou à Zona Sul. Até os deputados estaduais deram o grito na sessão de inauguração da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Agora, o grito chega à avenida. Os puristas escandalizam-se. Seria mais uma influência estrangeira no Carnaval. O jornalista Sérgio Cabral, pós-graduado em samba, responde. Ele lembra que as coreografias

das alas e da comissão de frente foram inspiradas nos musicais da Metro da década de 40. A lendária representação do malandro carioca, de terno branco e chapéu de palha, também nasceu nos filmes ianques.

ALÔ, GALERA — Os funkeiros espalham-se pelas escolas onde os sambistas tradicionais têm pouco poder, ou seja, todas, menos Mangueira, Salgueiro, Império e Portela. Na Estácio, eles estão em toda parte. Mestre Ciça, comandante supremo dos 300 ritmistas da escola, é capaz de contabilizar o avanço da turma do boné em seus domínios. "No Carnaval passado tínhamos dez funkeiros na bateria", diz Ciça. "Neste ano há cinco vezes mais." Durante o ano inteiro, o mestresala Cláudio Souza vive no passo americano. No Carnaval é samba no pé. O enredo da escola comemora o centenário do Clube de Regatas do Flamengo, que tem uma das maiores torcidas do Brasil. A escola entra na avenida ao redor das 20 horas desta segunda-feira de Carnaval. "O Uh! Tererê! vai empolgar o público neste ano", diz o compositor e delegado de polícia Hércules Caruso, da Estácio de Sá. "Ele tem o dom de unir a turma do morro e o pessoal da cidade num canto único."



FOTOS PAULO JARES

Ensaio da Estácio, onde o enredo Uh! Tererê! homenageará o Flamengo, e o grupo de funk You Can Dance, que desfilará na Unidos da Tijuca: caras novas

Os músicos William Santos de Souza e Carlos Eduardo Cardoso da Silva, o "Duda", são os responsáveis pelo *Rap do Borel*. A letra da música começa com um apelo dirigido aos arruaceiros que às vezes invadem os bailes funk: *Chega de ser violento/ e deixa a paz renascer*. Os dois agora são membros da bateria da Unidos da Tijuca, e entrarão na Marquês de Sapucaí vestidos de índio. Tiveram alguma dificuldade para tocar um ritmo

mais complexo do que aquele executado por baterias eletrônicas. "A batida do funk tem menos malabarismos", diz William, que toca caixa, um dos instrumentos nobres da bateria. A escola louvará, na avenida, o compositor Carlos Gomes e sua obra *Il Guarany*. Daí as fantasias de índios.

Carlos e William são as estrelas do Morro do Borel, favela encravada entre os bairros da Tijuca e da Usina. Paparicados pelas meninas, chegam a fazer vinte shows por semana. Cobram entre 600 e 1 000 reais por espetáculo. Outros funkeiros, do grupo You Can Dance,

sairão na escola Unidos da Tijuca. É difícil, mas não impossível, conciliar os dois ritmos. Para o segundo puxador da Mocidade Independente de Padre Miguel, Paulo Ventura, cantor de funk há um ano e meio, a união de samba e funk ocorreu por inércia. "A única diferença é que o samba é um pouco mais rápido do que o funk", garante. Nos ensaios que antecederam ao desfile, Ventura usou um recurso do funk para animar os sambistas. Em vez de berrar ao microfone o tradicional "alô povão", levantava o ânimo dos carnavalescos com "alô galera", uma chamada patenteada pelas equipes de som donas da barulhada funkeira dos bailes de subúrbio. No disco dos sambas-enredo de 1995, que já vendeu mais de 500 000 cópias, os músicos da Unidos da Viradouro inseriram uma batida funk antes da entrada do samba. "Fiz uma homenagem ao meu filho e aos outros funkeiros da escola que estão sem ir aos bailes por causa da violência", diz o mestre Paulinho Botelho, chefe da bateria da Viradouro, que, no entanto, não repetirá a ousadia no Sambódromo por medo do rigor dos jurados de harmonia.

VIOLINOS — Há quem saude a chegada dos funkeiros como uma boa novidade nas escolas, que voltariam a ter em suas fileiras gente do morro em vez de passistas que aprenderam a sambar com John

Ópera na avenida

Vai ter samba do branco doido na Marquês de Sapucaí. A Beija-Flor de Nilópolis, do carnavalesco de olhos azuis Milton Cunha, resolveu colocar na avenida os acordes de doze violinos e um coral de vozes líricas em meio ao bumbo do tambor. É a homenagem da escola à soprano brasileira Bidu Sayão, num dos enredos mais alopados deste Carnaval. Aos 93 anos de idade, Bidu Sayão, que vive nos Estados Unidos, desembarcou no Rio de Janeiro na última quarta-feira acompanhada de seu médico particular e de uma camisa da escola. "Agora não sou apenas a rainha do Teatro Municipal, virei rainha da escola Beija-Flor", diz, entusiasmada.

Ela cruzará o Sambódromo, na noite de domingo, no último carro alegórico, que representa o canto do cisne. Desfilará sentada porque a idade não lhe permite fazer toda a travessia da avenida em pé. O samba foi responsável pela reconciliação da cantora, que está nos Estados Unidos há sessenta anos, com o Brasil. Ela nunca escondeu seu ressentimento com o país. Quando completou cinquenta anos de sua primeira apresentação no Metropolitan Opera House, de Nova York, em 1987, uma das duas maiores casas de ópera do mundo, recebeu dos americanos um ano inteiro de homenagens. O Brasil deixou a data passar em branco.

Contribuiu para a mágoa de Bidu Sayão o desaparecimento da máscara mortuária do com-

positor francês Jules Massenet, relíquia que ela recebeu da neta do artista e doou ao Museu do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Na semana passada, os responsáveis pelo Museu dos Teatros, no Rio, que organizou uma mostra com os objetos da cantora, finalmente descobriram o paradeiro da tal máscara. Ela estava num cofre em um depósito da Funarte. Na Marquês de Sapucaí, em meio a mais de 80 000 pessoas, Bidu Sayão certamente estará mais segura do que em sua última viagem ao Brasil, em 1987. Naquele ano, ela escapou de participar de uma cena deprimen-

te ao lado do então presidente José Sarney. De vestido preto e brincos de esmeralda, ela encontrou-se com Sarney no Paço Imperial, onde o presidente a condecorava. Na saída da solenidade, o ônibus de Sarney foi apedrejado por um grupo de manifestantes que protestavam contra a confusão de seu governo. Bidu, por sorte, já se havia separado do presidente.

O carnavalesco Milton com Bidu Sayão: reencontro



MILTON CUNHA



Fagner e Tasso com o jegue da Imperatriz: "É um bom marketing"

Vendem-se enredos

A encomenda custa 200 000 reais

Quem sempre sonhou em se transformar em enredo de escola de samba do Rio de Janeiro agora já sabe quanto custa. São 200 000 reais — foi essa a quantia que o governador do Ceará, Tasso Jereissati, deu à Imperatriz Leopoldinense para que o Estado virasse tema do enredo no Carnaval deste ano. Cem mil reais saíram do bolso do contribuinte cearense, através de verba da Secretaria de Turismo. Os outros 100 000 reais foram dados por empresas ligadas à área turística. Esse dinheiro todo, quase metade do que a escola costuma gastar anualmente em seus carnavais, ajudou a Imperatriz a montar o enredo *Mais Vale um Jegue que Me Carregue do que um Camelo que Me Derrube*, que conta a saga do desbravamento do sertão cearense. O governo tucano, que no ano passado desembolsou 700 000 dólares para fazer das dunas cearenses o cenário da novela *Tropicaliente*, voltou a ser pioneiro ao atuar como mecenas do samba. "É uma excelente forma de marketing turístico e econômico para o Estado", disse Tasso na semana passada ao lado de um jegue, durante festa promovida pela escola da qual participaram mulheres bonitas, como Luiza Brunet, e cearenses famosos, como o cantor Raimundo Fagner.

A Imperatriz é a ponta de um fenômeno que promete disseminar-se cada vez

mais no Carnaval: o dos enredos sob encomenda. A Estácio de Sá foi convencida pelo Flamengo a comemorar no Sambódromo os 100 anos de existência do clube de Romário. Firmou-se um acordo segundo o qual a Estácio receberia dinheiro, doação de camisas para ser vendidas e a cessão do ginásio do clube da Gávea para os ensaios. Só que o urubu, que é o símbolo do clube rubro-negro, pousou na sorte da escola. O acordo foi fechado pela diretoria anterior do Flamengo, e a nova gestão cortou o patrocínio. A Estácio ficou apenas com o ginásio.

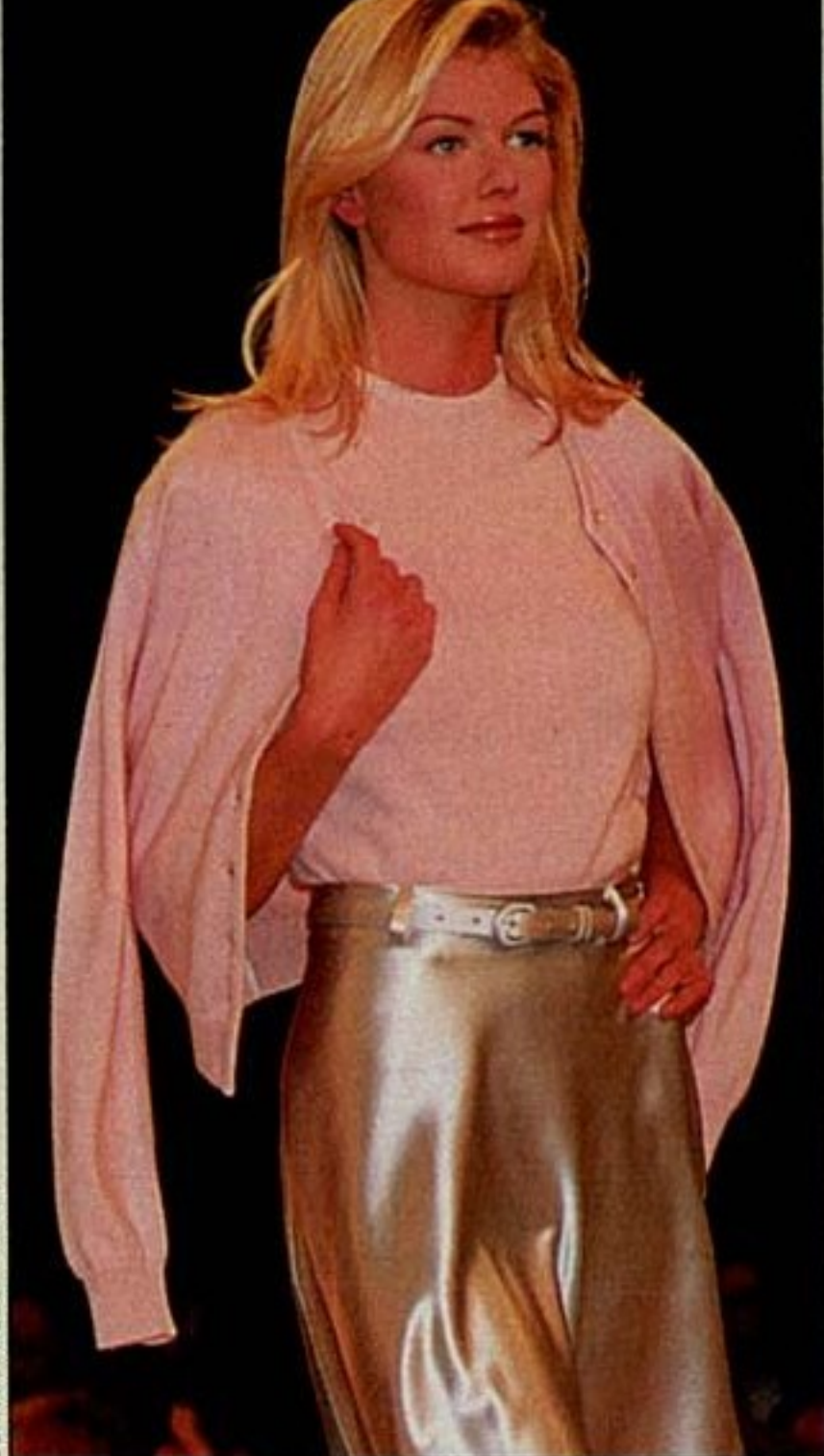
O apoio de patrocinadores é a única saída para as escolas, que chegam a gastar até 1 milhão de reais por desfile. Há até uma empresa, a ZMM, instalada em São Paulo, que vende pacotes turísticos com renda revertida para o Carnaval. Depois do jegue, a Imperatriz já está preparando o Carnaval de 1996. Seus carnavalescos passaram alguns dias em Viena, capital da Áustria, pesquisando a História local e a da princesa Leopoldina, que nasceu naquele país. O próximo passo é pedir dinheiro para o governo austríaco, que já deu sinal verde para as negociações. Seria como Fernando Henrique patrocinar o festival de Salzburgo em troca da inclusão de uma batucada na ópera *Don Giovanni*, de Mozart.

Casablanças. "O Carnaval estava virando uma escola de sereias, onde só valem modelos bonitas", diz Chico Spinoza, carnavalesco da União da Ilha do Governador. "Os funkeiros representam um sopro novo." Talvez as ousadias das escolas neste ano tenham a ver com o sopro funkeiro. A maior delas será a da Beija-Flor, que apresentará doze violinos da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e da Orquestra Sinfônica Brasileira, mais um grupo de cantores líricos, para acompanhar o enredo da escola, uma homenagem à soprano brasileira de fama internacional Bidu Sayão, que desembarcou na última quarta-feira no Rio de Janeiro (veja quadro). Como as cordas clássicas farão para não atravessar o samba, eis aí uma

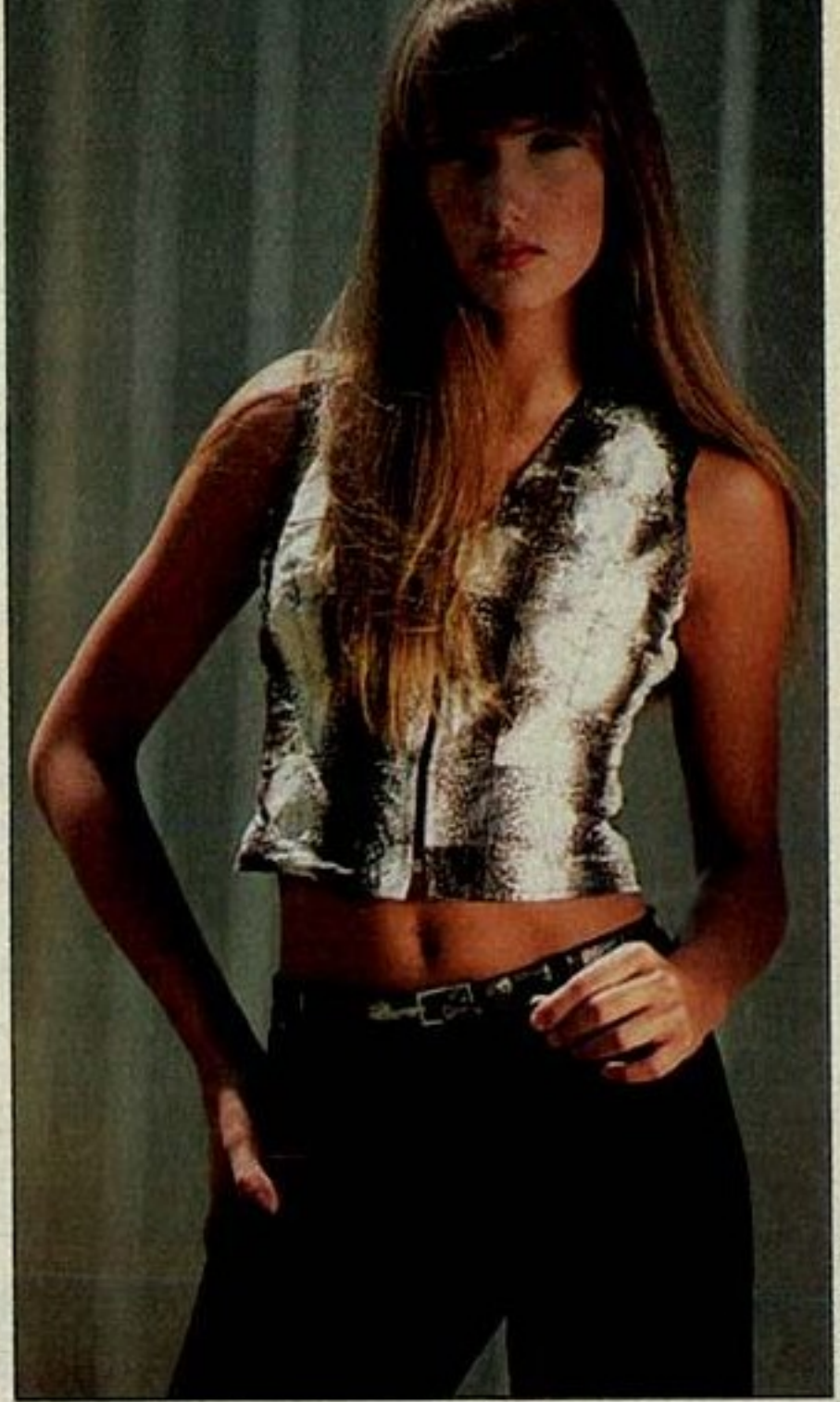
indagação que apenas na Quarta-Feira de Cinzas o Brasil terá resposta.

"Os sambistas e os funkeiros têm a mesma origem social e geográfica", diz Chico Spinoza. "Cresceram juntos no morro." A família do rapper Duda, do Borel, é uma das fundadoras da Unidos da Tijuca. O rapaz se orgulha de ter uma bisavó que participou dos primórdios da escola, uma avó baiana e diversos tios compositores. "No fundo, não consigo escolher entre o samba e o rap", desespera-se. Na verdade, todo funkeiro é herdeiro do samba. Os jovens do morro de hoje são, de certa maneira, sucessores dos malandros dos anos 40.

A batida do funk faz com que os sambas se distanciem mais ainda daquele estilo cadenciado do passado e se tornem mais rápidos. A invasão dos funkeiros coincide com a volta à avenida de Paulinho da Viola, depois de dezessete anos longe do asfalto. O autor de *Foi um Rio que Passou em Minha Vida* largou os desfiles dizendo-se irritado justamente com o ritmo, segundo ele tão acelerado como um trem a mais de 100. Mesmo assim Paulinho saúda a turma do boné. "O funk e o samba não são excludentes", diz. Já o carnavalesco Joãozinho Trinta, que se tornou célebre por suas ousadias estéticas, execra a novidade. "O funk na avenida é uma coisa horrorosa que faz perder a identidade do samba", afirma. "As escolas estão apelando e fazendo qualquer coisa para tentar ganhar." Essa conversa de samba rápido e samba lento pode parecer coisa de professor de solfejo. Acontece que o Brasil é o país da música, e essas discussões servem para animar a festa. ■



Os cintinhos podem ser encontrados em várias versões: na cor prata proposta por Ralph Lauren (à esq.), em verniz, couro e sintéticos (acima) e até em pele de rã



ESTILO

Tudo por um bambolê

Os cintos fininhos estão de volta, acompanhando a tendência dos modelos de cintura marcada

Tem de malhar, tem de suar, vamos lá. Não será fácil manter a silhueta de pilão exigida pelos modelos de cintura bem marcada, que voltaram com tudo nos últimos desfiles europeus e foram rapidamente propagados pelas griffes nacionais. A nova moda, que promete tirar o fôlego de muita gente, deu força a um acessório: o cinto fininho. "Ele não modela, é um risco, um sinalizador da cintura fina, da feminilidade", alerta Marcelo Martinez, estilista da fabricante paulista Acessórios Modernos. Os cintinhos surgiram em couro e cores básicas — até ressuscitaram o branco, há muito extinto para esse tipo de acessório. Mas como o brilho é outra tendência nas coleções, o verniz tem dominado nas vitrines. "O verniz é a tradução do glitter para os cintos", diz Luiz Fernando Rocha, dono da griffe de acessórios Ferri.

O cinto fininho esteve presente em quase todos os últimos desfiles internacionais. Calvin Klein, Donna Karan, Blumarine, John Galliano, Prada, Gucci e Ralph Lauren exibiram o acessório em

várias versões: acompanhando os tons pastel das roupas, ou vibrantes, do vermelho ao prata. "O cinto fininho é a retomada da mulher dos anos 40, glamourosa e delicada", diz Mara Lusitano, da KCB, fabricante de acessórios. Na adaptação para os trópicos, padrões exóticos entram em cena, como as peles sintéticas importadas pelo fabricante M.

Mortari ou a autêntica pele de rã usada pela Zoomp.

As jovens e muito magras — ou, pelo menos, deveriam sê-lo — encontraram nos cintos fininhos o par perfeito para as calças saint tropez, aquele antigo modelo de cintura baixa. Quando os jeans são tradicionais, a opção é pelo cintinho mais comprido, que possibilita dar duas voltas na cintura. As griffes também desenvolveram cós e passantes menores para combinar com o acessório. A Forum, por exemplo, criou uma linha de blazers acinjurados em que o segredo é contornar a peça com um cintinho por fora. "São modelos revestidos de cetim que ficam muito chiques", diz Marcelo Sommer, coordenador de estilo da griffe. Haja bambolê. ■

A leveza das pulseiras

Adereço abandonado nos últimos anos, a pulseira também está de volta — e, como os cintos, em versão fininha. Agora a moda são os modelos duros, ovalados. Leves e delicadas, são encontradas só de ouro ou adornadas por pedras

semipreciosas. Os modelos simples variam entre 300 e 600 reais; os mais requintados custam cerca de 1 000 reais. "A pulseira combina com a leveza da moda atual", diz o joalheiro Tobias Dryzun.



Estilo de resultados

Pesquisa mostra o que ajuda e o que atrapalha na hora de arrumar um bom emprego

"Só as pessoas superficiais não julgam pelas aparências."

OSCAR WILDE

O grupo Catho, empresa paulista especializada em seleção e colocação de executivos no mercado, acaba de tabular uma pesquisa que interessa a toda pessoa que procura um bom emprego na praça. Foram ouvidos 1 500 profissionais que, em 1 200 empresas diferentes, têm como especialidade selecionar candidatos. O tema da pesquisa não era currículo nem vocação nem conhecimento de línguas. Era aquilo que mais preocupa o sujeito na hora aflita em que sai de casa para uma entrevista, quando sabe que seus dados profissionais já foram examinados, as referências no mercado também foram tomadas, mas falta um teste decisivo — a aparência. A pesquisa mostra que a aparência é importante — e como.

Entre candidatos de currículo igual, mas sendo um gordo e outro magro, a imensa maioria prefere o magro. Os não-fumantes têm melhores chances do que os que dão baforadas. Mulheres com maquiagem leve são mais bem vistas que as rebocadas e as de cara lavada. Para agradar na primeira impressão, os selecionadores avisam que a roupa é um elemento fundamental. Cinquenta por cento entre eles preferem profissionais com ternos azul-marinho. Essa preferência cai a um terço quando se trata de trajes de cor cinza. O que eles abominam são os ternos verdes ou brancos, que são tolerados apenas por 1% dos entrevistadores. Para os profissionais de recursos humanos, é ingenuidade imaginar que, por trás dessa preferência, se escondam gostos pessoais ou referências estéticas. O que está em exa-

me, ali, é a capacidade de um candidato apresentar-se num exame profissional como qualquer outro.

"Procurar emprego é uma situação formal", diz o coordenador da pesquisa, Thomas Case. "Se o candidato se apresenta num terno verde berrante, demonstra que não entendeu seu papel, que a situação requer formalidade." O código do mundo dos executivos requer terno para homens e

tailleur para mulheres. "Chega a ser ridículo seguir essas regras, mas funciona", diz o engenheiro paulista Giorgio Olivari. Ele teve de voltar ao mercado de trabalho depois de passar algum tempo com o seu próprio negócio. Sempre se vestiu com roupa esporte, mas para as entrevistas Olivari comprou um terno azul-marinho e uma pasta executiva nova. Depois de empregado, as duas armas não saíram mais do armário.

TERNO DE FORMATURA —

Uma gravata diferente, às vezes até por ser bonita demais, pode fazer com que o entrevistador se fixe naquele detalhe e não no que o candidato está dizendo. "É um conceito da psicologia: não se deve fazer nada que possa interferir na atenção de quem o está avaliando", explica a consultora Vicky Bloch, sócia da DBM, especializada em orientação de carreiras. "Por esse mesmo princípio, é recomendável não usar perfume muito forte." Para as mulheres, os padrões também são definidos. Além do tailleur, mostra a pesquisa, só se admite o blazer com saia, o vestido e o conjuntinho de saia e blusa. A calça comprida é praticamente proibida. "É uma velha convenção", diz o editor de moda Fernando de Barros. "O tailleur, assim como o terno azul-marinho, é o que existe de mais formal em vestuário."

O que eles não querem

Conheça algumas das objeções que os entrevistadores fazem aos candidatos



70%
contra
fumantes



68%
contra
obesos

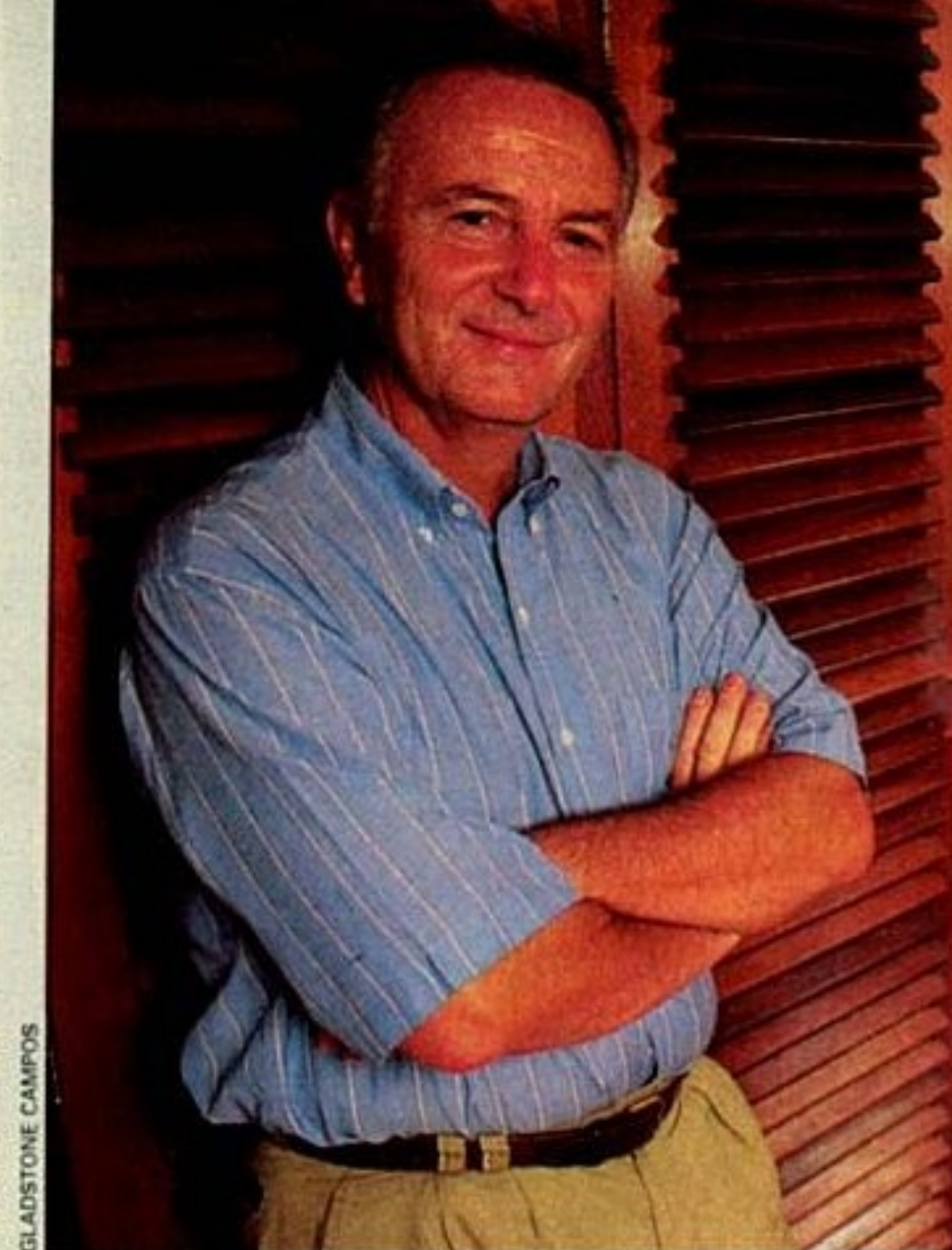


38%
contra
solteiros
com mais
de 35 anos



23%
contra
separados
ou divorciados

DAVID PREMIER



GLADSTONE CAMPOS

O engenheiro Olivari, empregado:...

Na primeira impressão, não é só a roupa que deve ser sóbria. O rosto do homem deve estar bem escanhado e o cabelo, curto. Às mulheres recomendam-se cabelos presos e maquiagem discreta. Nos números da Catho, os candidatos de rosto barbeado tiveram 92% das preferências sobre os de barba e bigode. "Ainda existe alguma estranheza no mercado para barba, bigode e cabelo longo", diz Ugo Barbieri, diretor da área de busca de executivos da

O bom candidato

50% dos
entrevistadores
preferem terno
azul-marinho

Em **99%** dos
casos os candidatos
de cabelo curto
foram preferidos aos
de cabelo comprido

Em **92%** dos casos
os candidatos sem
barba e sem bigode
tiveram preferência

Só **9%** dos
contratados
pesquisados
tinham mais de 45
anos: **34%** tinham
menos de 35 anos





...terno azul e pasta executiva no armário

Coopers & Lybrand. "Não há uma explicação racional para isso. Acho, por pura imaginação, que até hoje a barba e o cabelo comprido possam ser relacionados com os anos 60, a contracultura e a rebeldia anti-sistema." Cortes de cabelo que lembrem, apenas levemente, um estilo mais juvenil também não são bem recebidos. O engenheiro e administrador de empresas Pelayo Munoz Olea, gaúcho de 29 anos, concorda. Durante oito meses, ele



Pinheiro: banho frio e exercícios para aparentar saúde ao entrevistador

se apresentou às empresas com cabelo cortado bem rente, espetadinho, e aparelho ortodôntico nos dentes. Só foi contratado depois que deixou o cabelo crescer, modificou o aparelho e passou a usar o terno escuro de sua formatura.

IDEAL ATLÉTICO — Outros dados da pesquisa vão além de roupa e cabeleireiro. Nada menos que 68% dos entrevistadores reconheceram ter objeção a gordos. Levando-se em conta que poucas empresas podem ter motivos sólidos para tal preferência — como uma rede de academias de ginástica —, é justo considerar que o ideal atlético ganhou tantas adesões que interfere mesmo nos critérios de quem procura uma pessoa para passar o dia inteiro trancado num escritório. O gerente de vendas mineiro Sandir Ramalho, 1,92 metro de altura e 145 quilos, tem certeza de que foi por causa de seu peso que teve de esperar seis meses para conseguir uma boa colocação. "Numa indústria de salgadinhos, disseram que minha imagem poderia afetar os consumidores. Em outra, tive de fazer teste ergométrico", conta. O gerente de marketing paulista Eduardo Perrone Pinheiro, por sua vez, tomava banho frio e corria todos os dias de manhã no período em que procurava emprego. "Queria estar com a imagem sempre saudável e enérgica", diz. Há até quem associe a imagem de saúde às conveniências atuais das empresas, sempre enxugando funcionários e aplicando políticas de corte nos gastos. "Com os quadros cada vez mais enxutos, as empresas exigem um aumento de produtividade do empregado", diz o consultor Barbieri. "Com isso, o aspecto saúde fica muito valorizado."

A pesquisa também se debruçou em questões de comportamento. Fica claro que o cigarro é um dado importante. Pela pesquisa, fumantes sofrem objeção de 70% dos selecionadores. O fumante pode ser preterido numa seleção por dois motivos. Algumas empresas temem sofrer prejuízos com a saúde dos funcionários e sabem que fumantes são mais suscetíveis a doenças. Outras simplesmente não querem que o ambiente de trabalho fique esfumaçado. Quando o candidato se mostra o mais capaz, mas é uma chaminé ambulante, tenta-se um acordo. "Negocia-se com o candidato se ele pode passar o dia sem fumar ou fumar apenas num espaço determinado fora de sua sala", diz Vicky Block.

São delicados os mecanismos mentais que levam uma pessoa a formular um juízo sobre outra em poucos minutos de conversa. Mesmo em se tratando de profissionais treinados para isso, sempre pesam fatores como a memória, a empatia, a leitura, os preconceitos a favor ("Todo japonês é inteligente") e os preconceitos contra ("Mulher na chefia é confusão"). Mas a pesquisa da Catho revela, também, preferências e opções de outra natureza. Quase 40% dos selecionadores disseram dar nota baixa para candidatos solteiros com mais de 35 anos e sem vida conjugal. É uma forma sutil de admitir que discriminam os homossexuais, cidadãos cujo estado civil mais se aproxima dessa descrição. Não podem ser casados, por lei, e fora de seu círculo de amigos muito raramente conseguem assumir uma vida conjugal. Mais grave ainda é a situação de mulheres com filhos pequenos. Seis em cada dez entrevistadores admitem que relutam em contratá-las. ■

A boa candidata



Tailleur com blazer e saia vale **2 vezes** mais que calça e blusa

Maquilagem leve vale **3 vezes** mais do que muita maquilagem; nenhuma maquilagem também perde ponto

60% dos entrevistadores têm objeção a mulheres com filhos pequenos

O gueto cristão

Isolados em suas colônias e tradições, os imigrantes menonitas prosperam no sertão paraguaio

JAIME KLINTOWITZ, de Luz y Esperanza

A menos de 100 quilômetros do burburinho de Ciudad del Este, o paraíso paraguaio dos sacoleiros e das bugigangas eletrônicas, banuiu-se o rádio e abominam-se os perfumes. Ali, à beira da Ruta 2, a caótica faixa de asfalto que leva à fronteira brasileira, uns poucos milhares de cristãos fundamentalistas, da seita menonita, estão empenhados numa tarefa digna daqueles que acreditam que a fé remove montanhas: manter a balbúrdia do mundo moderno do lado de fora da porteira.

Com suas roupas e seu puritanismo, ambos igualmente fora de moda, as pequenas comunidades montadas junto à Ruta 2 pelos amish — o ramo menonita que inclui aquela gente avessa às máquinas modernas que dá guarida a Harrison Ford no filme *A Testemunha* — são o capítulo mais recente e menos conhecido de uma saga que começou há setenta anos, com a imigração de religiosos para o Chaco, a vasta terra inóspita que os paraguaios apelidaram de “inferno verde”. A primeira leva de imigrantes (alemães étnicos que viviam na Ucrânia e fugiram do comunismo) chegou em 1926, atraída por uma lei negociada sob medida para suas peculiaridades religiosas. A Lei nº 514, de 1921, dispensou-os do serviço militar, de prestar juramento na Justiça e deu-lhes o direito de educar seus filhos na língua e do jeito que achassem melhor.

PRAGAS BÍBLICAS — O lugar que os menonitas escolheram para se fixar é uma reedição de pragas bíblicas: nuvens de gafanhotos, cobras venenosas, temperaturas de 43 graus e tempestades de areia. O sítio ideal para uma existência rural e despojada, do jeito que consideram próxima do modo de vida bíblico, que desejam imitar. A seita surgiu entre os protestantes suíços do século XVI e propagou-se pelo norte da Europa. Muitos fiéis des-

denham a tecnologia moderna, incluindo automóveis e telefones. O nome deve-se ao holandês Menno Simons, que organizou os fiéis. Os pilares da fé são a oposição ao batismo de crianças e ao uso de armas de qualquer tipo e a defesa intransigente da separação entre Igreja e Estado — idéias que evidentemente lhes valeram cruéis perseguições. Dispersa pelo mundo, a corrente menonita proliferou em várias vertentes, como a amish. Há atualmente 1 milhão de menonitas, metade nos Estados Unidos e Canadá. Com 27 000 fiéis em dezenove colônias agrícolas, o Paraguai hospeda a maior e mais influente comunidade da América do Sul.

Do tamanho do Estado de São Paulo, o Chaco abriga menos de 3% dos 4,5 milhões de paraguaios — quase que só menonitas e indígenas. As colônias do Chaco



FOTOS ANTONIO MILENA





Os amish de Florida adotam máquinas agrícolas, mas não dispensam as carroças e as roupas tradicionais: computadores em Filadelfia, a capital do Chaco, onde os colonos preferem ser "paraguaios de fé menonita"

quais é proibido o uso do automóvel. A terceira parcela são os amish, que deixaram os Estados Unidos para converter os nativos. São rígidos em doutrina, roupas e costumes tradicionais — mas dão boas-vindas às máquinas modernas.

Na pequena comunidade de Florida, entre casarões brancos de madeira e tecnologia rural de primeira linha, os amish aferram-se ao figurino tradicional: calças pretas e suspensórios para os homens, vestidos longos e toucas para as mulheres. "A roupa indica nossa atitude não-conformista em relação aos estilos efêmeros do mundo", ensina o bispo John "Juan" Myers. "A touca é um modo de conhecer seu lugar no mundo. No plano da criação, a mulher está abaixo do homem, como o homem está abaixo de Deus."

COLHEITA DE ALMAS — Florida e Luz y Esperanza são parte de um grupo de seis colônias missionárias formadas nos últimos vinte anos. Na escolinha de Luz y Esperanza, onde o ensino é ministrado em inglês, alunos de várias séries compartilham a mesma sala de aula e o mesmo professor. A educação amish resume-se a doze anos de ensino elementar, com ênfase na doutrina religiosa. "Queremos uma vida



FOTOS ANTONIO MILENA

bíblica. Ou seja, simples", prega o pastor Philip Eichorn, líder espiritual de Luz y Esperanza. "As coisas que parecem grandes e importantes para o homem não são nada perante Deus. A TV, por exemplo, é a ruína da moral." As colônias amish são pobres, mas a colheita de almas é farta — um terço dos 130 colonos de Florida é de convertidos paraguaios.

Os supercarolas da colônia Rio Verde, a 300 quilômetros de Assunção, colocaram o automóvel entre as abominações modernas. Durango, a 150 quilômetros de distância, implicou com os pneus — lá, tratores e carroças usam rodas de ferro. Descontentes com a introdução de certos modernismos em suas comunidades originais, eles chegaram ao Paraguai nos anos 70 trazendo na bagagem tradições reverenciadas como sagradas. A educação é precária — sete anos para meninos, seis para meninas. Os homens vestem-se com macacões, as mulheres com vestidos es-

tampados em padrões florais graúdos e chapelões. Com quase 3 000 habitantes, Rio Verde é pragmática o suficiente para adaptar a suspensão da Kombi em suas carroças. Mas empaca em manias. Não dispõe de médico nem mesmo de ambulatório. Em caso de necessidade, recorre-se a um massagista, que também sabe engessar braços quebrados. "Vivemos para nossa fé e conforme nossa tradição", explica Jakob Klassen, plantador de soja e pai de dez filhos, a maior com 21 anos e o menorzinho com 1 mês. Como é natural, Klassen não sabe

dirigir, mas já se sentou ao volante numa visita aos primos mexicanos. "Era um carro com câmbio automático", ri. "Qualquer um dirige."

Habitantes de um país violento e proibidos de usar armas, os menonitas tornaram-se presa fácil da bandidagem local. Apavoradas com a criminalidade crescente, as 100 famílias da colônia amish Rio Corrientes estão voltando para os Estados Unidos. Luz y Esperanza penou para se livrar duma invasão de sem-terra. Os índios reivindicam 100 000 hectares, parte deles dentro das colônias no Chaco. Políticos de oposição querem revogar a Lei nº 514, que livra os menonitas do serviço militar. Nem Rio Verde escapa aos sinais dos tempos. "Há muitos jovens que escutam rádio às escondidas", confidencia Klassen, com olhar maroto. Até no Paraguai está difícil manter o burburinho do mundo moderno do lado de fora da porteira. ■

A mais nova amiga do rei

Loira, 21 anos, a oitava acompanhante de Olacyr de Moraes fez sua estréia numa festa no Itamaraty

Ninguém prestou atenção ao bigode de Lech Walesa depois que o empresário Olacyr de Moraes apareceu no almoço para 150 pessoas no Itamaraty, em que Fernando Henrique recebeu a delegação polonesa na segunda-feira da semana passada (veja reportagem à pág. 30). Pudera. Para acompanhá-lo, Olacyr escalou a estudante gaúcha Gissele Weber. A moça fez um sucesso e saiu feliz depois de cumprimentar o presidente, um de seus grandes sonhos. "Lá em Porto Alegre fiz parte da minoria que votou nele", conta a tucana loira. "Adorei conhecê-lo." Candidata a modelo, Gissele também adorou aparecer.

Além de votar em FHC, até o ano passado ela queria ser socióloga, como o presidente. Estava no segundo ano da faculdade, mas trancou a matrícula para tentar ser modelo. Olacyr também saiu radiante de Brasília. Afinal, diante das câmaras, mantém a fama de namorar mulheres bonitas. Como oitava acompanhante de Olacyr em aparições públicas, Gissele é nova — 21 anos —, exuberante e está-se iniciando numa profissão em que nunca se sabe até onde se vai chegar. "Nós somos amigos há muito tempo, como vocês podem ver pela idade dela", ironizou Olacyr, 42 anos mais velho.

O Itamaraty mandou ao empresário um convite para *senhor e senhora*. Divorciado, Olacyr levou Gissele, que conheceu há seis meses. "Tinha de ser uma mulher bonita, elegante e que soubesse compor-

tar-se numa cerimônia com dois presidentes da República", diz Olacyr. Gissele se enquadrava à perfeição nessas pré-condições: tem 1,76 metro de altura, 61 quilos e um rosto espetacular. Com um cenário tão bonito, sua conversa é tão agradável que o interlocutor acreditaria até se ela dissesse que acha Olacyr um gato. Gissele talvez não chamasse a atenção numa festa de modelos. Mas teve a felicidade de fazer sua estréia numa recepção de senhoras maduras. "Muita gente colocaria as manguinhas de fora se não estivesse com a mulher ao lado", diz Olacyr.

FAZER COMPRAS — Ela conheceu o rei da soja durante um jantar em São Paulo. No mês passado mudou-se para a capital paulista e, à procura de trabalho, divide com uma amiga o aluguel de 800 reais de um apartamento nos Jardins. Mas Olacyr dá uma força. Dois dias depois do almoço no Itamaraty, o empresário colocou a sua disposição um Mercedes dourado para que fizesse compras. Talvez embalada pelo

ímpeto da idade, Gissele escorrega em mentirinhas ao falar de sua carreira. Diz que é modelo da agência Elite, em São Paulo. Não é bem assim. Se quiser ser, precisará baixar seu peso de 61 para 56 quilos e perder 4 dos 94 centímetros de quadris. Diz também que desfilou para a Maison Guy Laroche, em Paris. Mais ou menos. Na maison, embalava-se nas roupas quando uma cliente ia escolher um vestido. Nada a ver com o glamour de um desfile. Por fim, diz que tomou emprestada a roupa que usou em Brasília. Nada disso. Olacyr lhe deu de presente. Na passarela coleciona títulos: foi Garota Verão do Rio Grande do Sul em 1990, segunda colocada no Miss Brasil em 1992 e Garota Punta Del Este em 1993. Embora já se tenha despedido da faixa, conserva um costume das misses e, de vez em quando, só sai em companhia da mãe. ■

ANTONIO MILENA



Gissele, Olacyr e FHC: "Pondo manguinhas de fora"





REUTER



REUTER

Madonna, de Versace, e o ex-Prince, de "escravo": espanto

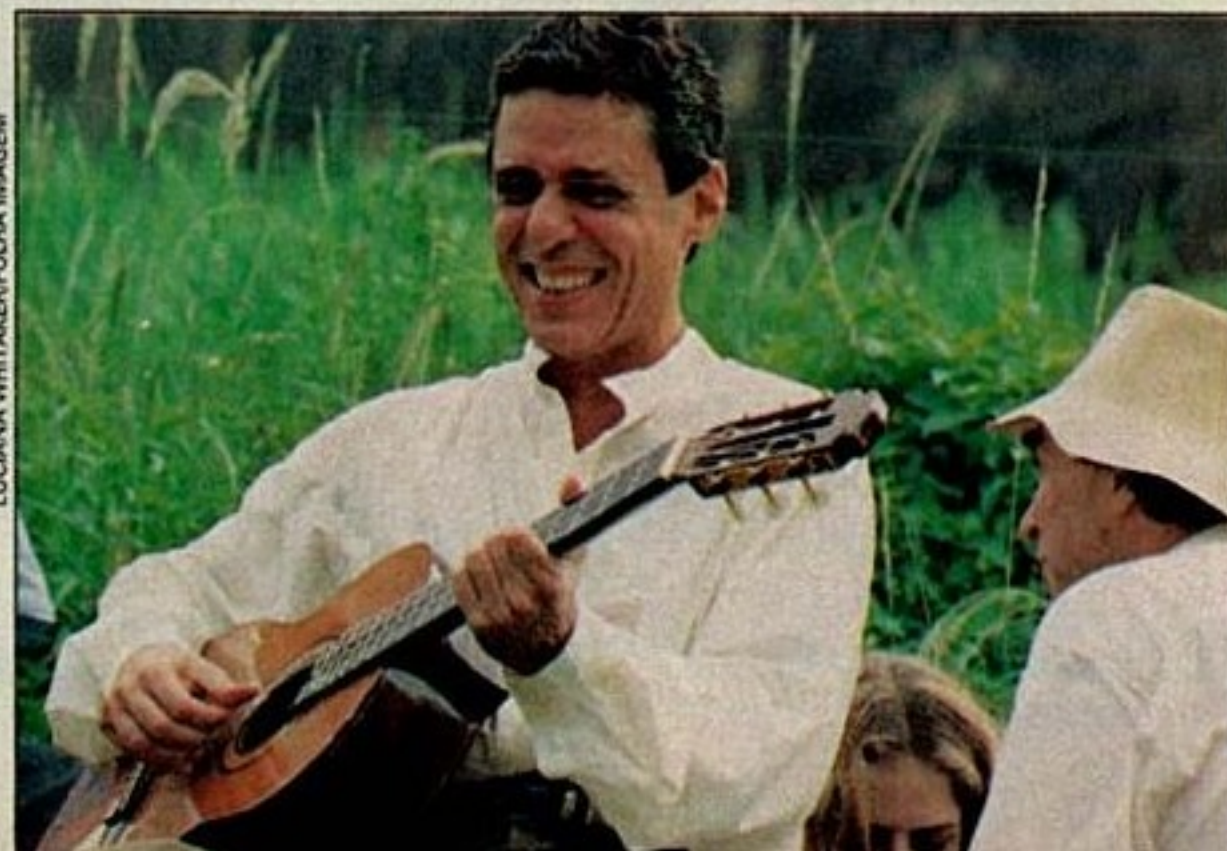
Loura repaginada dá um show

Ela nunca esteve tão elegante. De peruca longa e com um diáfano modelo do italiano Gianni Versace — o mesmo visual que exhibe na nova campanha publicitária do estilista —, **Madonna**, 36 anos, era outra mulher no show de entrega do British Awards, o principal prêmio de música pop da Inglaterra. O encontro entre Madonna e Versace em vez de produzir um campeonato de perúce gerou um estilo que parece adequado aos já não tão verdes anos da estrela. O bom comportamento da loura invocada foi contrabalançado por outra maluquice do megastar que se chamava **Prince**, 36 anos. O ex-Prince, que se rebatizou com um nome impro-

Depois daquele longo beijo

Os olhos verdes (e todo o resto) de **Chico Buarque**, 50 anos, ainda são capazes de fazer palpitar os jovens corações. Na semana passada, durante as filmagens de *O Mandarim*, de Júlio Bressane, em que faz o papel do compositor Noel Rosa, Chico empenhou-se a fundo na cena em que beija a atriz Giulia Gam, 28 anos. Apesar dos longos segundos de intenso realismo, o

cantor pediu desculpas pela timidez. "Não estou acostumado com isso", disse o encaulado Chico. Ao que respondeu a exultante Giulia: "Você se saiu muito bem".



LUCIANA WHITAKER/FOLHA IMAGEM

Chico Buarque: cena de cinema acelera o coração de Giulia

nunciável, apareceu com corte de cabelo parecido com o de Mia Farrow em *O Bebê de Rosemary* e com a palavra *slave* (escravo, em inglês) escrita no rosto. Um espanto.

A mulher de 1 bilhão

Ela certamente é uma das poucas mulheres do país que não vivem com um orçamento apertado. Para inveja dos marmanjos engravatados que a cercam, a economista **Maria Silvia Marques**, 38 anos, secretária municipal da Fazenda do Rio de Janeiro, dispõe de 1 bilhão de dólares, quantia acumulada na administração anterior. Mas, como toda alegria pecuniária costuma durar pouco, essa montanha de dinheiro vai sofrer uma erosão de 650 milhões de dólares logo depois do Carnaval, quando a prefeitura carioca pretende iniciar uma série de obras na cidade. "Vou sentir saudade desse bilhão", admite Maria Silvia, aparentemente conformada com a boa causa.



PAULO JARÉS

Maria Silvia: erosão



Sônia Braga: "Cena de sexo só se eu ficar por baixo. Por cima, despenca tudo"

Modelos morro abaixo

Era para tudo ser muito poético. As fotos publicitárias de uma griffe paulista mostrariam os modelos **Fábio Ghirardelli**, 26 anos, e **Silvia Pintor** no Morro do Vidigal, tendo ao fundo o jornalista Zuenir Ventura, autor do livro *Cidade Partida*, que trata da violência no Rio de Janeiro. Na hora H, porém, a realidade invadiu a poesia. O traficante Gringo, armado de revólver, ordenou que todos descessem para o asfalto. "Insisti para irmos para Vigário Geral, mas a turma ficou apavorada", diz o desconsolado Zuenir.

LALO DE ALMEIDA



BETH SANTOS/O DIA

Cláudia Guedes: suspensa

Cartão para a juíza

Depois da estréia impecável como árbitro do clássico suburbano Olaria x São Cristóvão, a juíza **Cláudia Guedes**, 31 anos, levou uma puxada de tapetão. Orgulhosa de sua atuação, ela declarou que só não entrou em campo há mais tempo porque, no ano passado, denunciou trambicagens na comissão de arbitragem do Rio, num episódio que passou ao panteão da glória futebolística com o nome de "CPI do apito". Resultado: tomou um cartão vermelho de saída e está suspensa por tempo indeterminado.

Gabriela não é mais aquela

Ela demorou um tempão e, quando chegou, foi só para ficar um tempinho. A atriz **Sônia Braga**, 44 anos, veio rapidamente ao Brasil para filmar um comercial. É claro que resolveu voltar aos Estados Unidos só depois do Carnaval. É pouco, mas ela programa uma temporada mais longa, ainda neste ano, para protagonizar *Tieta*, um filme de Cacá Diegues. Como é que a eterna Gabriela vai encarar mais uma morena de Jorge Amado, com aquelas cenas tórridas que fazem a glória das artes nacionais? "Na minha idade, cena de sexo só se eu ficar por baixo. Por cima, despenca tudo", brinca Sônia.



CLAUDIA GUIMARÃES/FOLHA IMAGEM

Ghirardelli: barrado por um traficante no Vidigal



LIONEL CHERRAULT/SIPA PRESS

Isabelle e Day-Lewis: um romance pós-moderno

O amor nos tempos do fax

Se há uma coisa de que **Isabelle Adjani**, 39 anos, e **Daniel Day-Lewis**, 37, fazem questão é manter seu romance envolto numa aura de absoluta privacidade. A precaução, evidentemente, só aguça os jornais e revistas sensacionalistas, sempre em busca de detalhes do namoro. A última sobre os dois foi publicada no jornal inglês *Daily Mirror*, segundo o qual o casal há algum tempo só se fala via fax. A pós-modernidade é tanta que Isabelle usou o aparelho para comunicar sua gravidez a Day-Lewis. Ele teria respondido pela mesma via, desmanchando tudo.

A rede que abraça todo o planeta

A Internet inaugura a aldeia global na maior aventura tecnológica da História da humanidade

EURÍPEDES ALCÂNTARA, de Nova York



O americano Nicholas Negroponte costumava ser ouvido como um profeta. Diretor do Laboratório de Mídia do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, MIT, ele é um desses conferencistas que fascinam as platéias quando falam sobre o futuro. Entre os ouvintes de suas palestras já estiveram diversos presidentes americanos, líderes europeus e cientistas ganhadores do Prêmio Nobel. De uns tempos para cá, Negroponte deixou de ser um anunciador do amanhã. Fala do presente. A razão, segundo ele, é simples. O futuro chegou. Vamos ouvi-lo brevemente sobre o avanço dos computadores e das redes de telecomunicação:

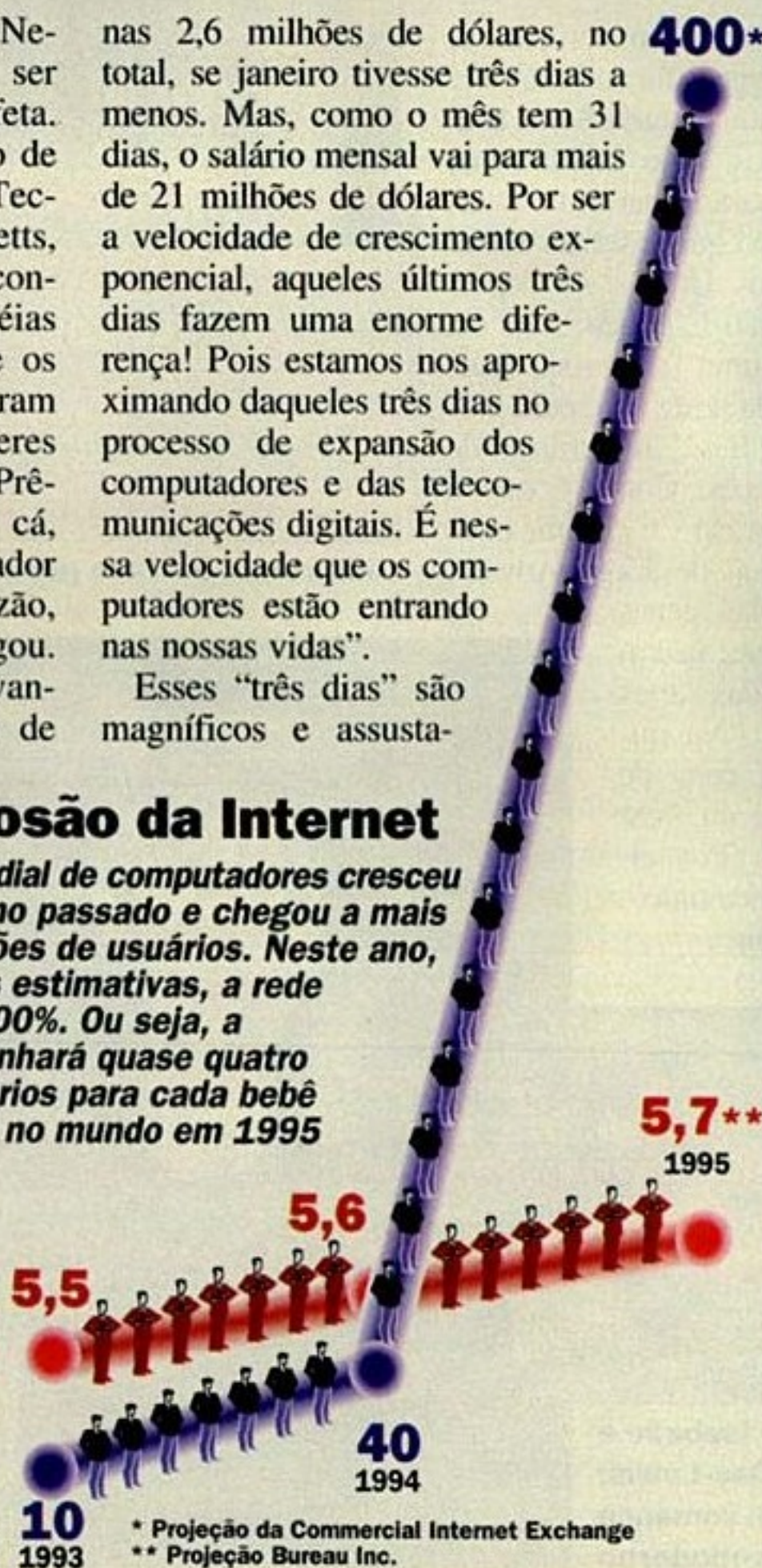
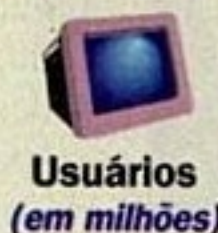
“Há uma brincadeira com números que faz muito sucesso entre as crianças. Começa com uma pergunta: vale a pena trabalhar por 1 centavo ao dia durante um mês, dobrando o salário a cada dia? Se começarmos esse maravilhoso sistema salarial no Ano-Novo, estaremos ganhando mais de 10 milhões de dólares por dia no fim de janeiro. Essa é a brincadeira. Usando o mesmo esquema, estaríamos ganhando ape-

nas 2,6 milhões de dólares, no total, se janeiro tivesse três dias a menos. Mas, como o mês tem 31 dias, o salário mensal vai para mais de 21 milhões de dólares. Por ser a velocidade de crescimento exponencial, aqueles últimos três dias fazem uma enorme diferença! Pois estamos nos aproximando daqueles três dias no processo de expansão dos computadores e das telecomunicações digitais. É nessa velocidade que os computadores estão entrando nas nossas vidas”.

Esses “três dias” são magníficos e assusta-

A explosão da Internet

A rede mundial de computadores cresceu 300% no ano passado e chegou a mais de 40 milhões de usuários. Neste ano, segundo as estimativas, a rede crescerá 900%. Ou seja, a Internet ganhará quase quatro novos usuários para cada bebê que nascer no mundo em 1995



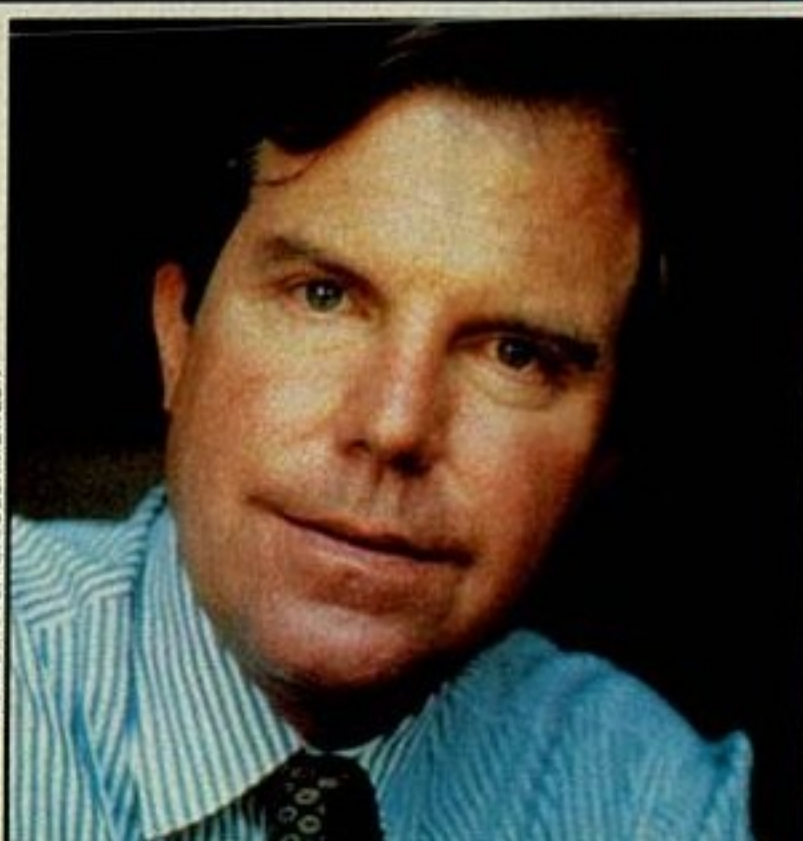
dores. O “efeito Negroponte”, magistralmente descrito no seu novo livro, *A Vida Digital*, pode ser sentido na multiplicação do número de computadores interligados à rede mundial Internet, a mãe de todas as redes. Mudanças radicais do cotidiano, mesmo em áreas mais visíveis como a moda ou a arquitetura, nunca chocam muito porque no começo aparecem aos poucos e depois as pessoas se acostumam e não reagem mais. Com a Internet será difícil acostumar-se. Se você ainda não notou, tenha a certeza de que muito em



**A Internet já reúne
40 milhões de
usuários
em mais de 100
países. Através dela,
as pessoas trocam
mensagens, fazem
ciência, lêem
jornais, discutem
e até namoram**

breve vai ser obrigado a perceber. O susto, acredite, será muito grande.

Hoje, o computador pode comunicar-se com outros computadores através de uma linha telefônica. Basta que a pessoa instale no seu micro um pequeno aparelho chamado modem, que transforma os códigos digitais para o tráfego no fio, e está tudo pronto para a maior viagem que a tecnologia já ofereceu ao ser humano. O Brasil tem 50 000 pioneiros plugados na Internet e ainda está tropeçando na porta de entrada dessa aventura (veja reportagem à pág. 54), mas a malha planetária de computadores que forma o sistema Internet está explodindo por todos os países, inclusive na vizinha Argentina, onde o número de inscritos cresceu mais de 8 000% no ano passado. A onda chegou também até Chiapas, a região mais pobre do Méxi-



Negroponte, do MIT: "Nossa época está marcada pela transformação dos átomos em bits"

co, onde os rebeldes zapatistas chefiados pelo subcomandante Marcos usam a Internet para transmitir seus comunicados. Criada pelo governo americano nos tempos incertos da Guerra Fria, com uma arquitetura tal que continuasse a funcionar como sistema de comunicação indepen-

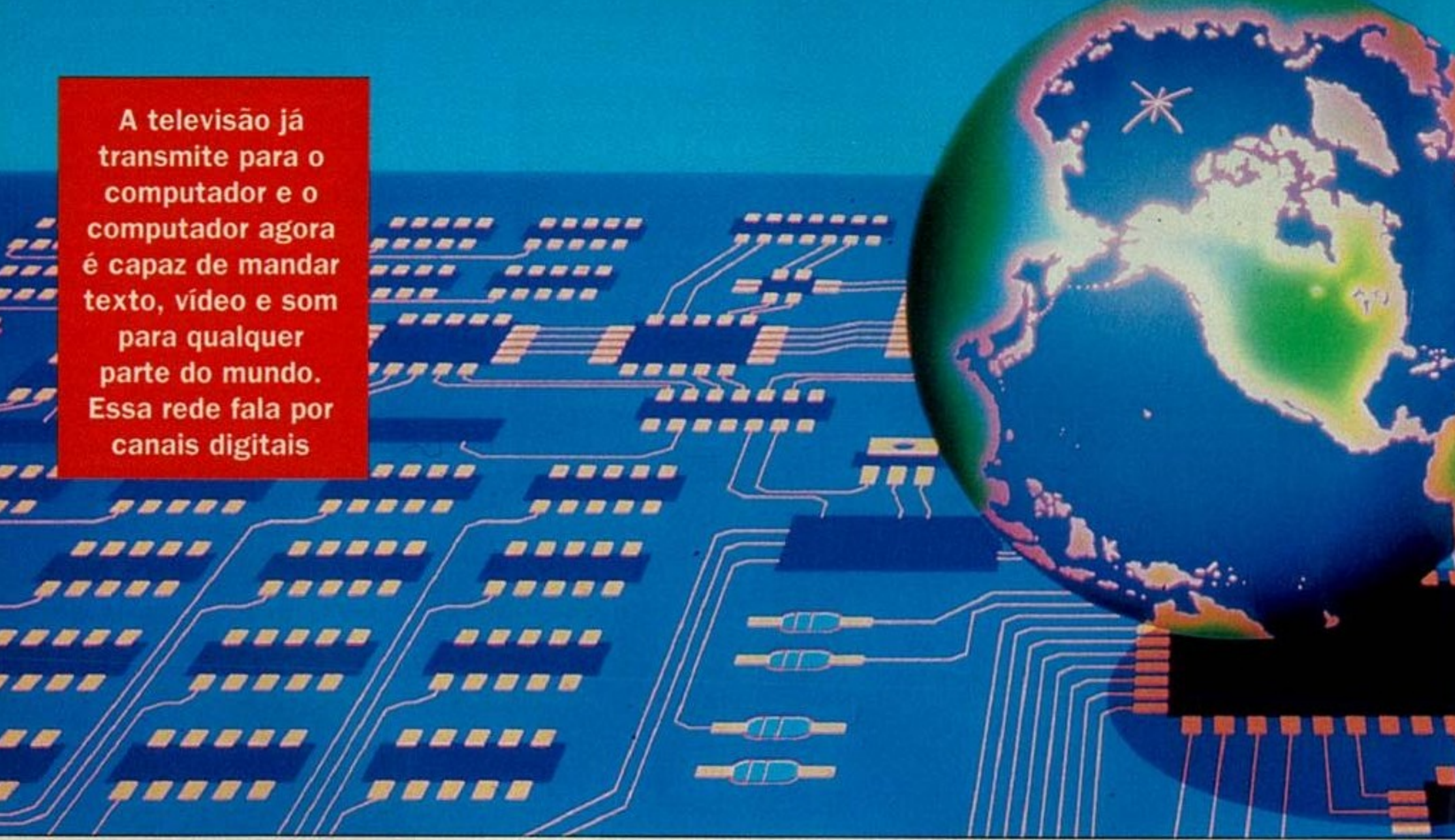
dente, mesmo que Washington fosse riscada do mapa por um ataque nuclear, a Internet nasceu sem um centro de comando. Não tem dono, nem governamental nem empresarial, cresce espontaneamente como capim e qualquer corporação venderia a alma para tê-la a seu serviço.

Como não está submetida a um núcleo de comando, nem sequer se sabe quantos membros tem exatamente no mundo. Estima-se. Seria certamente o maior negócio do planeta se alguém pudesse dominá-lo sozinho. "É mais fácil explicar o que a Internet não é do que o que ela é", diz a americana Elle Broidy, uma pesquisadora interessada em temas feministas. "A Internet não é uma entidade, não é uma instituição." Até a semana passada, a rede interligava mais de 40 milhões de pessoas em mais de 100 países, do Uruguai aos Estados Unidos, da Lituânia à Inglaterra. O mais espetacular nem é o tamanho. É o ritmo de propagação dessa onda. A Internet vem crescendo mais de 10% ao mês desde meados do ano passado e terá provavelmente 400 milhões de usuários até o final deste ano. Além desse horizonte, ninguém se arriscaria a prever. A explosão se deu em decorrência de avanços tecnológicos formidáveis nos processos de busca de informação na rede. Seu uso tornou-se tão simples quanto tirar dinheiro num caixa 24 horas.

VALE FALAR PALAVRÃO — A cada dia, 130 000 novos usuários pulam para dentro da rede. A cada hora, 5 416 novos terra-queos são interligados. Recebem seu email, ou endereço eletrônico, uma espécie de CEP através do qual seu computador pode ser encontrado, e passam a receber mensagens vindas de qualquer parte do mundo. "Dentro de três anos, o tráfego da Internet nas redes telefônicas vai exceder todo o movimento atual de dados convencionais e de conversa das empresas", afirma Tony Rutkowski, diretor executivo da Internet Society, uma das muitas associações que se formaram em torno da rede. Diz Rutkowski: "Nenhuma outra forma de comunicação na História da humanidade cresceu tão rápido. Estamos traçando as linhas de uma nova fronteira. Não importa quanto você se sinta distante agora da Internet. Brevemente você fará parte dela."

Mas, afinal, para que serve a Internet? Serve para que milhões de pessoas separadas por milhares de quilômetros conversem horas a fio tecendo suas frases nos computadores e pagando o preço de uma ligação telefônica local. Serve para consultar um livro ou um documento em 2 000 bibliotecas que podem ser acessadas a distância, 24 horas por dia. É melhor ler

A televisão já transmite para o computador e o computador agora é capaz de mandar texto, vídeo e som para qualquer parte do mundo. Essa rede fala por canais digitais



THE STOCK MARKET/CONTEXT

Guerra e Paz, o romance épico de Tolstói, num livro convencional. Mas que tal quando se trata de levantar informações sobre o próprio Tolstói ou sobre religiões hindus? Uma consulta dessas não demora mais do que meia hora. Centenas de bibliotecas ao redor do mundo podem ser rastreadas automaticamente em busca da informação desejada. A Internet serve também para que pessoas com interesses comuns, como os ecologistas, os gays, os médicos ou os fanáticos por esportes, conversem com suas almas gêmeas espalhadas pelo mundo. Serve para que cientistas separados no tempo e no espaço possam trabalhar em projetos comuns, compartilhando uma mesma tela mas usando teclados diferentes, um deles em Paris e o outro em Nova York. Adeus, telefonemas internacionais a preço de caviar. Adeus, falta de informação só porque se vive numa cidade provinciana. Adeus, conversa com o vizinho maçante quando se tem o mundo inteiro para bater papo. Também dá para flertar verbalmente pela Internet. Faz-se muito esse esporte. Briga-se também. E vale soltar palavrão, procedimento comuníssimo na rede.

ROLLS-ROYCE — No ano passado, o top quark, a intangível subpartícula atômica, uma das últimas peças da matéria que faltavam ser desvendadas no quebra-cabeça teórico da estrutura do átomo, foi encontrado num trabalho feito a muitas mãos via Internet. Ah, a rede pode servir

para dar uma olhada gulosa em centenas de imagens de alta qualidade das pinacotecas do Vaticano e da Instituição Smithsonian, em Washington. Ou para montar a mais fabulosa coleção de imagens pornográficas cujas reproduções digitais trafegam pela rede sem censura. Recentemente, num escândalo cibernético, milhares de fotos eróticas foram encontradas ocupando espaço na memória de dois supercomputadores de laboratórios militares americanos. Um deles, o venerando Laboratório Lawrence Livermore, o berço da bomba de hidrogênio. A partir deste ano, a Internet será também um gigantesco shopping center. Funcionará para mostrar produtos e fechar negócios através do computador, uma novidade que vem atraindo 2 000 empresas por mês para a rede.

Na semana passada, dois anúncios nos Estados Unidos mostraram como está a velocidade das mudanças no espaço cibernético.

O líder zapatista Marcos: mensagens via Internet

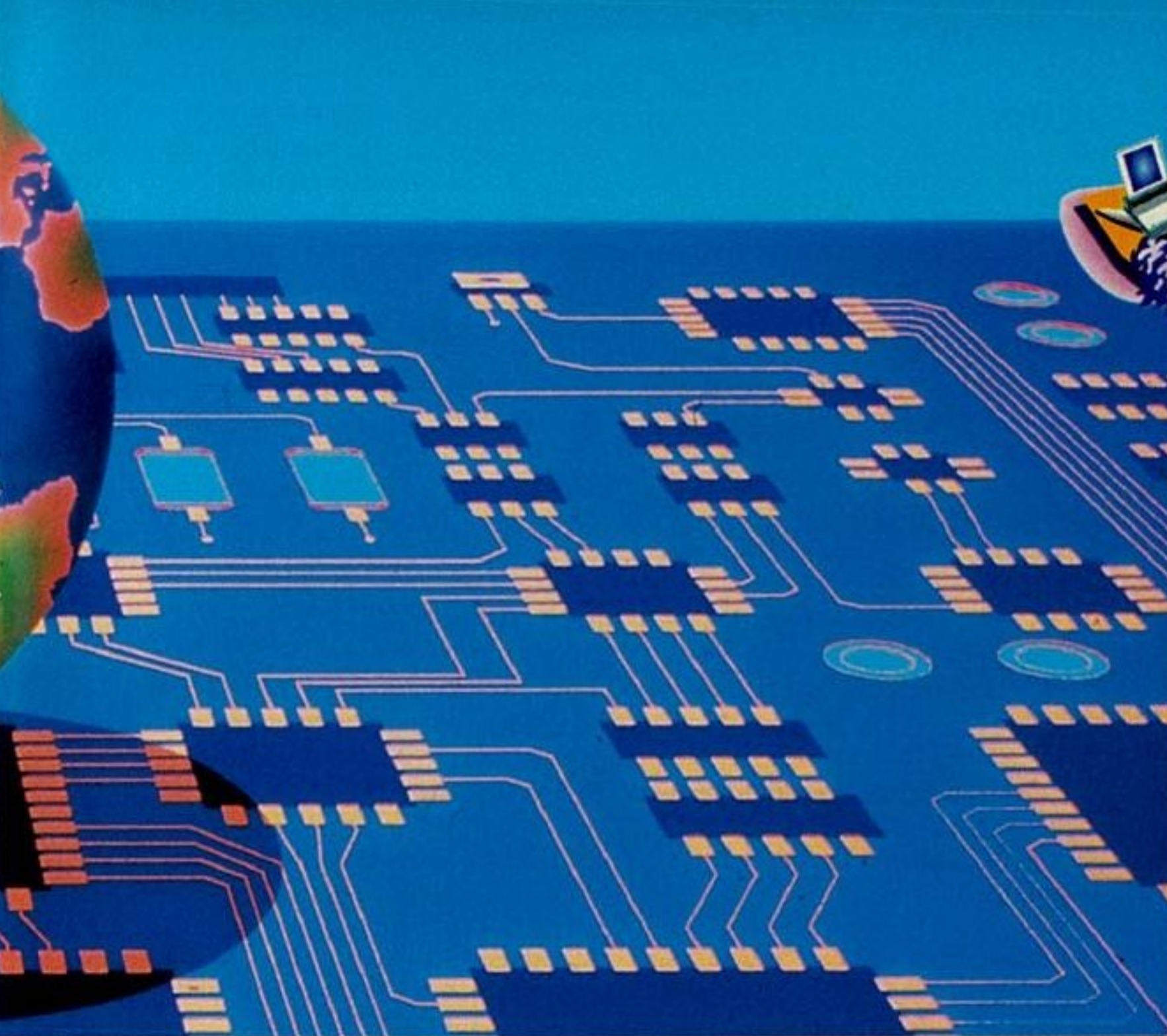
O cartão de crédito Visa anunciou ter desenvolvido um programa de cobranças que permite lançar valores mínimos de até 31 centavos de dólar — o que abre espaço para venda de selos, chocolates e outras bugigangas que não tinham peso econômico para virar ofertas numa rede de computador. “Trinta e um centavos parecem uma gota no oceano, mas, quando se imagina que a rede terá brevemente 100 milhões de usuários, essa gota pode vir a ser o próprio oceano”, diz David Melancon, diretor do cartão Visa. Ele poderia falar em quatro vezes mais, o número previsto para o fim deste ano. No outro extremo,

Gary Whitaker, revendedor dos automóveis Rolls-Royce em Beverly Hills, na Califórnia, comunicou na segunda-feira que passará a anunciar na Internet, onde já estão nomes populares como a Pizza Hut e a General Motors.

Não é apenas por ostentar números grandiosos que a Internet é um fenômeno. Tampouco por permitir o acesso a textos de bibliotecas e a repro-



JORGE NUNEZ/SIPA PRESS



O surfe nas ciberondas

Para "surfar" ou "navegar" pela Internet, como poeticamente seus usuários gostam de se referir à tarefa de buscar informações, imagens e conversar com pessoas a distância, é preciso um computador, uma linha telefônica e um modem – o aparelho que converte os sinais de telefonia em linguagem de computador e vice-versa. Depois é preciso conhecer os mares, os portos e os mecanismos de navegação pela rede. A palavra Internet aparece sempre associada a alguma outra terminologia nova que designa um tipo diferente de serviço, sistema de busca, programa ou nível de acesso à rede. Esses termos aparecem num menu na tela do computador ligado na Internet. Basta escolher um deles – nem todos estão disponíveis para todo mundo – e navegar. Para os milhões de usuários da rede mundial esses termos estranhos são tão familiares quanto "liquidificador", "televisão" ou "carburador". Alguns deles:

duções de quadros famosos dos grandes museus, como o Louvre, de Paris. Nem pelos avanços tecnológicos criados com a operação da rede. Mais que tudo isso, a Internet é uma experiência humana rara, é a concretização da profecia da aldeia global. Está acontecendo agora, diante desta geração. "A sensação é tão fantástica que me sinto um astronauta em órbita. Não porque mereça, mas por mero acaso, por pertencer a uma geração que teve acesso à comunicação global sem limites", diz o ator Robert Redford, um veterano membro da rede.

BOEING E CARROÇA — Em cada época, surge um grupo de inovações que toma conta da indústria e marca o ritmo de toda a sociedade. No século passado, foram as ferrovias e as máquinas a vapor. No pós-guerra, a manufatura. Nos anos 80, a prestação de serviços puxou o crescimento da economia. Os anos 90 estão entregues à alta tecnologia, à indústria da informação e de transformação digital. Ela se define pelo poder de empacotar todas as manifestações culturais na forma de bits, a unidade menor da linguagem dos computadores. "Nossa época está sendo marcada pela transformação dos átomos em bits", diz Nicholas Negroponte, do MIT. "Essa transformação já está tendo um impacto sem precedentes nas leis de propriedade intelectual, na educação, sem falar nos meios de comunicação e na indústria de diversão."

Exatamente porque os átomos estão sen-

do transformados em bits, no sentido de que ganham a nova forma nas entranhas do computador, é que a Internet é uma estrutura impressionante, maior do que ela mesma, fisicamente falando. A melhor imagem para descrevê-la é a de uma infovia, uma estrada digital por onde trafegam riquezas devidamente transformadas em bits. Transformar átomos em bits significa digitalizar, reescrever a informação contida na voz, na cor, nas luzes, nas letras, nos filmes e nas formas, colocando tudo isso para viajar de uma tela para outra. O membro da Internet é o radioamador dos anos 90, falando com o mundo todo de um escritório no fundo de casa, só que seu instrumento de comunicação está para o radiotransmissor assim como o Boeing está para a carroça. Viaja-se em ambos, claro. Canções podem ser digitalizadas — como já são nos CDs musicais —, e assim passeiam pela Internet. Jornais inteiros são igualmente transformados em bits e postos à disposição de assinantes. Dinheiro pode também trafegar como mensagem cibernética, na forma de números de cartão de crédito. Os bits são a maior riqueza deste fim de século, ou sua mais completa tradução.

A Internet carrega essa riqueza com muita eficiência. A rede tem basicamente três tipos de computador interligados. Os do primeiro tipo são computadores "servidores", grandes fornecedores de informações e programas. Em

E-MAIL — Abreviatura de endereço ou correio eletrônico. Pode-se teclar uma única palavra ou transcrever um trecho de 1.000 linhas e enviar pelo correio eletrônico. Tanto faz mandar uma mensagem para alguém do prédio ao lado ou para Sri Lanka. É de graça — em certos casos pode custar alguns centavos. Dependendo do destinatário, as mensagens chegam instantaneamente ou ao cabo de no máximo algumas horas. Todo integrante da Internet tem seu endereço eletrônico (veja quadro à página 55). Para as empresas é coisa séria. Elas economizaram 8,5 bilhões de dólares no ano passado utilizando E-mail da Internet para enviar suas mensagens corporativas em vez do fax e do correio comum.

MAILING LIST — Serviços de assinatura por área de interesse. Desde dinossauros e computadores até gays e lésbicas. A distribuição eletrônica de artigos pelo computador é gratuita. O único serviço sobre o Brasil é oferecido pela Associação Americana Portuguesa de Estudos, que manda artigos sobre literatura brasileira e portuguesa.

Os interessados devem enviar E-mail para o seguinte endereço: majordomo@beacon.bryant.edu. Basta uma palavra: **subscription** — que significa assinatura (de livros e revistas) em inglês.



IRC – Abreviatura de "Internet Relay Chat", o bate-papo ao vivo, sem censura e muitas vezes sem assunto definido que une centenas de pessoas simultaneamente em diversas partes do mundo. Em



geral, a pessoa escolhe um "canal" de um assunto que a interesse – natação olímpica ou sexo depois dos 50 anos, tanto faz. Depois do E-mail é o serviço mais popular da Internet, pois não exige computadores caros nem linhas muito boas. Chato é o

"netlag", o atraso na remessa e recebimento de perguntas e respostas. Como há muita gente conversando ao mesmo tempo e na tela só cabem cerca de trinta linhas, fica difícil chamar a atenção. O mais comum é as pessoas teclarem em maiúsculas (o equivalente a gritar na Internet) "OI, ESTOU AQUI. ALGUÉM FALE COMIGO, POR FAVOR". Os papos são coisa de lunáticos. Muitas vezes a baixaria dos palavrões, expressões racistas e sexistas explode na tela. A linguagem oficial é o inglês – da pior qualidade. Um levantamento da Universidade de Cambridge descobriu que a média de vocabulário utilizada no IRC é de 200 palavras – quando o cidadão razoavelmente educado usa cerca de 1.000. Com paciência se consegue encontrar um canal com alguma ordem, onde é possível realmente conversar com muitas pessoas ao mesmo tempo.

USENET/NEWSGROUPS – São áreas de interesse aberta para consulta mas não para assinaturas. A pessoa precisa entrar nessa área e dar comandos no computador para "puxar" os artigos desejados. Pode participar de debates, ou fóruns, também sobre assuntos específicos, de extraterrestres a culinária afegã. Os debates nessa área não são ao vivo. Manda-se uma mensagem, opinião ou pedido de ajuda e espera-se a resposta. Como milhares de pessoas lêem a mesma mensagem em todo o mundo, dificilmente fica-se sem resposta. Não é incomum continuar recebendo respostas meses depois de dar o assunto por encerrado. Os brasileiros se encontram na Usenet na área soc. culture. brazil. Na semana havia cerca de 400 mensagens enviadas por brasileiros no exterior e no Brasil. Assuntos predominantes de quem está fora: onde comprar guaraná, chuchu e aipim nos Estados Unidos. Assunto de quem está no Brasil: protestos contra o monopólio da Embratel e a lentidão e má qualidade dos serviços ligados à Internet. Uma carioca colocou mensagem procurando marido nos Estados Unidos. Uma americana procura marido brasileiro.



geral, pertencem a uma universidade ou instituição de pesquisa, ou então a uma grande empresa que estoca nele uma descrição de seus produtos. Os do segundo tipo são os nós, grandes máquinas que agem como os servidores, fornecendo informações, mas também ajudam a escoar o tráfego de informações na rede. Acontece que as mensagens passam por redes de uso científico e militar superdimensionadas que estariam funcionando do mesmo jeito, mesmo que nós, os usuários de fora, não existíssemos. Os computadores do terceiro tipo, mais numerosos, são os dos usuários, nós, que estamos na rede para receber e não para dar. É claro que os receptores estão longe de ser passivos. Passam mensagens, entram em discussões, cravam pontos de vista sobre isso ou aquilo. As possibilidades de se exibir são infinitas. De repente, qualquer um pode ser um best-seller mundial. Uma página de texto colocada por qualquer membro da Internet pode ser lida por milhões de pessoas.

TV NO COMPUTADOR – O tráfego mais pesado de informações passeia por cabos ópticos, apelidados de T3, que compõem a coluna dorsal da rede, interligando os nós de maior movimento. Com a espessura de um fio encapado de eletricidade, esses cabos podem suportar um tráfego de 45 milhões de bits por segundo. Isso significa que um único cabo pode transportar o equivalente a todas as palavras que todos os grandes jornais brasileiros publicam por dia — em apenas meio segundo. Para agüentar um tráfego equivalente em automóveis e caminhões, a Via Dutra, que liga São Paulo ao Rio de Janeiro, teria de ter a largura de 800.000 quilômetros, o dobro da distância da Terra à Lua. Há cabos mais limitados que funcionam como estradas de uma pista só e, finalmente, existe o equivalente às estradas vicinais — que chegam a um grupo de usuários depois de ser construídas por empresas interessadas em vender o acesso à Internet a um determinado número de clientes.

A tecnologia de transmissão de dados evolui tão depressa que a velocidade das transmissões se multiplicará a cada ano, a cada mês. Há várias implicações. Uma delas: qual a diferença que haverá em breve entre televisão e jornal? Já está

ocorrendo agora que ambos, o jornal e a televisão, viajam até o usuário das redes pelo cabo telefônico, para ser vistos na tela do computador. Para embaralhar ainda mais a questão, tanto o jornal quanto a televisão serão mostrados na forma de vídeos, fotos coloridas, textos e áreas interativas — em que o espectador-leitor pode mandar suas opiniões, encomendar um jornal só com notícias de esporte ou comentários sobre finanças. A rede de televisão CNN anunciou em novembro passado que estará transmitindo a Olimpíada de Atlanta, no ano que vem, pelo computador de uma rede comercial que já tem 2 milhões de membros nos Estados Unidos, o CompuServe.

Em contrapartida, o jornal *The New York Times* mantém numa rede comercial concorrente, a America Online (1,8 milhão de assinantes), seu serviço de transmissão on line que manda pelo computador fotos e textos do jornal. Quase todas as grandes revistas americanas, como *Fortune*, *Forbes*, *People*, *Business Week*, estão oferecendo suas edições nas grandes redes. A revista *Time* mantém na rede America Online um animado serviço para a criançada e os adolescentes, o Time for Kids. O jornal *O Estado de S. Paulo* estreou entre as publicações brasileiras na Internet, na semana passada, via Worldnews, uma empresa de Washington que



THE STOCK MARKET/CONTEXTO

colocou na rede também o primeiro comercial brasileiro, do Unibanco.

As redes comerciais oferecem serviços mais caros e diferenciados. Ao contrário da Internet, que não tem dono, os serviços comerciais custaram uma fortuna para ser montados, colocam ações na bolsa e disputam clientes entre si. Basicamente, eles são mais organizados do que a Internet. É mais fácil se conectar com eles pelo telefone, e graficamente as seções ficam mais organizadas na tela. Ninguém pode dizer até quando, pois alguns programas de busca na Internet, como o Mosaic e o Netscape, são graficamente tão bonitos quanto os menus das redes comerciais.

O que está ocorrendo é que as redes comerciais estão numa corrida desenfreada para ver quem oferece mais serviços da Internet. Uma delas, a Prodigy, uma iniciativa da IBM com a Sears que custou 1 bilhão de dólares, saiu na frente para surpresa de muita gente. A Prodigy foi a primeira a oferecer conexão com a WWW, a área multimídia da Internet. A America Online promete uma versão para daqui a dois meses. O CompuServe, que já tem alguns milhares de usuários no Brasil, não tem previsão de quando oferecerá esse cobijado canal.

A imensa avalanche de novidades que a Internet está lançando na praça é

É a aldeia global. A Internet permite ao usuário invadir bibliotecas do mundo inteiro, visitar o Louvre e ver seus quadros ou reservar uma passagem no próximo vôo para a Europa

resultado sobretudo dos avanços na área dos computadores. As máquinas portáteis de hoje fazem mais tarefas do que os gigantescos computadores empresariais do passado. E custam quase nada. Os modelos Macintosh são vendidos hoje por um terço do que valiam há apenas vinte meses. Em maio começam a ser oferecidos os primeiros clones, cópias autorizadas, dos Macintosh. Seu preço ficará abaixo dos 1 000 dólares. Aliás, está-se firmando uma meta não declarada da indústria de que 1 000 dólares é o preço máximo que se pode cobrar por um computador de uso doméstico. Isso é a consequência natural do fato de que o computador se está transformando num eletrodoméstico.

BANDEIRA ATUAL — Em breve, a maioria dos computadores estará plugada na Internet, cujo potencial é tamanho que a rede mundial hoje parece muito mais uma solução à procura de um problema. Para os países pobres, onde o que não falta são problemas, a Internet pode oferecer inúmeras soluções. Sua aplicação na educação parece mais do que óbvia. Nos países ricos, onde há recursos de multimídia de sobra nas escolas, a rede mundial ainda não colou como ferramenta didática. O mais recente levantamento do Centro para a Criança e a Tecnologia dos Estados Unidos descobriu que apenas 4% das escolas utilizam a Internet em salas de aula e apenas 22% dos professores se dizem familiarizados com a rede — embora 73% concordem que a Internet é potencialmente útil para o ensino.

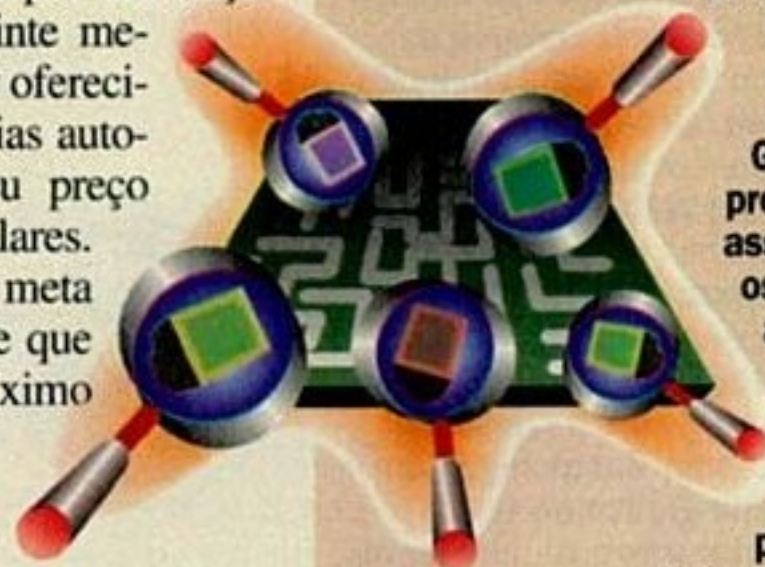
Um computador ligado à Internet em cada sala de aula de escola pública brasileira. Eis uma bandeira de luta adequada aos tempos atuais. Quem achar utópico que dê um desconto. Um computador em cada sala dos professores. Custaria uma fração do orçamento do Ministério da Educação e muito menos do que se gasta, por exemplo, com avaliações do método Paulo Freire, que só dá certo em países que dão errado como Moçambique e Cuba. Professor não come bits nem a Internet é a solução para todos os problemas, mas a rede mundial representa uma das raras janelas que a tecnologia moderna abriu e que se descortina com a mesma amplitude para os países ricos e pobres.

GOPHER — É um processo de busca simultânea de informações depositadas em cerca de 7 000 computadores interligados em todo o mundo que aceitam esse tipo de busca. O Gopher foi inventado em 1991 pelos alunos da Universidade de Minnesota.

Alguns processos de busca via Gopher permitem procurar um mesmo assunto em todos os computadores ao mesmo tempo. O mais famoso desses processos é um programa produzido pela

Universidade de Nevada em Las Vegas chamado "Veronica". Uma busca usando o Veronica com a palavra Brazil (com "z") rendia na semana passada 941 respostas (na forma de resumos de teses acadêmicas, artigos e fichas de livro). Há muito que se aprimorar nesses processos de busca. Vem muito lixo, fichas vazias e mensagens antigas sem valor a não ser histórico. Na busca "Brazil" surgem tanto artigos sobre o filme "Brazil", de Terry Gilliam (que não tem nada a ver com o país), como mensagens de protesto contra corrupção no governo Collor e a devastação da Amazônia. No Brasil há cerca de uma dúzia de computadores Gophers, como os da Unicamp, da Embrapa, do Ministério da Ciência e Tecnologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da USP. No Gopher da Unicamp estão disponíveis trabalhos acadêmicos — há um artigo de dez anos atrás sobre tributação de autoria do ministro José Serra — até fotos sensuais do filme 9 1/2 Semanas de Amor.

TELNET — É o sistema que permite a um usuário qualquer entrar num computador localizado a milhares de quilômetros e trabalhar nele como se fosse seu computador doméstico. Além de permitir a consulta de arquivos o Telnet facilita ao usuário remoto rodar programas no computador que acessou. O Telnet é o sistema instalado nas bibliotecas públicas ligadas na Internet, como as do Vaticano, do Congresso americano e do Museu do Louvre, em Paris. Muitos computadores que aceitam visitantes via Telnet exigem que o usuário preencha uma pequena identificação antes de permitir que ele escarafunche seu conteúdo. Ele passa a ter uma senha e um número de identidade. Na maioria, basta teclar "Guest", convidado, em inglês, ou uma senha qualquer que costuma estar disponível em outras áreas da Internet.



WWW – É a maior sensação da rede e o salto definitivo de popularidade dado pela Internet nos últimos meses. Perto da WWW, outros recursos como Wais e Gopher ficam sem graça como televisão em preto-e-branco e difíceis de usar como os velhos rádios de ondas curtas. Invenção do famoso Cern de Genebra, Laboratório Europeu de Física de Partículas, o WWW, sigla em inglês de World Wide Web, ou tela de alcance mundial, é conhecida simplesmente como "the Web". Dos cerca de 40 milhões de usuários da Internet, apenas 800 000, por enquanto, conseguem ter acesso à Web. Sua vantagem é a facilidade de usar. Basta seguir um menu gráfico na tela e apontar o que se quer ler ou ver. A maior limitação são as linhas telefônicas de má qualidade,



que não permitem acesso em altas velocidades e de boa qualidade. A Web exige também programas especiais e computadores com grande capacidade de processamento gráfico. Havia em dezembro ligados na Internet 27 000 computadores fornecedores regulares de páginas multimídia via Web. Este número dobra a cada 50 dias.

HTTP – Sigla do principal programa da rede WWW, que significa "protocolo de transferência de hipertexto". Há uma dezena de computadores públicos da WWW no Brasil, mas só o da Universidade Federal de Santa Catarina (<http://www.venus.inf.ufsc.br>) utiliza imagens. A melhor página de multimídia sobre o Brasil na Web vem da Califórnia. É uma cortesia do departamento de Matemática da Universidade da Califórnia em Berkeley, que colocou na rede um guia do país com lindas fotos de Olinda, Jericoacoara e dos índios do Xingu. Para se acessar a Web com um mínimo de conforto, a velocidade mínima é de 14 400 bps. O ideal é o dobro ou triplo disso. São conexões caras. Mesmo nos Estados Unidos, linhas que permitem o SLIP, o tipo de conexão mais apropriada para a Web, custam no mínimo 50 dólares por mês. Quem entra fica maravilhado. A Web abre na tela do computador uma página multimídia – que contém texto e indicações de fotos, gráficos e até vídeos. Basta apontar e clicar o cursor sobre a indicação de imagem para que ela apareça na tela. Como num CD-ROM, o disco óptico para computadores. A intrigante e sensacional diferença é que o texto e as imagens estão sendo transmitidos de milhares de quilômetros de distância e, em alguns casos, vindos das mais diferentes fontes. Pode-se, por exemplo, ler um texto sobre o pintor Rembrandt na Biblioteca da Instituição Smithsonian, em Washington e ver a imagem de alta definição de um quadro dele vinda do Museu do Louvre. Ou consultar um artigo sobre a descoberta de um novo Buraco Negro no Cern, na Suíça, e ver a foto colorida estocada nos computadores da Nasa, nos Estados Unidos. A outra vantagem é que essas páginas se renovam todos os dias e seu conteúdo é gratuito.



Livre, leve e solta

A Internet cresceu fora do governo e nenhuma empresa manda nela, mas o comércio avança na rede



A independência da Internet em relação a esquemas de controle pode ser observada sobretudo em duas áreas decisivas: o poder público não dá palpite nem administra nada na rede e a exploração comercial só acontece pelas bordas. Há muitas empresas ganhando ou tentando ganhar dinheiro com a Internet, mas nenhuma delas controla a rede — elas apenas usam suas vias de tráfego como qualquer outro membro do clube. Assim, uma companhia pode vender uma linha de acesso à Internet. Outra pode oferecer artigos por meio do sistema. Mas tudo isso é bastante limitado porque, ao contrário de uma rede de TV como a Globo por exemplo, a Internet é de todos e não é de ninguém. Isso cria obstáculo aos negócios. Basta examinar o resultado das tentativas de vender artigos através do sistema. Pouca coisa se vende pela Internet atualmente além de camisetas, CDs musicais, vitaminas e alguns programas de computador. "A maior rede do mundo não é o maior mercado do mundo", admite Jim Bidlos, presidente da ASA, uma das melhores empresas especializadas em segurança de dados dos Estados Unidos. Colocar as mãos na rede, dominá-la, é um dos mais formidáveis projetos do capitalismo nesta década.

Os obstáculos são muitos. O mais espinhoso de todos, mas não o mais difícil de ser vencido, é a resistência cultural. A Internet nasceu nas agências científicas americanas, criou-se nas universidades e explodiu nos porões da vida alternativa, tocada por programas engenhosos feitos principalmente por adolescentes desapegados da sociedade de consumo. Só depois é que chegou, com essa alma original, ao grande público. A primeira investida comercial na rede foi desastrosa. O escritório de advocacia Canter&Siegel, pioneiro na tentativa de usar comercialmente a Internet, colocou há três anos um anúncio de serviços e preços num dos muitos escaninhos eletrônicos do sistema. A reação foi raivosa. No dia seguinte, o escaninho da Canter&Siegel estava soterrado por milhares de mensagens indignadas de

membros da Internet do mundo inteiro. Numa delas, das mais brandas, podia-se ler: "Morram, escravos do dinheiro". No mês passado, piratas eletrônicos tomaram por controle remoto o computador de uma empresa de Nova York que presta serviços de conexão para a Internet, a Pipeline, e deixaram milhares de mensagens ameaçadoras. "Porcos capitalistas. Este é apenas um aviso amigável. Tragam sua cobiça para a rede e nós vamos roubar seus segredos e levá-los à ruína."

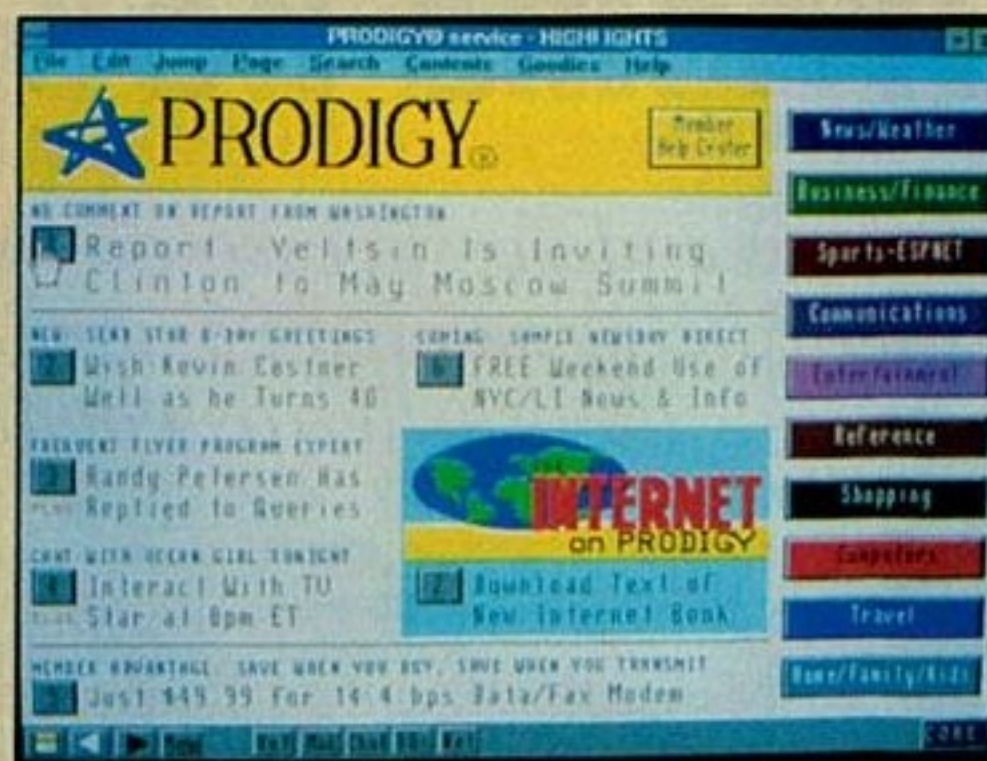
Ocorre que a Internet cresceu demais para ser ignorada pelo mercado — e para ignorá-lo. Lentamente a cultura da rede mundial está aceitando o fato de que terá de conviver com as empresas no mesmo ciberespaço. O negócio de fornecimento de equipamentos eletrônicos necessários para abrir um serviço de informações ligado na Internet já está sentindo o impulso. Esse mercado era de 70 milhões de dólares em 1993. Foi de 476 milhões de dólares no ano passado. A previsão para este ano: 1,5 bilhão de dólares. Empresas como a Cisco Systems, a IBM, a Sun Microsystems e a Digital devem repartir o lucro. Elas fabricam equipamentos que no Brasil custam de 23 000 a 50 000 dólares e são comprados por empresas que se propõem a oferecer serviços comerciais aos usuários na Internet. Um comerciante que queira vender seus produtos na rede mundial precisará comprar uma máquina desse tipo ou se associar a quem já a possua.

VESTIDO DE SEDA — Também se projeta um crescimento vigoroso para o ramo da produção de softwares, os programas de computador que permitiriam aos comerciantes multiplicar explosivamente suas vendas. "A solução de todos os problemas da Internet hoje está no software", diz Edward Hogan, vice-presidente da MasterCard International. Os produtores de software para a rede faturaram 160 milhões de dólares no ano passado nos Estados Unidos e devem embolsar dez vezes esse valor até dezembro. Tudo vai depender do sucesso na evolução do que se chama em "internetês" de interface gráfica — ou seja, a cara com que o computador apresenta o produto ao usuário quando ele se liga na Internet.

Para 98% dos usuários da Internet,



Os membros da Internet fazem uma guerrilha contra o uso comercial da rede. Mas o bolo já está sendo beliscado



texto é tudo que aparece na tela dos computadores. "É duro vender um vestido de seda, uma camisa ou um par de óculos escuros para alguém que não pode visualizar o produto", lamenta-se Marty Tenenbaum, diretor da Enterprise Integration Technologies, firma da Califórnia que, apesar de todas as dificuldades técnicas, comanda o mais bem-sucedido serviço de vendas pelo computador, a CommerceNet, da Califórnia. Uma nova geração de softwares se encontra em fase final de testes e, dentro de alguns meses, estará na praça. Alguns deles são baseados em soluções que as redes comerciais como o CompuServe, o Prodigy e o America Online já desenvolveram e que permitem ver na tela do computador imagem de alta qualidade daquilo que se deseja mostrar.

Mais de 20 000 empresas já estão na Internet e 2 000 mais entram a cada mês em mais de 100 países. A maior rede do mundo caminha para ser também o maior shopping center do planeta. Antes disso, porém, a rede terá de assegurar aos compradores e vendedores que a transação se

completará. "Além de comprar, o cliente precisa pagar e, mais importante, receber a mercadoria", diz Tenenbaum. O correio e as empresas de transporte como o Federal Express dão conta das entregas sem muitas reclamações. O grande obstáculo será a segurança nas transações com cartão de crédito. A CommerceNet pede que o cliente mande o número do cartão de crédito por fax. Estima-se que ainda estejam em atividade duas dezenas de piratas eletrônicos como o lendário Kevin Mitnick, preso há duas semanas, com uma lista de 20 000 números de cartões de crédito em seus arquivos. "Esse problema é bastante sério, pois a Internet foi concebida como uma rede aberta, feita para o livre intercâmbio de idéias. Implantar segurança de nível bancário numa rede mundial onde todo mundo trafega sem senhas nem restrições é virtualmente impossível", diz Ron Pernick, especialista em segurança digital.

As perspectivas para as empresas parecem boas, magníficas até, mas as transações comerciais feitas até hoje pela Internet são reduzidíssimas. Em 1994, os gastos foram de apenas 5 dólares por usuário. Pelo potencial da rede, que atinge milhões de pessoas de bom poder aquisitivo, o resultado é pífio. Mas a tendência é de que o uso comercial da rede aumente. Nesse caso, a Internet vai ficar mais colorida, mais sonora e certamente mais cara. Será uma derrota e não uma vitória, porém, se a maior rede mundial de computadores, a grande experiência libertária da geração pós-hippie, se tornar um meio tão banalizado e pobre quanto a televisão. Se tiver de ser assim, é melhor que continue do jeito que está. Uma comunidade espontânea, livre e despoluída.

EURÍPEDES ALCÂNTARA

Fidel está plugado

Os endereços da Internet obedecem a um formato. Um exemplo: o endereço de Bill Gates, o bilionário americano dono da Microsoft, é billg@microsoft.com. Billg é a abreviatura do nome que ele escolheu, @ é o símbolo da arroba em português, que em inglês se pronuncia "at" e significa em. Microsoft é o nome da rede local, que no caso tem o mesmo nome da empresa de Bill Gates. Por fim, com é o tipo de usuário. Com é abreviatura de *company*, empresa em inglês.

Edu é educação. Gov, governo. Mil, militar. Org é usado para organizações, como as ONGs.

Atualmente circula pela Internet uma lista de endereços de Cuba. A ilha de Fidel tem cerca de 500 computadores que podem ser acessados via Internet. De certa forma, a ilha comunista está mais integrada à rede mundial do que o Brasil. Todas as empresas cubanas têm e-mail, enquanto pouquíssimas empresas brasileiras estão plugadas. Pode-se criticar o sistema cubano por 1 milhão de motivos, mas é preciso reconhecer que

Fidel sabe o que é um bem socialmente necessário. Talvez por isso, Cuba tenha aberto a exploração dos serviços de telecomunicação na ilha à iniciativa privada. Quando até a Asociación Cubana de Aficionados a los Gatos de Havana tem e-mail (acag@ceniai.cu) e a Ordem dos Advogados do Brasil, OAB, não tem, algum problema existe. E não é dos gatos comunistas.

Endereços para colar na geladeira

Museu do Louvre	mistra.enst.fr/~ploch/louvre
Dalai Lama	tcrc@unv.ernet.in
Bill Gates	billg@microsoft.com
Al Gore	vice.president@whitehouse.gov
Keith Richards	stones@delphi.com
O Estado de S. Paulo	agestado@embratel.net.br
Universidade de São Paulo	lsi.usp.br
Senac	senacpie@fisp.fapesp.br

Brasília põe a mão

Vendo o sucesso da Internet, a Embratel assume o comando das ligações de brasileiros com a rede



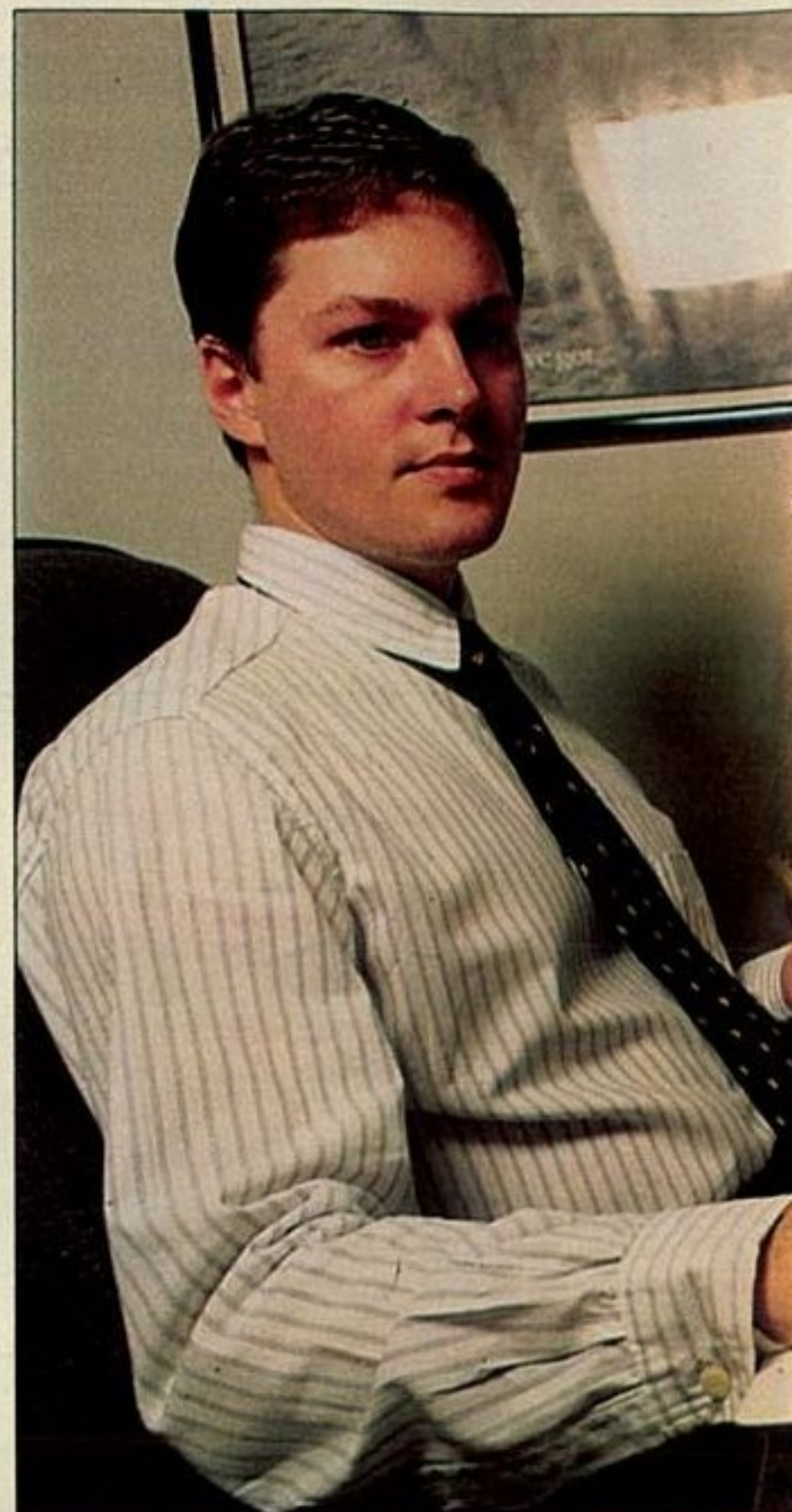
Dezembro passado trouxe duas mudanças interessantes na Internet. A primeira: o governo americano privatizou o último tronco de fibras ópticas de alta velocidade da Internet que ainda mantinha em seu poder. Segunda: a estatal brasileira Embratel anunciou a fase de teste do primeiro serviço nacional de acesso comercial à Internet. Curiosas as duas atitudes. O poder público americano lançou as bases de comunicação da rede, financiou-a nos primeiros anos e subsidiou sua manutenção até o ano passado. Quando concluiu que ela já podia andar sozinha, sem a mão pesada do governo, Washington desligou-se da Internet. O governo brasileiro fez o contrário. A Embratel deu as costas para a Internet em seus primeiros anos, deixando que os poucos usuários brasileiros, principalmente universidades e institutos de pesquisa, tomassem a iniciativa de contratar suas conexões no exterior. Agora que a rede começa a ter viabilidade, a Embratel anuncia que está no negócio. Sozinha. A conexão é monopólio da Embratel. Boa lição do papel do Estado na economia.

Anunciada na véspera do Natal, a conexão da Embratel foi apresentada ao distinto público como um presente, uma dádiva de técnicos dedicados que venceram mais uma barreira para oferecer aos brasileiros um serviço de Primeiro Mundo. Falso, triste e caro. Falso porque as conexões são simples e já deveriam ter sido feitas há muito tempo. Triste porque a Internet é por natureza uma entidade aberta, democrática, avessa a monopólios e controles. Ela foi concebida pelo governo americano como recurso em caso de guerra, um sistema que manteria as comunicações no país mesmo que Washington fosse destruída. No Brasil, a Internet acaba de tornar-se mais um departamento da Embratel. É óbvio que os interessados em entrar na rede terão um serviço de péssima qualidade. Será como no caso dos telefones. O governo brasileiro manteve a telefonia debaixo de seu controle e o resultado é que, no país, uma linha chega a custar 5 000 dólares — é quase de graça no exterior —, enquanto o índice de telefone por habitante é de padrão africano.

Agora, a Embratel quer pôr trava na porta da Internet. A estatal vai passar a gerir a Rede Nacional de Pesquisa, RNP, onde estão plugadas as universidades. Segundo informa a Embratel, ela vai gerir também todas as demais redes que utilizarem seus serviços. Não se sabe exatamente o que significa "gerir a rede", mas o resultado mais temido pelos usuários é que os custos serão de hotel cinco estrelas e o serviço de pensão. Em dezembro, ao anunciar sua disposição, a Embratel já colocou mordida no serviço. Avisou que durante quatro meses, até abril, aceitaria no máximo 1 000 novos usuários da Internet.

"ESPERNEIEM" — Vai custar mais caro porque todo monopólio é glutão. Uma linha exclusiva de 64K, a mais lenta oferecida por milhares de pequenos fornecedores internacionais, custa 300 dólares por mês. Segundo informações não oficiais divulgadas pelos jornais brasileiros, a linha de 64K da Embratel custará cerca de 1 100 dólares. Quem vai pagar são hotéis, livrarias, agências de publicidade, companhias aéreas e outras empresas interessadas em oferecer seus produtos aos usuários brasileiros e internacionais da Internet. Certamente o custo elevado da conexão será repassado aos usuários. Nos Estados Unidos, o negócio de fornecer circuitos de acesso que plugam pessoas e companhias à Internet é oferecido por centenas de pequenas empresas que competem entre si para prestar o melhor serviço a um custo menor. Os preços de acesso têm caído em média 15% ao ano.

Poucos brasileiros conseguem entrar na Internet sem pertencer ao governo, às universidades e aos institutos de pesquisas. Formam um grupo de umas 20 000 pessoas que ligam seus computadores pela linha telefô-



Marco Querine, dono de uma BBS no...



Redação do *Estado*: noticiário via computador



...Rio de Janeiro: "É fascinante poder lidar com tanta informação"

PAULO JARLES

"RECLAMEM, ESPERNEIEM, EXIJAM EXPLICAÇÕES, PERGUNTEM COMO É QUE SE CASTRAM 20 000 PESSOAS NA VIRADA DA NOITE SEM DAR UMA BOA EXPLICAÇÃO", berrava em letras maiúsculas Erich Siedel, endereço eletrônico erich.siedel%omnibsbbase.org.br), um dos usuários prejudicados. Erich deixou sua mensagem na área de discussão de assuntos brasileiros da Internet, a soc.culture.brazil. Quando a conexão Rio tirou as BBS do ar, Antônio Tavares, dono da Persocom, que tem 15 000 usuários, teve de usar conexões diretas via DDI para os Estados Unidos, para manter alguns serviços em funcionamento em benefício de seus associados. "No Brasil, pagamos por serviços básicos como se fossem de luxo", diz Tavares. Não há caso semelhante de intervenção na história da Internet. Nem o totalitarismo soviético conseguiu tirar de ação os usuários da rede. Durante os mais dramáticos momentos do golpe militar, em agosto de 1991, o mundo soube dos acontecimentos e da situação pessoal do presidente Mikhail Gorbachev, mantido em prisão domiciliar por três dias, através de usuários clandestinos da rede.

NA ESCOLA — Nem as investidas comerciais sobre a Internet, que nas bordas permite o florescimento de alguns negócios, provocam tanta desconfiança quanto os ataques estatais como esse que se desfecha agora no Brasil. Sem alguns empresários, a Internet nem sequer existiria. É típica a contribuição das empresas que fornecem circuitos de acesso à rede. Já os governos não têm com que contribuir. Se não atrapalharem, serão de grande ajuda. "Os maiores avanços futuros da Internet virão de pequenas empresas e pesquisadores individuais. O poder público já cumpriu sua parte e as grandes empresas não têm como competir com a gigantesca malha de inovadores", diz Martin Schoffstall, chefe de tecnologia da Performance Systems, provedora de circuitos para a rede.

Mesmo nesse ambiente adverso, a rede tem avançado no Brasil. Desde segunda-feira passada, o resumo do noticiário dos jornais *Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde* pode ser lido via computador em qualquer país do mundo. As notícias saem dos computadores da Agência Estado, em São Paulo, e seguem até a Worldnews, em Washington, de onde passam para a rede. Marco Querine, do Rio de Janeiro, entrou no jogo recentemente, entusiasmou-se e hoje é dono de uma BBS no Rio. "É uma coisa fascinante poder lidar com tanta informação", diz ele. Em São Paulo, há um grupo fazendo experiências com edu-

30

nica nas BBS, microempresas formadas em diversas capitais brasileiras por adolescentes e jovens apaixonados pelo mundo cibernético. Elas cobram de 5 a 20 dólares de seus membros por mês. Graças a um acordo com o Ibase, Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, que detém um canal de acesso à rede mundial

por meio de uma instituição estatal, a Rede Nacional de Pesquisa (RNP), as BBS conseguiam oferecer serviços básicos da Internet. No último dia 13 de fevereiro, um grupo de BBS que operava através de uma conexão no Rio de Janeiro foi abruptamente tirado do ar, em plena vigência dos contratos. Elas ficarão mudas até que algum burocrata de Brasília decida que podem voltar a ter acesso à Internet.

Um deserto eletrônico

O Brasil tem menos computadores que seus vizinhos da América Latina (computadores por 100 habitantes)



Fonte: World Economic Forum



CLAUDIO ROSSI

O pesquisador Durval Barbosa Filho: experiência em escolas públicas

cação de crianças em vinte escolas públicas. Os alunos usam a rede Internet para trocar informações com colegas de outras escolas a respeito de trabalhos científicos realizados em laboratório. "A intenção é provocar nas crianças a curiosidade pela busca de informações e fazê-las sentir-se numa verdadeira investigação científica", diz o pesquisador Durval Barbosa Filho, um dos dirigentes do programa.

UÍSQUE ESCOCÊS — Essas, porém, são experiências isoladas. Mesmo porque o Brasil ainda é um país ciberneticamente retardado. Por uma perversa conjunção de políticas protecionistas e práticas cartoriais, que hoje se pode dizer com certeza serem os últimos "resquícios da ditadura", o Brasil chega às portas do século XXI com menos computadores do que seus pobres vizinhos da América Latina, como a Colômbia, a Venezuela, o Chile, a Argentina e o México. Os computadores brasileiros ainda custam 80% mais do que os vendidos no mercado internacional. Nos Estados Unidos, um país onde a renda média do cidadão é quinze vezes maior do que no Brasil, um telefone custa 50 dólares e uma ligação 25 centavos. No Brasil, o telefone custa 100 vezes mais e as ligações internacionais estão entre as mais caras do mundo. Um bom computador pode ser comprado por 600 dólares nos EUA e, por isso, trinta em cada 100 casas americanas têm seu micro. No Brasil, apenas 670 000 famílias — ou 3% das residências — possuem um computador.

Basicamente, o que se precisa para acessar a Internet é telefone, computador e um aparelho que interliga os dois, o

modem, que custa 80 dólares. Essas são ferramentas de trabalho a que, no Brasil, os governos sempre deram tratamento de uísque escocês. No caso do computador, da mesma forma que no do uísque, o produto nacional é inferior e caro, enquanto o importado chega com tarifa nas nuvens. O resultado dessa política foi a transformação do país no paraíso do contrabando de eletrônicos. No Brasil existem nove telefones para cada 100 habitantes e apenas um computador para cada 140 habitantes. Temos uma das telefonias mais caras do planeta. Não se pode culpar o governo por tudo o que vai mal no ramo das telecomunicações, mesmo porque o Brasil é um país sem recursos para investir em infra-estrutura. Qualquer que seja a meta dos burocratas de Brasília, o que se vê na prática é desconcertante. Aplica-se na favela a política "social" que consiste em colocar um orelhão para ser dividido por 1 300 pessoas, enquanto no asfalto os filhos da alta classe média desfilam com celulares. Com os preços cobrados pelo monopólio estatal, a coisa teria de acabar assim.

Com essa mistura de computadores e telefones

caros e escassos, além de chamadas a peso de ouro, é um milagre que tenham surgido e proliferado no Brasil as pequenas redes BBS. Mais de uma centena delas está instalada nas principais capitais brasileiras. Algumas, como a Mandic, de São Paulo, têm uma ponte de acesso a redes comerciais internacionais, como o CompuServe, a gigantesca base de dados americana com cerca de 2 milhões de usuários. A SyncNet é uma rede que congrega diversas BBS brasileiras e mantém também conexões com redes nos Estados Unidos. Os usuários têm acesso a programas e podem "conversar" pelo computador com usuários americanos. Pressionada por todos os lados pelos brasileiros que querem ligar-se à Internet, a Embratel promete plugar 30 000 pessoas até o final do ano. Para 1996, a promessa é conectar outros 30 000. Pobre Embratel. Se abrisse inscrição num escritório qualquer de uma capital, o que se veria é aquela fila de candidatos que vai até a esquina e começa de madrugada. É isso que acontece quando se abrem planos de expansão de telefones. A vantagem, para a Embratel, é que a ligação na Internet é feita através do próprio computador do usuário. Nesse caso, a incompetência não dá na vista.

EURÍPEDES ALCÂNTARA



BIA PARREIRAS

Antena da Embratel: monopólio e incompetência

As aventuras de ALADDIN continuam!

Disney Video Premiere

◉ O RETORNO DE JAFAR

EM
VIDEO



A Abril Vídeo está lançando O RETORNO DE JAFAR, a continuação do megassucesso Disney ALADDIN.

Com o terrível vilão Jafar, o engraçadíssimo Gênio e os famosos Aladdin e Jasmine. O RETORNO DE JAFAR é uma aventura alucinante cheia de humor e músicas sensacionais. Um vídeo perfeito para você presentear e ter em casa para toda a família se divertir quantas vezes quiser.

Se você também adorou ALADDIN, não deixe de ter O RETORNO DE JAFAR em vídeo.

Corra nas melhores lojas e compre agora mais este incrível sucesso Disney.

JÁ NAS MELHORES LOJAS:
MAGAZINES, LOCADORAS, HIPERMERCADOS, LOJAS DE BRINQUEDO, CINE-FOTO E DISCOS.

RECUSE IMITAÇÕES
PROCURE A MARCA
WALT Disney
E O HOLOGRAMA METALIZADO



abril vídeo



A UTI do dr. Ecker

Pediatra confessa que acelerou a morte de bebês em estado grave para liberar leitos

Na semana passada, duas enfermeiras do hospital gaúcho São Vicente de Paulo, em Passo Fundo, acusaram o chefe da unidade de terapia intensiva (UTI) pediátrica, Luiz Antônio Ecker, 38 anos, doze de profissão, dos três piores crimes que um médico pode cometer: incúria, sadismo e homicídio. Conforme a denúncia, as vítimas eram sempre crianças pobres, de 4 ou 5 anos, às vezes bebês de menos de 1 ano. A auxiliar de enfermagem Isabel Litwin, que trabalhou com Ecker por três anos, afirmou que ele "testava respiradores artificiais e optava pelos que não funcionavam direito. Tudo por sadismo, para matar mesmo". Uma outra auxiliar de enfermagem, Elenir Barbosa, disse que chegou a presenciar cenas em que o chefe da UTI dava chutes nos berços de meninos agonizantes e fazia drenagens — perfuração entre as costelas — em recém-nascidos sem anestesia. "Ele falava que criança não sente dor", acusou Elenir. O caso começou a ser investigado pela polícia na semana passada. Se as denúncias se comprovarem, o pediatra será enquadrado em crime de homicídio doloso, sujeito a prisão de seis a vinte anos.

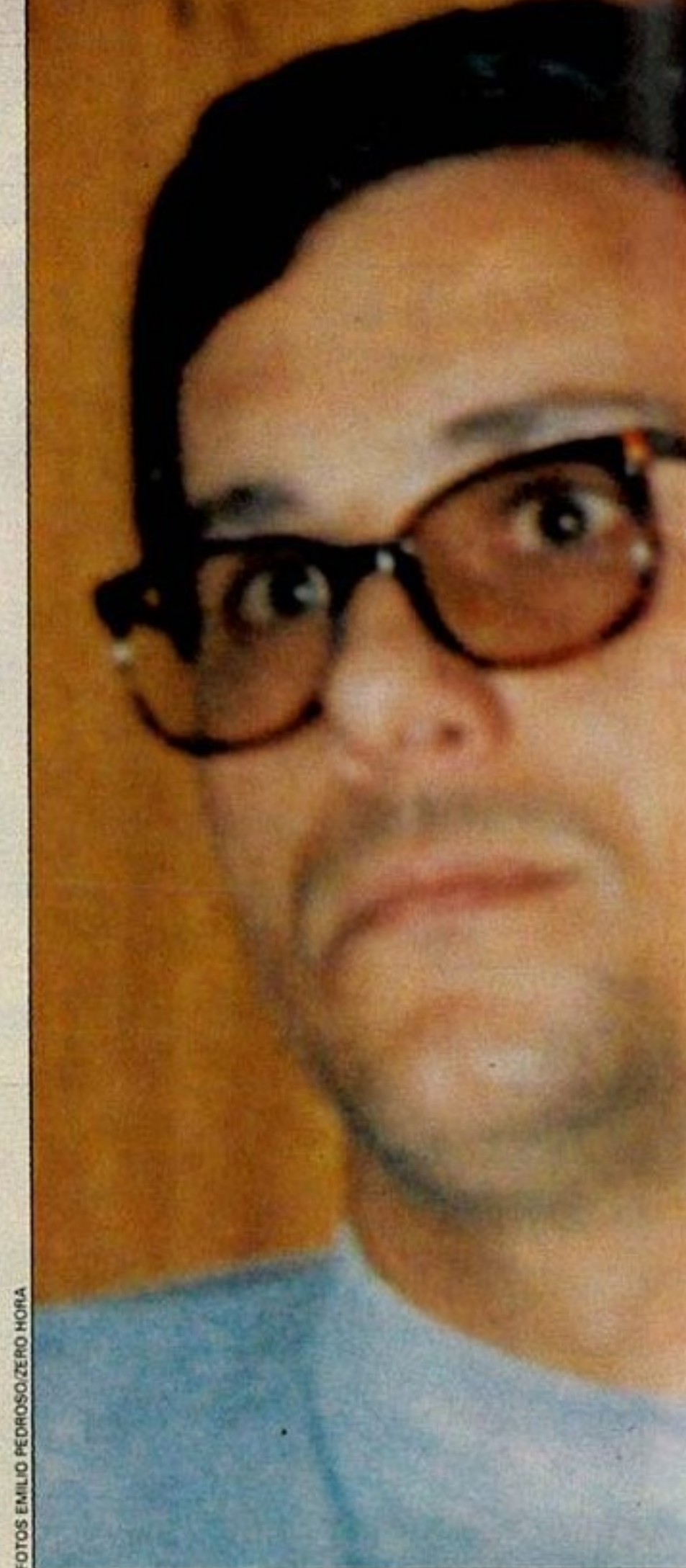
Responsável por 500 000 atendimentos de ambulatório por ano, e por 20 000 internações em seus 522 leitos, o São Vicente de Paulo é um dos grandes hospitais privados do Rio Grande do Sul e também recordista em óbitos de crianças. O caderno de registro da UTI pediátrica do hospital mostra que, entre agosto de 1992 e julho de 1993, 27,6% dos internos não resistiram e morreram. É muito, já que a média de mortalidade em UTIs de outros hospitais gaúchos é de 14%. No depoimento que prestou à Comissão de Ética Médica interna do São Vicente de Paulo, o próprio Ecker deu algumas pistas para decifrar o motivo de tantas baixas. Está no documento, assinado pelo pediatra acusado: "Perguntado sobre pacientes graves, de prognóstico ruim, confirma a idéia de investir menos, alterar parâmetros respiratórios, no sentido de acelerar o óbito".

Alterar parâmetros respiratórios é o ter-

mo técnico que designa mudanças no ritmo e na quantidade de oxigênio bombeada para dentro dos pulmões do paciente. Quando esse paciente já está muito debilitado, é o que basta para induzir à morte. Desligado do cargo depois da confissão, Ecker desapareceu — só fala por intermédio do advogado Marco Antônio Mattos, chefe da assessoria jurídica do São Vicente. "Não há precipitação de mortes de nenês coisa alguma", afirmou Oliveira. Para o advogado, o único crime de Ecker foi ter sido infeliz na hora de se explicar à comissão de ética médica do São Vicente de Paulo: "Ele não soube se expressar".

BATE-BOCA NA UTI — As denúncias contra o doutor Ecker vieram a público no meio de uma outra investigação. Em fevereiro do ano passado, a médica Lúcia Prestes acusou o diretor-médico do hospital, Rudah Jorge, 76 anos, de negligente. Lúcia foi a antecessora de Ecker na chefia da UTI pediátrica do São Vicente e já exercia o cargo havia oito anos. Ela disse que notava que os pacientes só chegavam à UTI em estado gravíssimo, quase irreversível, quando deveriam ter sido encaminhados antes. Foi com a morte de Lidiane Silva, de 4 anos, que Lúcia tomou a decisão de denunciar Jorge. "Ele examinou a menina de manhã. Lidiane estava com pneumonia e derrame pleural extenso. Mesmo assim, ele não a encaminhou à UTI. Qualquer médico sabe que não tomar uma atitude dessas é um crime", narra a pediatra. No mesmo dia, a menina teve uma parada cardíaca e só então chegou à UTI, onde teve mais três paradas consecutivas e não resistiu. "Estava tentando ressuscitar a criança quando Rudah chegou", recorda a médica. Os dois tiveram um bate-boca em meio às crianças deitadas nos escassos dezoito leitos da UTI. "Naquele momento, decidi denunciá-lo", diz Lúcia.

A mesma incúria teria vitimado Hugo Sossela, de 10 meses, que entrou na UTI com infecção generalizada. Só agora que o processo contra Jorge veio a público é que a família do menino tomou a iniciati-



FOTOS EMILIO PEDROSO/ZERO HORA

va de denunciá-lo. "A morte de meu filho poderia ter sido evitada. Ele até havia apresentado uma melhora", recorda a mãe, Izaira, 51 anos. Outro caso é o de Tiago Paynes Silva, um bebê desnutrido sofrendo de diarreia crônica, que morreu três dias depois de nascido. Com um quadro clínico desses, o indicado é que a criança não coma nada. Tiago, no entanto, continuou sendo alimentado. "Esse é um procedimento que só pode ter sido tomado por estudantes sem experiência. É a prova de que Rudah não estava acompanhando a criança", acusa Lúcia. "Pedi para o doutor Jorge examinar o bebê, mas ele nem apareceu", recorda a mãe, Iara Paynes, perplexa. Na última quarta-feira, ela ingressou na Justiça de Passo Fundo com ação indenizatória de 500 000 reais contra o hospital. Duas outras famílias que se consideram vítimas da negligência do doutor Jorge fizeram o mesmo. "Tudo isso é um grande mal-entendido, que será esclarecido no final



Hospital São Vicente de Paulo

que tudo sem prejuízo nos pacientes. Registrando dados
pacientes graves, de prognóstico ruim, confirma-
ção de morte iminente, altera os parâmetros res-
piratórios, no sentido de acelerar o óbito, prin-
cipalmente ocorrendo quando há dificuldades de lito-
ra arti-ped. Relato que provavelmente durante

Depoimento: em confissão assinada (acima), o médico Luiz Ecker (à esq.) admite que alterava parâmetros respiratórios, "no sentido de acelerar o óbito" de crianças em estado grave na UTI pediátrica. Ecker depôs para a comissão ética do hospital, que investigava denúncias de teor semelhante contra seu superior — ele teria sido negligente no tratamento de Tiago Paynes, filho de Iara (acima, à dir.), e de Hugo Sossela, filho de Izaira, que morreram

do processo. O caso não passa de uma desavença pessoal com a médica que me denunciou", defende-se Jorge, já indiciado por homicídio culposo. Durante essas investigações, Ecker foi chamado a depor e admitiu a prática de "acelerar óbitos" através da manipulação dos equipamentos de respiração.

Uma comissão de médicos enviada pelo Conselho Regional de Medicina a Passo Fundo fez constatações sérias contra o São Vicente de Paulo. Segundo o médico Ernani Miura, relator da sindicância aberta para apurar as denúncias, em primeiro lugar, a UTI do hospital está longe das condições ideais de funcionamento. O correto seria a unidade trabalhar com um profissional de enfermagem para cada paciente, mas Miura calcula que a proporção no São Vicente seja de cinco pacientes para cada profissional. Depois, "pôde-se também verificar que as relações entre os profissionais eram péssimas dentro do hospital", diz

Miura, algo no mínimo perigoso para os pacientes. O mais grave, na opinião de Miura, foi outra descoberta: "Ecker agia como se fosse Deus. Decidia quem ia morrer ou não".

Contra Ecker, há duas famílias de acusações. Uma delas são as denúncias graves mas não confirmadas de sadismo. A outra, a "aceleração dos óbitos", o que o próprio Ecker admitiu em seu depoimento. Esse fato é mais comum do que se imagina — o raro é alguém confessar. Num país que gasta apenas 46 dólares por habitante ao ano em saúde — 74 dólares menos que a Bolívia, 94 que o Paraguai —, já se tornou clássica a imagem de corredores de hospitais atulhados de macas à espera de uma vaga na UTI, litros de soro dependurados e pacientes agonizantes. Pressionados pela demanda por leitos, muitos médicos acabam fazendo o mesmo que Ecker, "acelerando os óbitos" de pacientes "com prognósticos



ruins" a fim de poder atender outros doentes, com mais chances de sobreviver. Terrível, mas tem lógica.

EFEITO MONETÁRIO — Segundo o médico Marco Segre, professor de ética médica da Universidade de São Paulo, "seria insustentável mantermos uma paciente como Leda Collor num hospital público. Imagine a situação: ela, em coma irreversível, ocupando um leito valioso, enquanto um jovem recém-acidentado, com traumatismo craniano e 90% de chances de recuperação, não tem onde ser tratado. É justo deixar esse rapaz morrer enquanto a comatosa ocupa um leito no repouso infinito?" O professor não está falando de

eutanásia, aquele recurso pelo qual, no esforço para abreviar o sofrimento de um doente, o médico apressa sua morte, a pedido do paciente ou autorizado pela família. O que está em pauta, aqui, é outra discussão. Diante do estado geral da saúde no país, o trabalho de doutores, freqüentemente, é o de administrar carências e não o de curar.

Na mesma linha, o presidente do Cremers, Marco Antônio Becker, argumenta que "o importante é sabermos se os procedimentos de Ecker estavam sendo tomados por decisão própria ou por falta de condições do sistema de saúde". É uma questão importante. Mas, como se trata de um hospital particular conveniado com o Inamps, surge uma suspeita a mais. Segundo uma das enfermeiras, apenas crianças pobres tinham seus "óbitos acelerados", o que teria o efeito colateral monetário de liberar leitos para pacientes particulares. O Sistema Único de Saúde, do governo, paga pela diária numa UTI pediátrica apenas 15,52 reais ao dia. Dos pacientes particulares, o São Vicente de Paulo auferia 84 reais diários na mesma UTI. Uma diferença e tanto.

FRIEZA CIRÚRGICA — A segunda ordem de denúncias aponta Ecker como autor de práticas desumanas, como os chutes nos berços e as cirurgias sem anestesia. Dessas acusações, até agora, não há provas, o que não significa que sejam infundadas. Precisam ser mais bem investigadas. O pediatra tem a seu favor ótimas cartas entre seus pares. Mário de Agosto, presidente do sindicato médico do Estado, por exemplo, diz que Ecker, pós-graduado pelo Hospital Ernesto Dornelles de Porto Alegre e há dez anos no São Vicente de Paulo, é o melhor pediatra intensivista da região de Passo Fundo.

É difícil manter a serenidade quando se trata da vida de crianças. O que realmente acontecia na UTI do doutor Ecker talvez jamais venha definitivamente à luz, pois casos de gravidade semelhante já ficaram ocultos sob os véus do corporativismo médico. Mas é preciso frieza cirúrgica nas investigações. Em passado recente já se viu do que o prejulgamento é capaz. No caso da Escola Base, de São Paulo, algumas senhoras não hesitaram em acusar de abuso sexual os donos do colégio em que seus filhos estudavam. As acusações não tinham fundamento algum, mas as mães foram amparadas em seu pesadelo denunciatório por um delegado em busca de promoção fácil. Os acusados acabaram moralmente linchados pela opinião pública — um prejuízo irreparável que nem mesmo o arquivamento do caso por falta de provas poderá reparar. ■



Joy, a mãe, as gêmeas e Faria: tragédia na garagem

Sem piedade

A sangue-frio, pai mata as filhas e se suicida

Na segunda-feira da semana passada, o empresário Sebastião Raimundo de Faria, 45 anos, executou um plano macabro. Saiu da casa da mãe pela manhã e dirigiu-se para o apartamento da Zona Sul de São Paulo onde moravam a mulher, Joy, de 33 anos, de quem estava separado havia uma semana, e as filhas Stephanie e Isabelle, gêmeas, de 7 anos. Ao avistar o pai cumprimentando a mãe, as duas meninas acharam que poderia estar nascendo ali uma reconciliação. Sob o pretexto de levá-las ao colégio, Faria colocou as filhas no carro. Mas deu meia-volta depois que Joy saiu para a aula de ginástica. Faria estacionou o carro na garagem e ali mesmo sacou um revólver calibre 38. Deu dois tiros no peito de Stephanie, outros dois no peito de Isabelle e um quinto tiro no próprio peito. Morreram todos na hora. "Maldito!", desabafou Joy, após enterrar as filhas na terça-feira. "Se ele tivesse ficado vivo depois do que fez, eu mesmo o mataria", confessa Adenir Faria, 42 anos, irmão do empresário.

Razões para tal tragédia, como se fosse possível admitir razões para algo assim, Faria acumulou aos poucos. Como empresário, fracassara. Depois de trabalhar como empregado da multinacional Hoechst, abriu uma fábrica de filtros de ar com o dinheiro da indenização e a ajuda de Adenir e amigos, mas afundou-se em dívidas. Para ajudar nas contas, Joy foi trabalhar com o pai. Para ele, era uma humilhação. No casamento, estava separa-



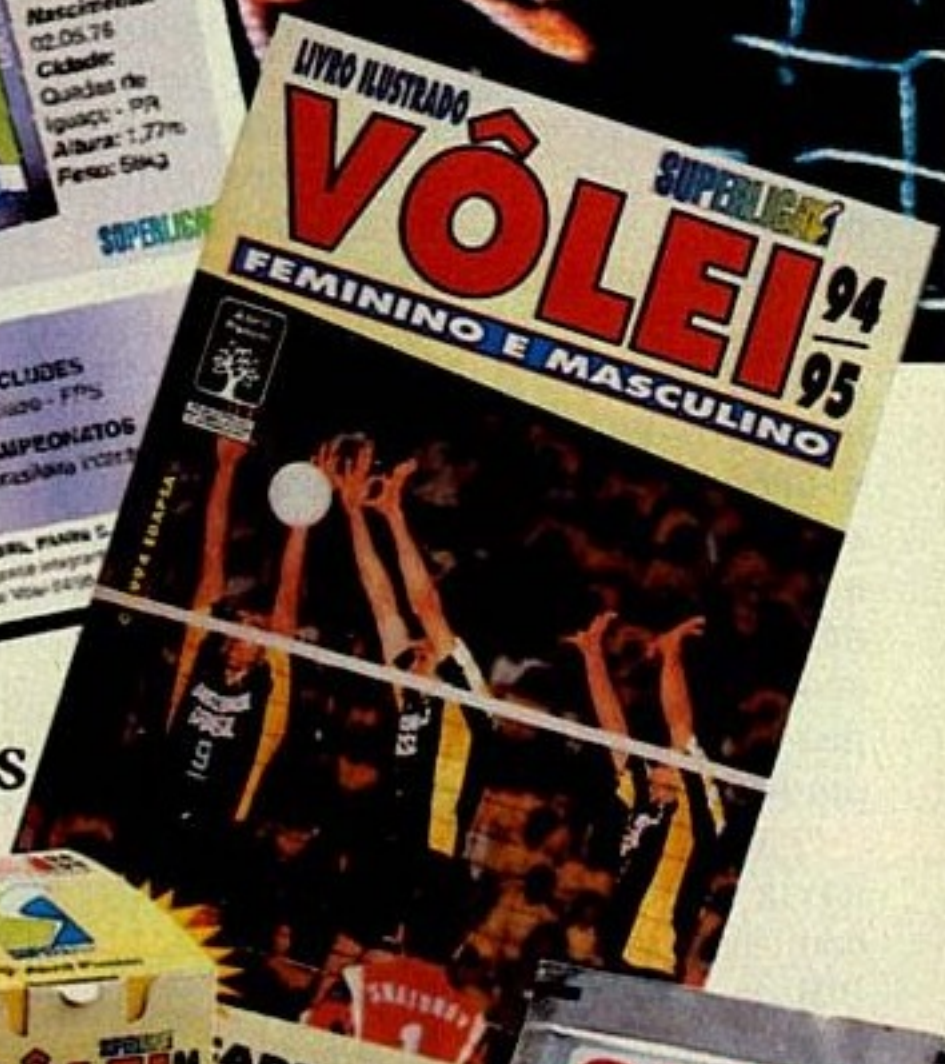
FOTOS ALBUM DE FAMÍLIA

do havia uma semana, mas quatro meses antes não trocava uma palavra com a mulher e fazia quatro anos que o casal dormia em quartos separados. Com as filhas, no entanto, era muito carinhoso.

Antes do crime, Faria cometeu atos incomuns. Na véspera, quando Joy chegou de viagem com as filhas, leu a frase "Eu te amo. Vamos viajar para o céu" escrita pelo marido no espelho do banheiro. Num álbum com fotos da família que colocou sobre a pia, Faria escreveu: "Onde há muito sentimento, há muita dor". Naquele instante, Joy temeu pela própria vida. Mas às 4 da madrugada Faria ligou para saber se Isabelle, que estava febril, havia tomado remédio. Algumas horas antes, Faria visitara um casal de amigos e disse que "tinha um dia para resolver sua vida". Minutos antes do crime, ligou para o irmão Adenir dizendo que iria "viajar para o céu". Não seriam sinais suficientes para um ouvido atento esperar pelo pior e tentar evitar? Não, por incrível que pareça. "Foi uma tragédia inevitável", diz o psiquiatra Luis Alterfelder. "Só com o desfecho é que tais recados ganham ar de sinais." ■

Todas as emoções da Superliga numa coleção que é vibração total!

CHEGARAM OS CARDS DO VÔLEI



**APENAS
R\$ 1,00
o envelope**



Nas bancas.
Não perca!

Nos cards, fotos e fichas completas de todas as feras das quadras brasileiras.

E mais: uma série de cards especiais, com os meninos de ouro do Brasil!

As dicas do vôlei nacional num livro ilustrado com todas as informações e um superbrinde. **1 PORTA-CARDS**

GRÁTIS

A Abril Panini cumprimenta todos os patrocinadores do voleibol brasileiro e, em especial, o Banco do Brasil por seu indispensável apoio ao esporte nacional.

Sabor de milagre econômico

O Brasil cresceu 5,7% no ano passado, quase a mesma taxa de expansão dos anos 70

Os bons observadores notaram que a temperatura econômica subiu nos últimos seis ou sete meses. A quantidade de caminhões carregando carga nas estradas está insuportável, as lojas e supermercados estão cheios de gente e os construtores voltaram a erguer prédios. Quem tem lido o noticiário dos jornais percebeu que a indústria, os agricultores e os comerciantes andam atarefados, como há muito tempo não se via. Na última quarta-feira, o IBGE publicou um número indicativo dessa febre. Em 1994, o produto interno bruto, soma das riquezas produzidas pelo país, cresceu 5,7% em relação a 1993. É um desempenho de tigre, o melhor índice de crescimento desde 1986, ano do Plano Cruzado, em que a economia estava artificialmente aquecida por um congelamento de preços.

O ano de 1993 já havia sido bom, com um salto do PIB de 4,2%. Com a expansão econômica de 1994, recuperou-se o tempo perdido nas recessões de 1990, 1991 e 1992. Portanto, o país começa 1995 com o jogo empatado. Pode desempatar-lo neste ano. Os economistas prevêem que a economia continuará num processo de expansão rápida no primeiro trimestre. O

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Ipea, órgão federal muito comedido em seus prognósticos, estima um crescimento de 6% no período que termina no final de março. É provável, segundo o Ipea, que o ritmo diminua um pouco no resto do ano, mas 1995 tem um bom signo. O pessimismo das pessoas está menor. Ninguém está falando em recessão.

RENASCIMENTO — Com a marca de 1994, a produção anual de riquezas pulou de 456 bilhões de dólares para 482 bilhões. Para ter uma idéia do dinamismo econômico que é o Brasil, esse crescimento de 26 bilhões é quase equivalente a todo o PIB do Peru, ou a quatro anos de produção do Paraguai. Segundo o IBGE, o PIB per capita — que é o PIB dividido pelo número de habitantes do país —

também subiu em 4,2% no ano passado. Está em 3 140 dólares. Um pouco abaixo, ainda, da renda per capita de 1980, último ano do milagre econômico. “O PIB de 1994 está próximo da média histórica que a economia brasileira experimentou em 35 anos, do pós-guerra até 1980”, diz Cláudio Considera, diretor de pesquisas do Ipea.

O crescimento do PIB e do PIB per

MARIO LEITE



capita significa que o país e seus habitantes ficaram mais ricos. Os críticos vão lembrar, com razão, que o salário mínimo é ridículo e que há uma massa de milhões de miseráveis. Isso é verdade, mas não anula o fato de que muitos trabalhadores ficaram mais prósperos em 1994. O IBGE estima que o rendimento médio das pessoas ocupadas aumentou 6,3% no ano passado. Essa gente foi às compras. Mesmo em janeiro e fevereiro, meses em que o comércio hiberna, e apesar dos juros fora de órbita, as vendas estiveram muito aquecidas. A ponto de preocupar o governo, que na semana passada assinou um pacote anticonsumo (veja reportagem à pág. 68). A expansão econômica reabriu postos de trabalho fechados na recessão iniciada em 1990. Em dezembro passado, a taxa de desemprego foi de 3,4%, a menor em cinco anos.

O renascimento de 1994 foi gerado em boa parte pelo Plano Real, que deu estabilidade à moeda, acabou com a corrosão inflacionária dos salários mais baixos e provocou o crescimento do consumo. Quando se anunciou o Plano Real, muitos economistas, empunhando seus modelos macroeconômicos, anteviram uma recessão prolongada. Aconteceu o contrário. Até julho, mês em que a nova moeda começou a circular, o PIB vinha crescendo a taxas





RICARDO CORREA

módicas. Naquela batida, fecharia em cerca de 3%. Veio o real e o PIB cresceu 7,6% no segundo semestre.

Não é preciso usar estatísticas para conferir os sintomas de prosperidade. As ruas estão mais cheias, as fábricas trabalham em todos os turnos e já está ficando difícil arrumar um táxi. A Companhia Siderúrgica Nacional, CSN, está parando de exportar aço para atender às encomendas internas. Os brasileiros esgotaram a capacidade de produção da indústria de cerveja e de refrigerante. Os fabricantes de aparelhos eletroeletrônicos, como geladeiras e televisores, faturaram no ano passado 23 bilhões de dólares, um terço a mais do que em 1993. Da Zona Franca de Manaus à fronteira da Argentina, os empresários estão desengavetando seus projetos.

PARCEIROS — Há um fato interessante a respeito do movimento econômico de 1994 e do começo de 1995. Nos últimos quinze anos, a economia cresceu de maneira errática. Crescia num ano para cair no outro. Os períodos de expansão eram sempre acompanhados de inflação crescente. Medida após o Real, a inflação é decrescente, apesar do aquecimento. O



RAUL JUNIOR

Um mês antes, havia sido de 1,67%, quase o dobro. É a menor taxa apurada pelo IBGE desde julho de 1986. Mas em julho de 1986, lembre, havia um congelamento de preços, os produtos eram vendidos com ágio ou escondidos no galpão do fabricante.

Em comparação com seus parceiros mais fortes da América Latina, o Brasil teve desempenho econômico satisfatório. Segundo um balanço preliminar da Cepal, um centro de estudos econômicos sobre a América Latina ligado à ONU, a economia argentina cresceu 6%. O crescimento do Chile foi de 4,5% e o do México, 3%. De acordo com outras contas da Cepal, o Brasil está melhor. A balança comercial argentina é deficitária em mais de 4 bilhões de dólares. O México está com um rombo, entre o dinheiro que chega e o que sai, da ordem de 24 bilhões de dólares. Teve de receber socorro internacional, entregar seu petróleo como garantia da dívida e submeter sua economia à vigilância dos Estados Unidos. O Chile está melhor, com saldo

RAUL JUNIOR/BIA PARREIRAS/EGBERTO NOGUEIRA/CAROL DO VALLE



Indústrias a todo o vapor, consumo aquecido e muito trânsito: cenas de um país em expansão

índice oficial de inflação, o IPC-r, foi de 0,99% em fevereiro.

positivo de 600 milhões de dólares na balança comercial. O saldo do Brasil foi de 11 bilhões de dólares.

A expansão de 1994 foi magnífica sob um outro aspecto. Ela mostrou que, com moeda estável e uma boa política de comércio exterior, o país reagiu rapidamente. Só que, para manter uma taxa de crescimento de 6% ou 7% ao ano, num novo ciclo de prosperidade semelhante ao dos anos 70, não bastará estabilidade monetária apenas. "Para continuar crescendo nesse ritmo, vamos precisar aumentar a poupança", diz o ex-ministro Mario Henrique Simonsen.

Quando as pessoas poupam parte de seu rendimento, o sistema financeiro pode emprestar dinheiro para que se façam novas fábricas, fazendas e lojas. Segundo Simonsen, o Brasil precisaria ter uma taxa de poupança correspondente a 25% do PIB (hoje ela é inferior a 20%) se quiser crescer de maneira sustentada. De acordo com o ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso, o país suporta um crescimento de no máximo 5% em 1995. A visão realista, apresentada pelos dois ex-ministros, é necessária para que a festa de 1994 continue pelos próximos anos. ■

As torres da moda

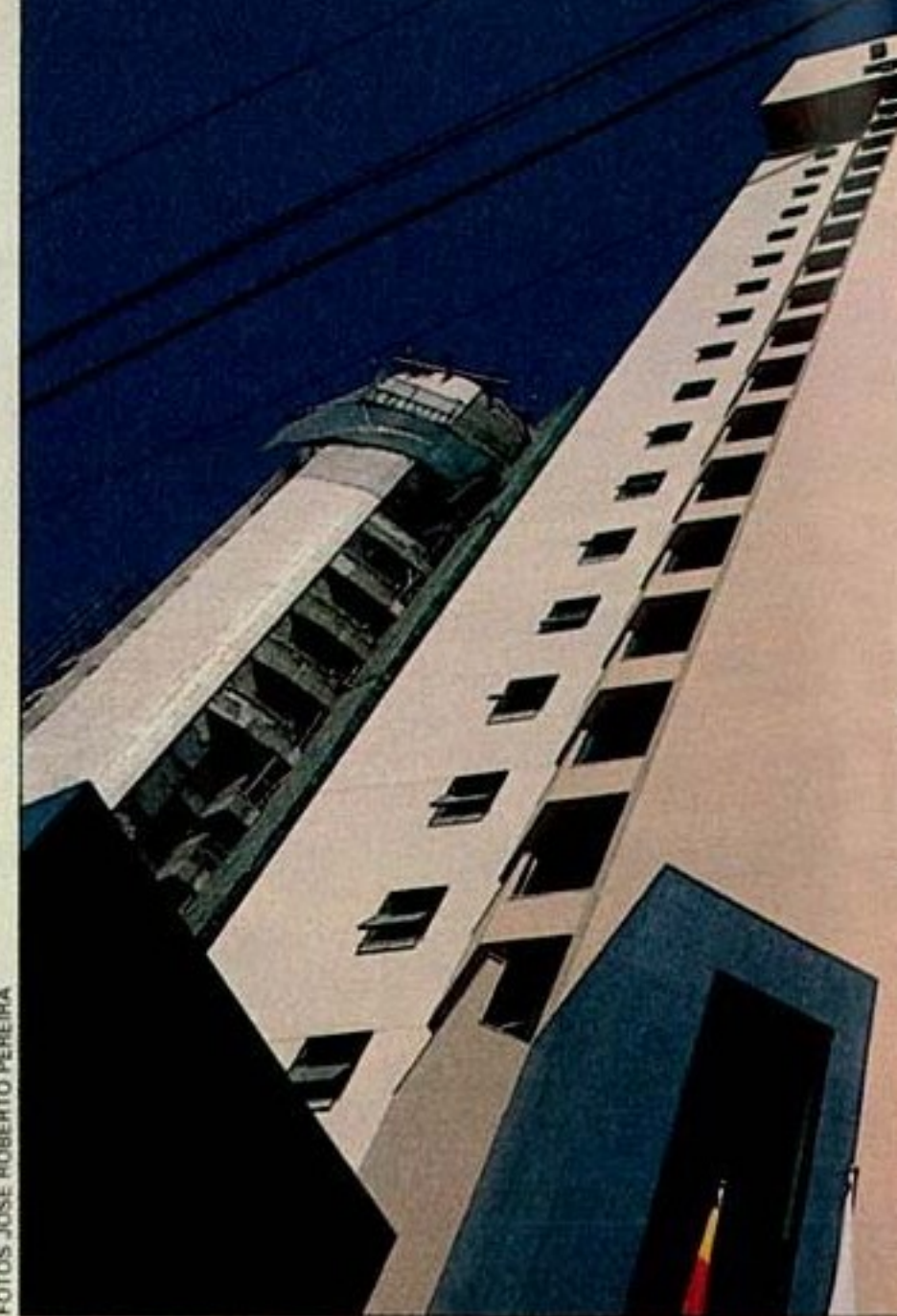
Mistos de prédios de apartamentos e hotéis, os flats, baratos e práticos, se espalham rapidamente no país

Dez anos atrás poucos brasileiros sabiam o que vinha a ser um flat ou um apart-hotel. Essa era uma modalidade de hospedagem recém-chegada ao país que não parecia trazer a marca do sucesso. Os apart-hotéis, com seus pequenos apartamentos sem a personalidade do dono, mas que garantiam o serviço de lavanderia e faxina, eram ocupados por executivos recém-descasados, viúvas bem de vida e visitantes a convite de alguma empresa. Era impensável que um grande empresário paulista em viagem rotineira ao Rio de Janeiro se hospedasse num flat, em vez de ficar num elegante hotel cinco estrelas. Nos últimos tempos, as coisas mudaram — e muito. Os flats tornaram-se, aos poucos, mais luxuosos. Passaram a competir com as grandes redes de hotelaria. Ganham tanta clientela que, hoje, grupos como Caesar Park, Meliá, Transamérica, Novotel e Othon estão investindo pesado nesse misto de hotel e condomínio. Só o grupo Sol, da rede Meliá, que tem quatro

flats, quer chegar a 1997 com mais dez em funcionamento. Há 23 flats em construção no país, com inauguração prevista para o final do ano. “A maioria dos hotéis brasileiros tem mais de quinze anos, e os flats são uma forma barata de modernizar o setor e resolver o problema”, diz o presidente da Embratur, Flávio José de Almeida Coelho. Isso não quer dizer que o investimento em hotéis tradicionais esteja parado. Não está. Existem grandes projetos em andamento, como a construção de um Transamérica no Rio, semelhante ao que existe em São Paulo.

MELHOR QUE CADERNETA — Os flats estão se espalhando pelo Brasil, em primeiro lugar, porque todo o serviço de turismo está crescendo muito. Com a moeda firme, as pessoas podem planejar férias e viajar com a família. No ano passado, o turismo movimentou 45 bilhões de dólares no Brasil, e só isso já é um bom estímulo para que os empresários invistam nessa área. Há todo tipo de hotéis (dos mais sofisticados aos compactos) sendo erguidos nas mais diversas regiões. Como o apart-hotel é uma modalidade confortável e barata de hospedagem, com lotação garantida, também se está multiplicando. Há outros motivos.

Os flats são como prédios de apartamentos comuns (exceto pelos serviços prestados aos moradores). Cada apartamento tem seu dono, que pode mantê-lo para uso próprio ou alugá-lo a hóspedes. Os apartamentos dos flats são vendidos, em geral, antes do lançamento do prédio. Isso significa que a construção se faz sem que o construtor gaste um tostão. Além disso, como os pré-



FOTOS JOSE ROBERTO PEREIRA



ANTONIO FERRARI

Apart-hotel da rede Meliá, em Maceió: até 1997, mais dez flats

dios são simples, acabam sendo mais baratos que os de um hotel convencional. O custo de construção de um apartamento do hotel Caesar Park, por exemplo, é de 250 000 dólares. Um apartamento do Caesar Towers, a rede de flats do mesmo grupo, sai por 130 000 dólares. É quase a metade do preço.

Pode-se ficar num bom apart-hotel em São Paulo, com direito a cofre, geladeira, serviço de quarto e café da manhã, por menos de 100 reais. É, pelo menos, a metade do preço que se paga num hotel convencional de nível semelhante. Para o hóspede, é um grande negócio. Para o dono do apartamento também. Ele recebe, no mínimo, 1% do dinheiro que investiu na compra do imóvel, todos os meses, com o aluguel. Num período sem inflação, o investimento rende o dobro do que uma caderneta de poupança. Como um apartamento desses custa, em média, 80 000 reais, o lucro é de 800 reais mensais — isso sem falar na valorização do imóvel.

VIAJANTES — “Os flats são um excelente negócio”, diz Olivio Della Vittoria, 38 anos, dono da imobiliária Over, de São



Flat Caesar Towers, no Recife: construção pela metade do preço de um hotel convencional

Paulo, que só trabalha com apart-hotéis. "Os apartamentos dobram de preço rapidamente." O negócio é bom para todo mundo. Para o hóspede, para quem investe no apartamento e para as empresas que administram os hotéis. A maior administradora de flats do país é a rede Parthenon, do grupo NHT, que também cuida dos hotéis Novotel, Sofitel e Ibis. Ao todo tem 36 flats em funcionamento e dezesseis em construção. Seu lucro líquido, no ano passado, descontado o pagamento do aluguel aos proprietários dos apartamentos, foi de 2,2 milhões de reais.

Quando os apart-hotéis surgiram no país, os compradores eram, na maioria, solteirões convictos que viram no apartamento com serviços de hotelaria uma solução fácil para os problemas de administração da casa. Isso mudou. Hoje em dia, a metade dos compradores de apartamentos em flats é investidora. E os hóspedes não são mais moradores permanentes. São viajantes brasileiros e estrangeiros. No ano passado, o Brasil recebeu 2 milhões de turistas estrangeiros. Para este ano, espera-se mais. É preciso ter estrutura para atender toda essa gente. É preciso também ter como atender uma multidão de homens de negócios que, com a economia crescendo a ritmo de caixa, viaja pelo país em busca de oportunidades para suas empresas. E, caso a economia entre num novo ciclo de investimento, o que é bastante provável, a necessidade de vagas duradouras nos flats aumentará ainda mais. Por isso, os hotéis estão pipocando por toda parte.

AMAZÔNIA

Atrás do radar

Espiões se envolvem no projeto Sivam

Na semana passada, descobriu-se, quase por acaso, que o Brasil é pivô de uma trama parecida com aquelas que se lêem nos romances de Frederick Forsyth. Dono do maior negócio do mundo, nos últimos tempos, na área de material de defesa (1,4 bilhão de dólares oferecidos para quem instalar radares na Amazônia), era natural que o país fosse foco de disputa entre os grandes fabricantes mundiais. O que se descobriu é que essa disputa envolveu governos e espiões e resultou em denúncias de corrupção e até num incidente internacional. O projeto Sivam, de vigilância da Amazônia, está para ser entregue à empresa americana Raytheon, vencedora da concorrência. Ela fabrica de geladeiras a livros didáticos, aviões e radares e ficou conhecida, na época da Guerra do Golfo, pelos seus mísseis Patriot. As concorrentes, que perderam o negócio, são as francesas Thomson-Alcatel. Agora, às vésperas da assinatura do contrato comercial, as histórias da disputa começaram a aparecer.

Primeiro, por uma reportagem publicada no jornal *The New York Times* no último domingo, ficou-se sabendo que os espiões da CIA, a central de inteligência americana, trabalharam no Brasil para garantir que a Raytheon ganhasse a concorrência do Sivam. De acordo com a publicação, os agentes da CIA desarmaram o esquema da concorrente francesa, que estava pagando propinas para funcionários do governo brasileiro. Dois dias depois da divulgação da

notícia nos Estados Unidos, a França expulsou de seu território, com grande estardalhaço, cinco americanos acusados de espionagem política e econômica.

TIPO ESTRANHO — Segundo os franceses, há oitenta agentes da CIA em seu território, e essa turma estava passando dos limites, procurando saber segredos de empresas com tecnologia de ponta na área de telecomunicações e armamentos. Não houve nenhuma acusação em relação à concorrência no Brasil, mas um depoimento publicado pelo jornal francês *Le Monde* conta que um dos agentes da CIA, uma mulher, se aproximava de funcionários do governo francês através de um brasileiro. "Um tipo um pouco estranho que arrecadava fundos para salvar a Floresta Amazônica", diz o funcionário que foi assediado para fornecer informações à CIA.

A razão do atrito entre franceses e americanos em torno dos radares da Amazônia é a queda nos negócios mundiais com armamentos. Os franceses, que fabricaram os radares para o controle de voo no resto do Brasil, os Dacta, estavam certos de que também ficariam com o controle da Amazônia. Os americanos jogaram duro para impedir que isso acontecesse. O Sivam é um projeto antigo. Tem quinze anos e não saía da prancheta. Com a turbulência criada por franceses e americanos — na qual, comenta-se, correu boa quantidade de propinas —, o projeto foi rapidamente aprovado no Congresso, no dia 21 de dezembro. A comissão que o aprovou tinha como relator o senador Gilberto Miranda. A velocidade de aprovação é um espanto, porque o Congresso brasileiro prima pela lentidão. Na semana passada, soube-se que Gilberto Miranda, um político e empresário que tem negócios na Amazônia, comprou uma casa em São Paulo por 4 milhões de dólares. ■



Sistema Dacta: radares para o controle do espaço aéreo brasileiro



**Loja de departamentos:
juros reais de 11% ou mais
nas vendas a prazo**

até se tornaram um pouco mais populares. Com os limites para tomar financiamento em bancos e financeiras, o uso do cheque pré-datado espalhou-se a ponto de hoje pagar até o honorário do médico ou do dentista.

Nem o aperto na taxa de juros, que o governo promoveu como forma de segurar na caderneta de poupança o dinheiro que está indo para as lojas, fez efeito. Os juros cobrados pelo comércio poucas vezes foram tão altos e nem assim as pessoas deixam de comprar. Na semana passada, o Ponto Frio, uma rede de lojas de eletrodomésticos do Rio de Janeiro,

vendia uma geladeira Cônsul, de 275 litros, por 449,80 reais, à vista. Para parcelar a compra em sete prestações, a loja cobrava juros de 11,36%, acima da inflação, por mês. Na Tele Rio, também do Rio, uma geladeira igual podia ser comprada em até dez prestações. Os juros mensais cobrados pela Tele Rio são de 8,70%, acima da inflação. Ao ano, isso significa juros de 172% acima da inflação, seguramente a maior taxa mundial. Nenhuma aplicação financeira chega sequer perto disso. "Estamos colocando nas prestações aquilo que as financeiras nos cobram", diz Rogério Daudt, diretor financeiro da Garson, uma rede de lojas de eletrodomésticos. A Garson cobra em suas prestações juros reais de 11% ao mês.

O lado bom do movimento consumista é que a economia está crescendo, as empresas voltaram a ganhar dinheiro e a oferta de empregos tem aumentado. O problema é que a indústria está operando no limite de sua capacidade e isso é perigoso num ambiente de expansão de consumo. Se a indústria não tiver produção suficiente para atender todas as suas encomendas, pode haver desabastecimento e alta de preços. Esse filme ninguém quer ver outra vez. ■

COMÉRCIO

Uma caneca de água fria

As medidas do governo para esfriar o consumo dificultam a compra de carros e o uso de cheques pré-datados

O governo anunciou na semana passada uma camisa-de-força destinada a esfriar as vendas a prazo, que estão mantendo o consumo a toda neste começo de ano. As medidas, de caráter temporário, mexem principalmente com a compra de automóveis e o uso de cheques pré-datados. Nos consórcios de automóveis, o prazo para pagamento caiu de doze para seis meses. Também foram proibidos, apenas para os novos grupos, os lances para retirar o carro antes do sorteio. As operações de leasing, um tipo de transação em que o cliente aluga um automóvel e no final do contrato pode comprar o veículo, estão suspensas. O que o governo pretende é desarmar os instrumentos para compra de carros a prazo, inclusive os automóveis importados que vinham sendo muito vendidos pelo sistema de leasing. "As medidas são de caráter preventivo. Embora não se tenha dado ênfase a esse aspecto do pacote, ele é também um freio às importações. "A indústria de automóveis tem um efeito forte sobre o resto da economia", diz Persio Arida, presidente do Banco Central.

Para conter a enxurrada de pré-datados, responsáveis por parte das vendas do comércio, o governo fechou o cerco às empresas de factoring. São essas empresas que giram a manivela dos cheques para desconto futuro. Os pré-datados que o

lojista recebe dos clientes são vendidos a elas, com um deságio médio de 20%. Com isso, o cliente pode pagar a prazo, o comerciante recebe na hora e as firmas de factoring ganham na agiotagem. Como essas empresas não estão autorizadas a operar na intermediação financeira, o governo decidiu punir quem continuar esquentando a ciranda. "O factoring financeiro pode ser punido com a Lei do Colarinho Branco", diz o diretor de normas do Banco Central, Cláudio Mauch.

JUROS — Em janeiro e fevereiro as pessoas compraram bem mais do que em anos anteriores, mas não existe ainda uma explosão de consumo. A intenção da equipe econômica, ao anunciar as medidas da semana passada, não foi apenas esfriar o consumo. Foi também recuperar o controle sobre o movimento das vendas a prazo. Em outubro do ano passado, o governo restringiu o crédito ao consumidor, mas operações paralelas, como o leasing de automóveis ou os cheques pré-datados, ficaram de fora e

**Departamento de crédito
ao consumidor: medidas para
desestimular compras**



COTAÇÕES

Indicadores e indexadores — em %

	Nov	Dez	Jan	Acumulado na ano
IPC-r	3,27	2,19	1,67	1,67
INPC	2,96	1,70	1,44	1,44
IPC-Fipe	3,02	1,25	0,80	0,80
IGPM	2,85	0,84	0,92	0,92
IGP	2,47	0,57	1,36	1,36
Ufir	2,96	2,25	-	-
TR	2,92	2,87	2,10	2,10

Rendimento - Variação em %

	Últimos doze meses	Últimas quatro semanas	Última semana	No dia 23/2/95 em relação ao dia 22/2/95
Dólar comercial	284,29	0,00	0,12	-0,24
Dólar paralelo	281,82	-0,94	-0,59	-0,59
Ouro	283,73	-1,82	0,88	-0,58
Bolsa - SP	219,73	-18,07	12,35	12,01
Bolsa - Rio	211,56	-17,37	9,66	9,67

Projeções BM&F para o mês

Índice Bovespa	2,99
Dólar	0,50
Juros	3,38

O Mercado de Ações

Ações mais valorizadas durante a semana na Bolsa de São Paulo em %

Aços Villares PN	35,95
White Martins ON	21,05
Siderúrgica Tubarão PNB	18,18
Unipar PNB	17,66

em 23/2/95

Dólar Comercial

Compra	R\$ 0,84
Venda	R\$ 0,84

Dólar Paralelo

São Paulo	R\$ 0,84
Rio	R\$ 0,82

Ouro (BM&F)

R\$ 10,27
o grama

TR

1,4675
de 21/2 a 21/3

CDI

38,50%
ao ano

CDB

38,20%
ao ano

Os Fundos de Ações mais rentáveis *

Rentabilidade — em %

	No ano até 22/2	No mês até 22/2	No dia 22/2	Valor da cota em 22/2 em R\$
Fénicia Ações	4,36	-1,91	0,43	1,11
Opportunity Ações	-12,69	-17,21	-6,67	87,31
Fator Axis	-14,42	-6,39	0,1	0,32
Crefisul Ação Verde	-14,45	-5,12	-0,42	0,57
Citicoções Mista	-16,06	-10,27	-0,54	0,6
ABN Amro	-16,86	-10,29	0,01	0,02
Itaúações	-17,41	-9,06	1,12	0,61
BEG Ações	-18,14	-11,89	-0,35	0,03
Finasa	-18,25	-9,9	-0,02	0,45
BCN Ações	-19,05	-12,17	-0,35	169,84

* Os dez mais rentáveis do ano

Os Fundos de Renda Fixa mais rentáveis *

Rentabilidade — em %

	No ano até 23/2	No mês até 23/2	No dia 23/2	Valor da cota em 23/2 em R\$
Patente Champion	8,64	5,31	0,39	61,13
Martinelli	8,49	3,66	0,23	0,37
Fénicia Renda Fixa	8,07	2,97	0,18	1,11
Opportunity Renda Fixa	6,96	2,77	0,17	106,96
Merval Fixed	6,57	2,9	0,18	134,2
Master	6,56	2,86	0,18	1,2
Bamerindus	6,55	2,89	0,17	0,36
Becfix	6,55	2,62	0,17	0,01
Noroeste	6,47	2,88	0,18	2,06
Portfolio	6,47	2,9	0,18	20,62

* Os dez mais rentáveis do ano

Os Fundos de Renda Fixa DI mais rentáveis *

Rentabilidade — em %

	No ano até 23/2	No mês até 23/2	No dia 23/2	Valor da cota em 23/2 em R\$
Opportunity DI	7	2,77	0,17	107
Banfort Corporate DI	6,93	3,09	0,19	0,47
Banfort Petros DI	6,71	2,99	0,18	1,13
Renda Fixa DI Mesbla	6,64	2,79	-	1,27
Mitsubishi DI	6,5	2,91	0,18	0,45
Bamerindus Personal DI	6,48	2,83	0,2	0,38
Noroeste DI	6,44	2,88	0,18	0,76
Antares DI	6,38	2,85	0,18	0,05
Econômico - DI	6,38	2,86	0,18	1,59
Bahia Hedge	6,36	2,86	0,18	1,1

* Os dez mais rentáveis do ano

Os Fundos de Commodities mais rentáveis *

Rentabilidade — em %

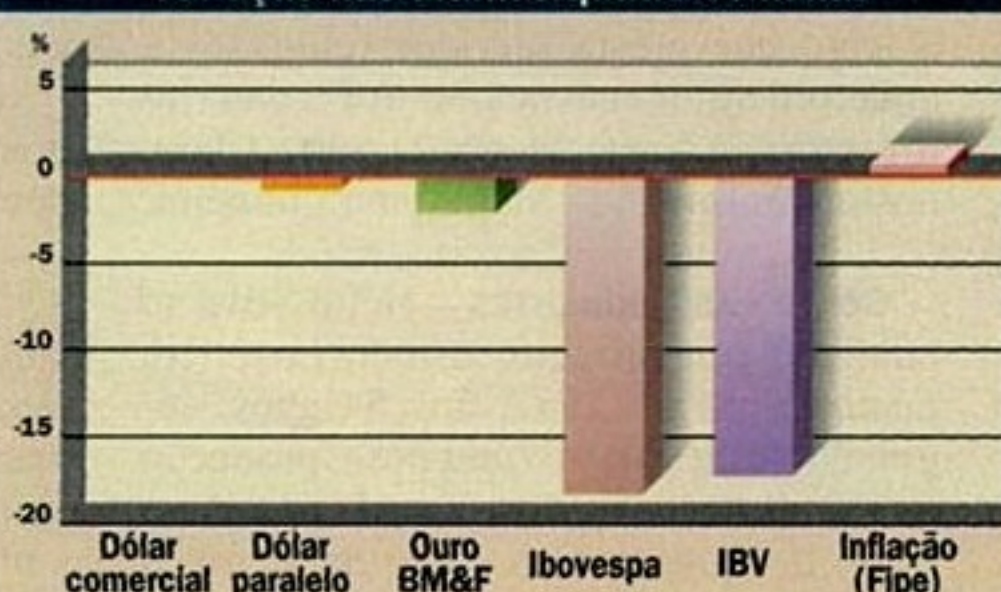
	No ano até 22/2	No mês até 22/2	No dia 22/2	Valor da cota em 22/2 em R\$
Boavista Derivativos	19,9	8,88	0,17	1 198,96
Brasilpar Rendimentum	16,23	2,94	0,18	1,16
Síntese Virtual Commodities	15,43	12,24	0,01	15,63
Carteira Commodities	13,65	13,65	0,17	1 136,54
Diamante Commodities	12,5	4,78	0,43	1 124,96
Cindam Absoluto	10,03	2,8	-0,03	1,44
Boston Private Portfolio	9,34	3,21	0,28	1,16
Porto Seguro Brasilpar	9,15	9,15	0,17	1,09
FIC Fonte	9,12	3,54	0,04	1,4
Stock-Nickel Commodities	8,56	2,63	0,25	1 085,65

* Os dez mais rentáveis do ano

Variação dos índices das ações negociadas na BVRJ por setor

Sector	Variação percentual
Geral	5,96
Bens de consumo	11,07
Comunicações	1,06
Energia	9,78
Finanças	5,89
Mineração	1,47
Química e petroquímica	19,17
Serviços	0,57
Siderurgia e metalurgia	6,36

Variação nas últimas quatro semanas



Comentário da Semana

Depois de perder cerca de 20% nas últimas quatro semanas, as bolsas de valores reagiram. Na quinta-feira passada, a Bolsa de São Paulo registrou alta de 12%. No Rio, a valorização foi de 9%. A queda nas taxas de juros internacionais ajudou a melhorar o ânimo dos investidores. No mercado financeiro, os bancos estão pagando juros reais de 2% ao mês.

Entre a fé e o fato

Hélio Silva, com Deus no coração e documentos na cabeça, deixa vasta obra de História

Dom Lucas, o monge beneditino que foi enterrado na última quarta-feira no Mosteiro de São Bento, no Rio, ao som de cantos gregorianos entoados por 36 de seus irmãos de ordem, não sabia se tinha lugar garantido no céu. "Há alguns episódios na minha vida que podem prejudicar a canonização", dizia ele dois anos atrás. Hélio Ribeiro da Silva, o médico e historiador de 90 anos, conforme consta na biografia do proctologista e autor de oitenta livros, sua identidade antes de vestir o hábito, morreu desconfiado de que também não tinha garantido um lugar na nossa História. Há muitos episódios de seus livros que não passaram pelo tribunal canônico dos acadêmicos brasileiros, que os acusam de apresentar "documentos demais", dentro de uma "perspectiva factualista", quer dizer, de mero ajuntamento de episódios. Pior ainda, há os que acreditam que ele mais atrapalhou que ajudou, "desvirtuando o ensino da História".

Esses críticos do trabalho de Hélio Silva não entrariam num livro dele, pois não são "factuais", ou seja, seguem um hábito nacional e preferem não se identificar falando mal de um homem morto. Só Deus, na sua infinita sabedoria, decidirá sobre a vida eterna de dom Lucas, mas os leitores de seus livros sabem o que lhe devem. E não são leitores quaisquer. "Ele colocou a História em dia, é um serviço prestado por ter sido um arrombador das portas dos fatos contemporâneos", acha Carlos Guilherme Mota, livre-docente da Universidade de São Paulo. "Sua obra deu uma grande contribuição à História brasileira e tem o mérito de ser extensa e de leitura fácil, acessível às pessoas que não fazem parte do metiê", opina o professor José Murilo de Carvalho, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. "Hélio Silva tem uma marca diferente dos historiadores da sua geração, que tinham como característica trabalhar apenas a história das elites. Ele inova porque fez pesquisa sistemática de fontes documentais, trabalhando sempre com a História apresentada segundo as diferentes perspectivas de todos os setores", diz a historiadora Lucília de Almeida Neves, pró-reitora de

graduação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Hélio Silva começou a juntar papéis em 1920, aos 16 anos. Aproveitou sua experiência de jornalista político para ouvir quem tivesse algo a dizer e arquivou tudo, como fez pelo resto da vida — ao se aposentar como médico, em 1972, deixou aos seus sucessores de consultório um fichário completo de 20 000 pacientes. Nos anos de juventude foi boêmio que dormia "nas horas vagas", poeta bissexto, mulherengo, anarquista e ateu. Brilhou na vida social de sua cidade, o Rio, como dono de mansão na Gávea, cavalos e cachorros dinamarqueses em Tereópólis, um circo de pulgas e título garantido entre os dez mais elegantes. Só se encontrou com Deus aos 33 anos, quando fez sua primeira comunhão no Colégio São José, na Tijuca, e não mais se separaram. Achava que, sem Ele, teria sucumbido ao desquite pedido por sua mulher, ao desquite de sua filha e ao suicídio do marido dela, o armador Hélio Ferraz, que lhe deixou a tarefa de criar os netos pequenos. Dormia no consultório, escrevendo e se enchando de café, adoeceu gravemente e esteve à beira da morte. Mas aos 70 anos atravessava a nado uma piscina sem perder o fôlego e partia um tijolo com um golpe de mão, já mestre em judô e caratê. Há quatro anos tornou-se oblato, o leigo que presta serviços religiosos a uma ordem monástica, e foi viver no Mosteiro de Santa Maria da Serra Clara, nos contrafortes da Mantiqueira mineira.

CONTRA AS CORRENTES — Hélio Silva só publicou seu primeiro estudo histórico, *Lembra-vos de 1937*, aos 54 anos, seguindo-se depois a caudalosa produção que incluiu os dezesseis volumes de *O Ciclo de Vargas* e os vinte da *História da República Brasileira*, entre outros.



Como dom Lucas: rezas e faxina no convento

José Murilo de Carvalho nota que essa obra de craque na manipulação e descoberta de papéis históricos às vezes derrapa na falta de uma visão sociológica e na importância excessiva dada aos indivíduos isoladamente. "No meio acadêmico, ele não é considerado um grande historiador", diz. Também, pudera. Não foi marxista, nem estruturalista, não tentou escrever a história das mentalidades ou da vida cotidiana. Em suma, tudo o que publicou foi contra as correntes.

No silêncio do mosteiro, onde trabalhou em quatro outros volumes e um de memórias, sem concluí-los, Hélio Silva tomava banho frio no inverno, rezava por ele e pelo Brasil e fazia faxina nos banheiros. No fim do ano passado, depois de ficar sem comer e beber por cinco dias, foi retirado de lá a força pelo genro Richard Kolff e internado no Rio, com insuficiência renal. Uma parada cardíaca matou-o na terça-feira, dia 21. ■

Anos de ouro

Aloysio de Oliveira, do Bando da Lua à bossa nova

O produtor musical e compositor Aloysio de Oliveira ajudou a carreira de Carmen Miranda a decolar nos Estados Unidos, lançou os nomes mais importantes da bossa nova e foi parceiro de Tom Jobim, mas nunca gostou muito de alardear suas proezas. Preferia ficar nos bastidores a ser festejado. Há um mês, em Los Angeles, onde morava quase em exílio voluntário, Oliveira optou por esse mesmo estilo discreto diante da morte. Vendo o câncer se espalhar pelos pulmões, esôfago e fígado, desestimulou sua mulher, Margot Britto, a avisar seus amigos sobre sua situação crítica e pediu para ser cremado. No dia 4, ele morreu no Saint Joseph Medical Center, aos 80 anos. Só na semana passada o Brasil soube que perdera uma figura importante de sua música popular.

Aloysio de Oliveira foi fundador e líder do Bando da Lua, conjunto que acompanhou Carmen Miranda durante dezesseis anos, até a morte da cantora, em 1955. Esse período inclui os anos de ouro de Carmen em Hollywood, quando chegou a ser a artista mais bem paga dos Estados Unidos. Oliveira foi o seu mais fiel conselheiro profissional. Ambos mantiveram também um tórrido romance, iniciado ainda no Brasil, no final dos anos 30, e sobre o qual Oliveira também era discreto: em entrevistas, costumava desmenti-lo.

Segundo uma amiga que freqüentava a casa de Carmen em Beverly Hills, Aloy-

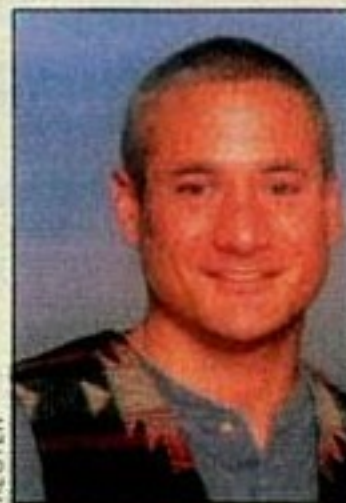
sio foi a maior paixão da vida da cantora, e durante anos ela esperou uma proposta de casamento que nunca se materializou. O motivo é que Aloysio não suportava a idéia de se tornar o Mr. Carmen Miranda. Também profissionalmente ele não queria esse título e, por isso, arrumou nos Estados Unidos um emprego de consultor dos estúdios Disney para assuntos latino-americanos. "Eu queria me afirmar sozinho, não ser uma sombra da Carmen", explicou certa vez. Ele esnobou Carmen, mas se casou seis vezes, a primeira delas com a cantora Silvinha Telles.

Desfeito o Bando da Lua, Aloysio de Oliveira voltou para o Brasil e empregou-se como diretor artístico da gravadora Odeon. Foi quando tomou contato com a então nascente bossa nova, e imediatamente contratou Tom Jobim e João Gilberto para o selo. Com o primeiro, compôs músicas como *Dindi*, *Inútil Paisagem* e *Só Tinha de Ser com Você*. Certo dia, a Odeon lhe exigiu mudanças — não queria mais bancar aqueles jovens que se achavam capazes de revolucionar a MPB com um banquinho e um violão. Oliveira acrescentou seu nome à lista de demissões e fundou seu próprio selo, o Elenco, em que lançou nomes como Nara Leão, Edu Lobo, Baden Powell e MPB4. Logo depois, ele produziu os lendários shows da bossa nova nas boates Zum-Zum e Bon Gourmet, no Rio, e Michel, em São Paulo, além da apresentação de Tom Jobim no Carnegie Hall de Nova York, que lançou o gênero nos Estados Unidos. "Tudo que fiz foi dar um empurrãozinho na turma", dizia Aloysio de Oliveira, com modéstia. Na verdade, fez bem mais que isso. ■

DATAS

REVELADO: pelo atleta americano **Greg Louganis**, 35 anos, que ele tem Aids. Um dos maiores fenômenos na categoria olímpica de saltos ornamentais, Louganis foi considerado, das Olimpíadas de 1976 a 1988, o melhor do mundo nas competições de plataforma de 10 metros e trampolim de 3 metros, pelas quais ganhou cinco medalhas olímpicas. Na Olimpíada de Seul, em 1988, ganhou a medalha de ouro na competição de plataforma mesmo depois de errar no cálculo e bater a cabeça em um dos saltos, cena que ficou famosa. Todo o mundo esportivo sabia, mas só em junho do ano passado, durante a Olimpíada Gay de Nova York, assumiu publicamente o homossexualismo. Dia 22, em Nova York.

MORREU: **Oscar Bloch Sigelmann**, 71 anos, vice-presidente das empresas Bloch e presidente da Rede Manchete de Rádio e Televisão. Desenhista e publicitário, ele ocupou diversos cargos na Bloch Editores, empresa liderada por seu tio, Adolpho Bloch. Participou da fundação da revista *Manchete* e da TV Manchete, além da Associação Nacional dos Editores de Revista. Simpático e alegre, coordenava o trabalho de relações-públicas e publicidade das empresas. Dia 20, de infarto, no Rio de Janeiro.



Louganis: com Aids

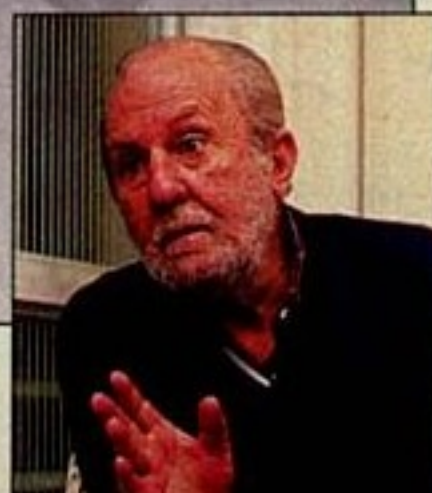
COMEMOROU: 120 anos de idade a francesa **Jeanne Calment**. Completamente lúcida, ela andou de bicicleta até os 100 anos e só parou de fumar aos 117. Atribui sua longevidade a um equívoco divino: "Deus me esqueceu", disse. Dia 21, em Arles, na França.

ENTREGOU-SE: à Polícia Federal **Hélia Santana Amorim**, ex-mulher do senador Ernandes Amorim. Condenada a três anos de prisão por tráfico de entorpecentes, ela diz sentir-se mais segura detida do que em liberdade, já que poderia ser alvo da vingança de traficantes. Dia 21, em Brasília.

REJEITADO: pelo Tribunal Constitucional português, o registro do Partido Social-Cristão, ligado à Igreja Universal do Reino de Deus, do bispo brasileiro **Edir Macedo**. A Constituição portuguesa não admite partidos religiosos. Dia 22, em Lisboa, Portugal. ■



Aloysio nos últimos anos e com Carmen Miranda: romance



ELE PREVIO A DESTRUIÇÃO DE CIDADES, PAÍSES E RELIGIÕES AINDA NESTE SÉCULO.

(CONHEÇA NOSTRADAMUS - A VOZ DO FUTURO.)

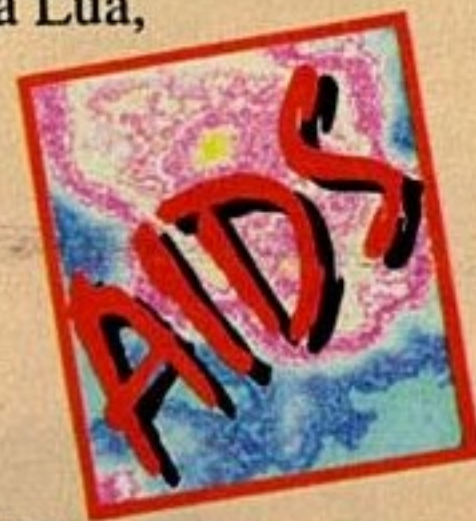


É preciso prestar muita atenção às surpreendentes profecias de Nostradamus (1503-1566). Ele fez mais de 1.300 profecias. As interpretações de suas profecias influenciam a vida da humanidade até hoje. E elas vão até o ano 3797. Nostradamus previu a Revolução Francesa, a ascensão e queda de Napoleão, a Revolução Russa, a ascensão e queda de Hitler, as duas Guerras Mundiais, a Bomba Atômica, a devastação de Hiroshima e Nagasaki, os assassinatos de John e Robert Kennedy, a chegada do homem à Lua, o desastre de Chernobyl, a Guerra do Golfo e a Aids.

Conheça as interpretações de suas profecias.

Compre Nostradamus - A Voz do Futuro:

1 Fita de Vídeo com um documentário impressionante
+ 1 Revista espetacular.



**AGORA
NAS BANCAS.
1 FITA DE VÍDEO
+ 1 REVISTA**

R\$20,00



Serviço de Atendimento
ao Leitor Vídeo Print:
(011)287-2454



Jornal do escritor

Em Diário Europeu, Alberto Moravia exercita sua vocação para cronista dos tempos modernos

MARIO SABINO

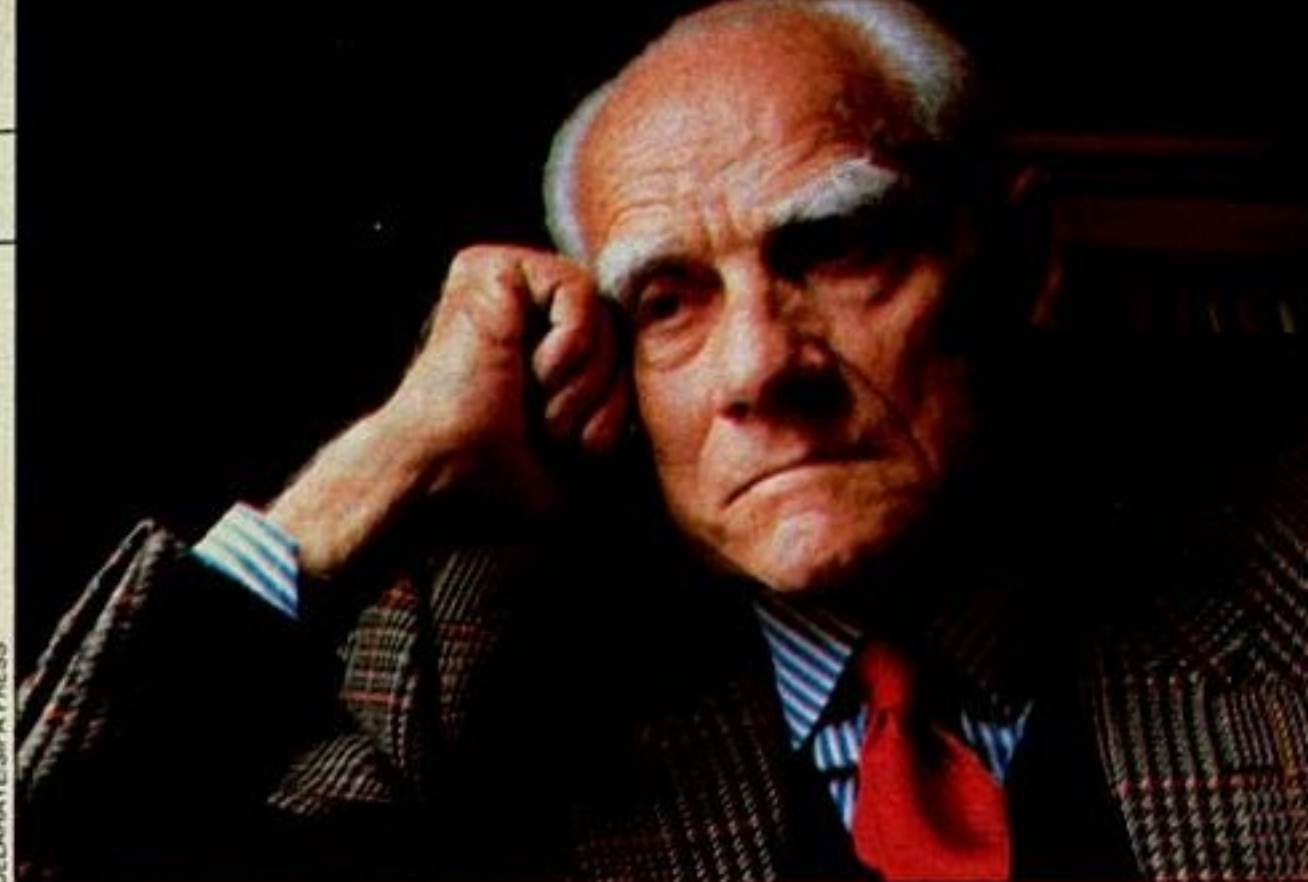


Há quarenta anos os europeus ocidentais tentam fazer crer ao mundo e a eles próprios que a Europa não é apenas uma expressão geográfica. No rastro de sua união econômica, criaram até mesmo um Congresso comunitário, embrião da sonhada fusão política entre as nações do continente. Sediado na cidade francesa de Estrasburgo, o Parlamento Europeu (esse é o nome da abstração) reúne deputados que tentam administrar séculos de ressentimentos. Entre esses otimistas figurava o escritor italiano Alberto Moravia (1907-1990), autor de *Diário Europeu* (tradução de Mario Fondelli; Bertrand Brasil; 288 páginas; 15,50 reais), uma coletânea de artigos escritos entre 1984 e o ano de sua morte para o jornal milanês *Corriere della Sera*. Nos textos, que abordam desde política até literatura, emerge o Moravia cronista dos tempos modernos.

O otimismo de Moravia era do tipo enunciado pelo filósofo comunista Antonio

Gramsci: manifestava-se nas suas ações práticas — jamais no pensamento. Em seus romances e ensaios, o autor evitava fazer concessões à humanidade e demonstrava o seu ceticismo quanto ao destino da espécie. Isso não o impedia, porém, de atuar no cenário político-intelectual com uma intensidade semelhante à do poeta e cineasta Pier Paolo Pasolini, com quem manteve estreita amizade e acaloradas polêmicas na imprensa.

FILME DE TERROR — Em 1984, coerente com esse “engajamento contra a vontade”, ele aceitou candidatar-se a uma vaga no Parlamento Europeu, na lista dos independentes apresentada pelo ex-Partido Comunista Italiano, hoje Partido Democrático de Esquerda. Dirigido na época pelo fleumático Enrico Berlinguer, que aos domingos fazia questão de acompanhar sua mulher à missa, esperando-a do lado de fora da igreja, o autônomo PCI era o abrigo natural de quem estava genuinamente preocupado com a corrida atômica e via no



Moravia: política e divagações literárias

Parlamento de Estrasburgo uma boa tribuna para discutir as loucuras dos Doutores Strangeloves de plantão.

Moravia reservava à questão nuclear uma perspectiva existencialista. Isso está cristalinho na longa entrevista concedida a Alain Elkann, editada sob forma de livro em 1990. “Para mim, a tentação da guerra atômica é a última expressão do instinto de morte presente na cultura européia, contra o qual inconscientemente comecei a escrever a partir de *Os Indiferentes*”, disse o escritor. Ainda que milhares de ogivas persistam em pairar sobre nossas cabeças, o tema parece ultrapassado neste momento em que a Guerra Fria é apenas outro tópico dos compêndios de História. A aparente diluição do perigo nuclear acentua, no entanto, a atualidade de certas análises presentes em *Diário Europeu*. Em artigo de 16 de dezembro de 1984, por exemplo, Moravia aponta para o fato de a propaganda antiatômica ser tida como mais um assunto de entretenimento, o que sem dúvida se fortaleceu após a queda do Muro de Berlim. “As notícias, até mesmo as mais terríveis, são instintivamente consideradas pelo público no mesmo nível dos filmes de terror”, nota o escritor.

A comédia humana dos anos 80, com todos os espetáculos pirotécnicos proporcionados por Ronald Reagan e cia., está brilhantemente comentada em *Diário Europeu*. Não faltam também preciosas divagações sobre literatura. Duas reflexões, em especial, merecem a atenção do leitor: quando ele fala a respeito da obsessão pelo sucesso de público dos autores contemporâneos (pág. 89) e os parágrafos dedicados a Italo Calvino (pág. 171), que falecera em 1985. “*Seis Propostas para o Próximo Milênio* é o livro de um homem que, quando morreu, estava planejando o seu futuro de escritor com a ingenuidade e a engenhosidade características dos primeiros anos de juventude”, escreve Moravia, que, tal como um adolescente, também acolheria a morte com uma expressão de surpresa dois anos depois.

Trecho

“Pontualmente, às duas e meia, Ronald Reagan entra no hemicíclio do Parlamento Europeu. Ao vê-lo subir à tribuna com grande naturalidade e segurança, pensamos obviamente na escola de comportamento público que foram os anos passados nos estúdios cinematográficos. Reagan discursará lendo numa tela invisível colocada à altura dos olhos, com voz bem franca, clara e natural, às vezes retoricamente sentimental ou conscientemente dura, mas sempre com o visível e contraditório desejo de agradar aos europeus e, ao mesmo tempo, de fazer-lhes entender como os Estados Unidos são mais poderosos que a próspera, melancólica e desunida Europa.”



Reagan: retórica sentimental

O horroroso tipo exportação

Zé do Caixão vira Coffin Joe e faz sucesso no circuito dos vídeos de terror dos EUA

OKKY DE SOUZA

Freddy Krueger, da série *A Hora do Pesadelo*, que se cuide: há um novo herói horroroso no pedaço, disposto a roubar um naco de sua popularidade entre o público americano. O recém-chegado chama-se Coffin Joe, é tão repulsivo e violento quanto Krueger e nos últimos meses já vendeu nos Estados Unidos 16 000 vídeos com onze de seus filmes. Entre eles estão, na tradução para o português, *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver*, *O Despertar da Besta* e *Delírios de um Anormal*. Esses títulos certamente soam familiares a parte do público brasileiro — Coffin Joe é ninguém menos que José Mojica Marins, o “Zé do Caixão”, o lendário cineasta paulista que desde os anos 50 mistura horror barato e sexo explícito numa das filmografias mais pessoais e birutas do cinema nacional.

Zé do Caixão anda meio esquecido pelo público brasileiro. Há dez anos praticamente não filma, por falta de produtores que banquem seus projetos. Agora, com o alter-ego Coffin Joe assinando seus antigos filmes legendados em inglês, o velho Zé do Caixão está de volta. Não que dispute as grandes bilheterias ou sonhe em ter Sharon Stone diante de suas câmaras. Mas o circuito dos fãs de filmes de terror anda festejando Coffin Joe como um *cult* do gênero nos últimos tempos. “Ele é um fenômeno, todos os americanos que assistem a seus filmes pela primeira vez ficam de queixo caído, entusiasmados”, diz Mike Vraney, um dos donos da Something Weird, a empresa que lança seus vídeos nos Estados Unidos. É claro que qualquer um, americano, alemão, grego ou japonês, só pode mesmo ficar de queixo caído diante de uma figura que aparece com unhas de 15 centímetros de comprimento. Isso apenas para começar. Mas Zé do Caixão está ao menos vendendo fitas nos Estados Unidos, o que não é pouca coisa. Glauber Rocha, tão celebrado, não vende nada. Além disso, já foi lançado no mercado de brinquedos americano um boneco Coffin Joe, onde ele aparece ao lado de seu infalível caixão. Um calendário e um baralho também fazem parte da coleção de bugigangas com a estampa do personagem.

O aparecimento de Mojica nesse mercado específico pode ser comprovado na Chiller Convention, o maior evento de horror dos Estados Unidos, que se realiza anualmente em Nova Jersey. Coffin Joe foi agraciado com o troféu Tor Johnson — Christopher Lee, o eterno Drácula, tem um igual na parede. A imprensa americana já registrou o barulho feito pelo personagem. O jornal

nova-iorquino *Daily News* dedicou-lhe meia página, classificando-o de “um mestre do cinema de horror que só agora está recebendo o respeito que merece”. Na revista *Billboard*, a maior dos Estados Unidos na área da indústria de diversão, o crítico Chris McGowan escreveu: “O cinema de Coffin Joe é tão cru e estranho que parece *A Noite dos Mortos Vivos* dirigido por Luiz Buñuel”.

“Na convenção americana tinha até fila de fãs para pedir meu autógrafo”, celebra Mojica, que não fala uma palavra em inglês. “Agora só faltam os lucros correspondentes a esse sucesso.” Segundo o diretor, de 64 anos, o lançamento de sua obra nos Estados Unidos lhe rendeu até agora pouco mais de 100 000 dólares, mas boa parte desses royalties foi gasta com a transposição dos filmes para vídeo, bancada por ele. “Continuo em busca de financiamento para meu novo filme, *O Olho do Portal do Inferno*.” Por enquanto, apenas a abertura do filme está pronta — ela apresenta cenas reais e horripilantes da operação no olho à qual Mojica se submeteu há cinco anos, filmadas com uma lente que mostra os detalhes do bisturi em ação.

Como diretor ou ator, José Mojica Marins atuou até hoje em 141 longas e curtas-metragens — mais de uma centena desses últimos foi realizada para o programa *Além, Muito Além do Além*, que mantinha na TV Tupi no início dos anos 60. Sua grande tacada ocorreu em 1962, quando inventou o Zé do Caixão em *A Meia-Noite Levarei Tua Alma*. A partir daí, aos olhos do público, diretor, ator e personagem passaram a ser uma pessoa só. Embora não admita, ele adora que seja assim — uma entidade acaba por promover a outra, e o bom marketing sempre foi fundamental para sua carreira. Suas marcas registradas são a cartola preta, o caixão forrado de veludo vermelho, o olhar que imita o dos demônios dos quadrinhos e, naturalmente, as unhas de 15 centímetros de comprimento numa das mãos. Mojica alterna as mãos em que deixa crescer as unhas, pois a limitação de movimentos que elas determinam acaba por criar problemas na musculatura dos dedos. Hoje, embora mantenha um silêncio tumular sobre o fato, prefere uma alternativa mais confortável: colar nos dedos as unhas naturais cortadas no passado sempre que encarna seu personagem.

Mojica nunca estudou cinema ou procurou inteirar-se das lições dos grandes cineastas. O diretor Glauber Rocha, que via em seus filmes fortes traços de genialidade, aconselhou-o certa vez a jamais abrir um livro teórico sobre cinema. Mojica é o que na pintura se costuma chamar de artista "primitivo". Seus filmes, mesmo os pornográficos, que produziu nos anos 70 para ganhar

dinheiro fácil, são colagens toscas de violência, celebrações macabras, citações metafísicas e esotéricas. São sempre produzidos com orçamento mínimo, artistas estreantes ou amadores e cenários que parecem saídos de um trem fantasma de parque de diversões do interior. Com frequência, são involuntariamente engraçados. Mas, justiça seja feita, são sempre muito inventivos. O mais curioso no mundo de Zé do Caixão é que o personagem, ao mesmo tempo em que mata, esfolia e entende-se com as forças do inferno, cultiva um moralismo no feitio de Nelson Rodrigues. Zé do Caixão mostra o pecado para pregar a virtude. Pune a maldade e a devassidão para exaltar a bondade e a família.

Assim como Zé do Caixão, na vida real José Mojica Marins também gosta de fazer discursos meio abstratos em favor da virtude. "Hoje as crianças convivem com a depravação dentro de suas próprias casas, e por isso às vezes acabam se suicidando", esbraveja o diretor, que tem 23 filhos e está no sétimo casamento. O cineasta que pela primeira vez colocou numa pornochanchada cenas de sexo com animais, em *24 Horas de Sexo Explícito* (1984), é o mesmo que hoje fala em fundar uma seita em que se acabe com o dízimo cobrado pelas igrejas evangélicas. "Temos de acreditar na força do homem e da união entre as consciências", ele prega, e desafia: "Coloque-me diante de um padre, um pastor e um rabino, e duvido que eu não consiga convertê-los". Declarações como essas têm sua ironia, mas Mojica também já foi chefe de religião — as que ele fundou.

Criou duas seitas. A primeira, em 1951, com o nome de Centro de Concentração Mental, que fechou depois de uma visita da polícia a pedido de vizinhos desconfiados de que ali se praticava magia negra. A segunda também não foi para a frente. Em 1982, Mojica arriscou uma cartada mais alta: candidatou-se a deputado federal pelo PTB paulista. Perdeu feio. Na campanha, denunciava que "há um demônio em cada esquina do Brasil". Recebeu pouco mais de 2 000 votos, enquanto outros tantos, anulados, foram dados para seu personagem Zé do Caixão.

Mojica nunca ficou rico, nem sequer bem de vida, com o cinema. Hoje ele ganha a vida participando de shows de bolso em boates, danceterias e clubes do interior. Nesses espetáculos, batizados de *Noite do Terror* e apresentados por seu empresário, o radialista Cid José, faz seu velho número de sair do caixão e brincar de assustar o público. Cada show, dependendo do local e da quantidade de coadjuvantes, rende de 2 500 a 4 000 reais a Coffin Joe e equipe. Há três semanas, numa pausa entre as apresentações, Zé do Caixão voltou a empunhar a câmara.

Dirigiu o videoclipe da música *Kronkanildo, o Siri Amigo*, do grupo de rock paranaense Boi Mamão, um dos favoritos da juventude de Curitiba. "Decidimos convidá-lo porque conhecíamos seus filmes através dos vídeos", diz o líder do grupo, Glerm Pawdphita. Para as filmagens, Mojica alugou vinte caixões e pediu licença ao Ibmama para usar uma ninhada de cobras. Teve outra idéia: utilizar filme vencido, para obter efeitos visuais sinistros. E sugeriu ao grupo que o tal siri da história tivesse superpoderes concedidos a ele por Jesus Cristo. Decididamente, nem Freddy Krueger faria melhor. ■

"Ele é um fenômeno", diz o empresário que lançou Zé do Caixão nos EUA. "Agora quero fundar uma religião", afirma o ator e diretor, sempre afiado nas técnicas de autopromoção



A VO DO RESP CO CONSUM



DELTA DEITO AO MIDOR.

PROGRAMA MILLE ON-LINE

A Fiat faz de tudo para respeitar e defender o consumidor. Como o sistema Mille On-Line. Com ele você escolhe a cor e o modelo do seu Mille, tem entrega garantida pela fábrica e paga o preço de tabela em duas vezes, 50% no

pedido, 50% na entrega. Isso é 100% de respeito.

Mille
On Line

E, afinal, respeito é bom e você gosta. Passe no seu Concessionário Fiat.

SEU LUGAR É AQUI. FIAT

Abençoada fúria

Indicado para sete Oscar, *Pulp Fiction* diverte com seus papos absurdos e sua incrível violência



Quem massageia os pés da mulher do próximo merece ser atirado do 4º andar de um prédio? É possível que Deus desça dos céus para desviar as balas que atingirão dois assassinos? Martelo, bastão de beisebol, serra elétrica — qual a melhor arma para enfrentar estupradores de homens? O cachorro é um animal tão sujo quanto o porco? As respostas a essas perguntas absurdas são o estofado de *Tempo de Violência* — *Pulp Fiction* (Estados Unidos, 1994), que estreia nesta sexta-feira, dia 3. São respostas ainda mais absurdas que as perguntas. Respostas — em imagens, diálogos, situações — que tocam o espectador com a delicadeza de um motor de dentista no nervo exposto. Entre outras delicadezas, em suas duas horas e meia de duração *Pulp Fiction* mostra um homem sendo curado, um outro atropelado, um terceiro com a cabeça explodida, execuções sumárias, overdose, boçalidade. Sangue, gritaria, palavras, piadas, histeria, tudo misturado.

Tudo muito bem misturado. *Pulp Fiction* é um filme fenomenal, furiosamente divertido. Ele ganhou no ano passado a Palma de Ouro do Festival de Cannes, o que simbolicamente significa que a velha França, tão anti-hollywoodiana e sofisticada, capitulou ante a agressividade crua e alegre de um diretorzinho americano de apenas 31 anos. Quentin Tarantino (veja reportagem à pág. 82). Fenomenal porque filme americano que agrada em Cannes está condenado a amargar um pavoroso fracasso nos Estados Unidos — e *Pulp Fiction* é sucesso de crítica e público desde a sua estreia, em outubro. Fenomenal porque foi indicado para sete Oscar, inclusive os mais prestigiados: melhor filme, diretor, ator (John Travol-

ta), atriz (Uma Thurman), roteiro (também de Quentin Tarantino) e ator coadjuvante (Samuel L. Jackson).

Pulp Fiction, que se pode traduzir com alguma liberdade para “ficção barata”, conta histórias independentes que, sutilmente, se entrelaçam. Esse entrelaçamento, feito com requintes literários, é a primeira e maior violência contra a sensibilidade do espectador de cinema. O espectador, na bovinice a que foi reduzido por trilhões de filmes com começo-meio-e-fim, espera resignadamente que uma cena provoque a outra. Em *Pulp Fiction*, como na vida, o acaso interfere, um personagem esbarra no outro, olhares se cruzam, a trama se embaralha, o bandido vira mocinho e vice-versa, não se sabe o que vai acontecer. E o impossível acontece. Um personagem morre e logo em seguida aparece vivo. A ação que foi congelada no início é retomada horas depois. *Pulp Fiction* é um filme vivo, pulsante.

PÉS-DE-CHINELO — Vivo, mas que tem pouco a ver com a realidade. Tudo nele é estilizado, espetacular, “cinematográfico”. Seus personagens não são decalcados da vida real. Tarantino foi buscá-los nas fórmulas da *pulp fiction*, a ficção barata de histórias de detetive dos anos 30 e 40. Numa das histórias, dois assassinos de aluguel, Vincent (Travolta) e Jules (Jackson), resgatam uma mala misteriosa das mãos de bandidos pés-de-chinelo. Noutra, Vincent leva Mia (Uma Thurman), a mulher de seu chefe, para jantar fora e ocorre um acidente. Numa terceira história, o boxeador Butch (Bruce Willis) trai o marido de Mia e enfrenta Vincent. A seguir, retoma-se a história de Vincent, Jules e os pés-de-chinelo, que se envolvem noutro acidente e são ajudados por Wolf (Harvey Keitel).

A estrutura intrincada de *Pulp Fiction* é ainda mais abalada pelo teor das conversas entre os personagens. São diálogos e monólogos enormes, que parecem não ter nenhum propósito. Christopher Walken, por exemplo, faz Koons, o militar que fala quase dez minutos em seguida, contando uma história tocante para um gar-



TRAVOLTA COMO VINCENT VEGA:
“Você está dizendo que massagem no pé não significa nada, e eu estou dizendo que sim. Já fiz massagem nos pés de milhões de mulheres, e todas



HARVEY KEITEL COMO THE WOLF:
“Eu resolvo problemas”

to a respeito de um relógio de ouro. O monólogo se encerra com uma grosseria nojenta e hilariante. Como que por milagre, a história escabrosa de Walken serve para explicar os passos do boxeador interpretado por Bruce Willis. O mesmo ocorre com as discussões entre Jules e Vincent sobre massagens nos pés, suínos e cães, milagres e sorte, entre Pumpkin (Tim Roth) e Honey Bunny (Amanda Plummer) sobre modalidades de assalto. São conversas malucas, que parecem papos de drogados, servindo de motor para que o filme siga em frente.

O caminho do homem justo é cercado de todos os lados pelas injustiças dos egoístas e pela



elas tiveram um significado. A gente age como se massagens não fossem nada de mais, mas elas têm algo, e esse fingimento é que é sensual"



UMA THURMAN COMO MIA:
"Um marido que protege a mulher é uma coisa. Um marido que quase mata outro homem porque ele tocou nos pés da sua mulher é outra coisa"



SAMUEL JACKSON COMO JULES:
"Estou tentando ser o pastor"



BRUCE WILLIS COMO BUTCH:
"Zed morreu, baby, Zed morreu"

Pulp Fiction não tem outro compromisso senão o de agarrar o espectador e arrastá-lo para dentro de si e obrigá-lo a se divertir. No seu filme anterior, *Cães de Aluguel*, Tarantino perseguia o mesmo objetivo. Mas com tal violência, e tamanha gratuidade, que acabava provocando repulsa. Havia uma sequência de tortura, com uma orelha sendo cortada a faca, que só torturadores poderiam apreciar a contento. Em *Pulp Fiction*, a violência também está presente. Mas acontecem tantas outras coisas na tela, fala-se tanto, que a brutalidade parece um elemento a mais

na selvageria festeira do filme. Há uma hora, por exemplo, em que uma cabeça é estourada e voa cérebro para tudo que é lado, inclusive para cima de dois bandidos, que precisam se limpar. No entanto, o banho dos bandidos, cobertos de sangue e pedacinhos de crânio, é engraçado o bastante para atenuar a violência. Engraçado: ri-se de nervoso.

LE BIG MAC — Com um roteiro inovador, um enorme talento para os diálogos e uma garra em filmar a perversidade como não se via em Hollywood desde

que David Lynch fez *Veludo Azul*, Tarantino, ainda assim, teria feito apenas um filme bom, e não um fenômeno, se não contasse com o elenco encabeçado por John Travolta. Dado como morto e sepultado, Travolta voltou a ser um superastro (veja reportagem à pág. 80). Cabelos compridos, brincos, costeleta, gravata de caubói, ele teria tudo para ser um monstro de afetação. Ao contrário: ele é um bobo alegre, um criminoso simpático que viveu três anos em Amsterdã e só aprendeu que os franceses chamam o sanduíche Big Mac de "le" Big Mac. Só um grande ator, um dançarino que se tornou conhecido em *Embalos de Sábado à Noite*, consegue ficar tão na dele como Travolta quando dança twist com Uma Thurman, uma deusa de pezinhos brancos (um convite à massagem...). Diferentemente de um Jack Nicholson, que tende a ofuscar quem está a sua volta, Travolta se comporta com modéstia, de maneira que todos brilhem. Harvey Keitel, de smoking às 8 da manhã, é a esfinge de sempre. Bruce Willis, o brutamonte de *Duro na Queda*, mostra uma sensibilidade insuspeitada. Ving Rhames, com seu porte de armário, careca, óculos escuros, um bonito band-aid na nuca, parece saído de uma história em quadrinhos. A única que está ruim é Maria de Medeiros, mas, também, poderia: uma atriz portuguesa fazendo uma personagem francesa falando inglês...

Travolta ocupa a tela, mas não é ele o personagem principal de *Pulp Fiction*.

tiraniam dos malvados. Abençoando aquele que, em nome da caridade e da boa vontade, pastoreia os...

Esse papel cabe a Jules, o seu comparsa assassino, feito por Samuel Jackson. E, em Jules, o coração está numa longa fala, repetida três vezes, que reproduz um trecho da *Bíblia*, o livro de Ezequiel, capítulo 25, versículo 17: "O caminho do homem justo... (veja íntegra a partir da pág. 78). Bem, indo à *Bíblia*, ao versículo 17 do capítulo 25 das Profecias de Ezequiel, descobre-se que o texto decorado por Jules não existe, que Tarantino reescreveu a palavra divina. Mas não importa. Jules acha que testemunhou um milagre, que Deus intercedeu a seu favor e, por isso, quer mudar de vida, abandonar a criminalidade, peregrinar pelo mundo. Vincent acode-o nessa crise de misticismo e informa que ele irá virar um vagabundo. Nesse momento, novamente o acaso, sempre bem-humorado, intervém: Jules, o bandido, é assaltado por outro bandido. "Na verdade, eu sou o fraco e você é a tirania dos malvados, mas estou tentando, tentando mesmo, ser o pastor", diz Jules ao seu antagonista-igual.

Se há um núcleo em *Pulp Fiction*, ele está nesse trecho reescrito da *Bíblia*, reinterpretado para ficção barata, no qual Tarantino indaga se é possível mudar de vida, se os que fazem o mal podem arrepender-se e ser perdoados, se há redenção possível. Ou seja, material teológico, bonito, vistoso. Só que parece colocado no filme com o intuito de dar-lhe alguma profundidade. A coisa resulta um pouco deslocada, pois *Pulp Fiction* só funciona porque, nos seus melhores momentos, é apenas ficção barata — amoral, niilista, brutal, boçal, sem nenhum outro compromisso senão, repita-se, arrastar o espectador, pelo colarinho, para dentro do seu universo cinematográfico. Uma máquina de divertir que faz apologia das drogas — tanto que os personagens que usam heroína e cocaína são bonitos, divertidos, modernetes e, mesmo depois de um desastre, ainda dizem coisas espirituosas. Uma máquina de divertir que se compraz em usar, abusar e manipular a violência. Tudo bem, no sentido de que *Pulp Fiction* não defende nada com afinco, não tem verdades a expor (e tudo mal para quem acredita na verdade). Tarantino sacrifica tudo por um efeito dramático e cinematográfico. Seu filme, ao contrário de obras de arte, não eleva, enleva, conforta nem ilumina o caminho dos fracos pelo vale das trevas. Ele sacode, grita e diverte, diverte à beça. Abençoada fúria.



"TENHO DE MOSTRAR algo que ninguém fez. É minha chance de fazer um..."

Além da brilhantina

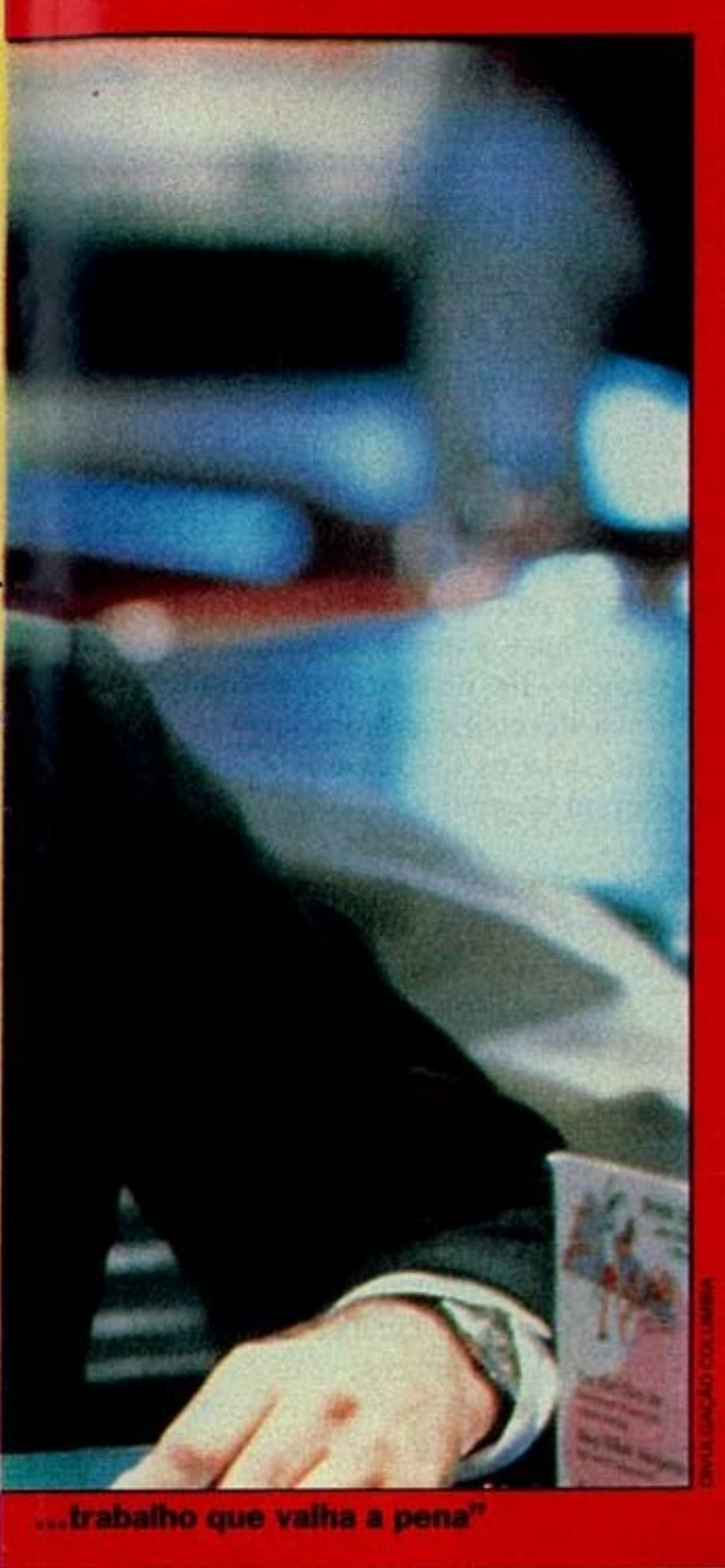
John Travolta sai enfim daqueles tempos de requebros com um personagem forte e convincente



John Travolta estava posto em sossego, no esquecimento luxuoso de sua mansão de vinte quartos no Maine, com florestas ao fundo e o mar à frente, quando o destino bateu à sua porta. Na verdade, bateram apenas rumores. Diziam que Quentin Tarantino, o diretor mais quente do momento, andava dizendo "para

todo mundo", lá em Hollywood, que estava interessado em contratá-lo para seu novo filme, *Pulp Fiction*. Sentiu um "calor no corpo" e comentou com a mulher, a atriz Kelly Preston, que não podia ser verdade. Travolta sabia apenas que Tarantino dirigira um único filme antes, de sucesso talvez exagerado para um estreante, *Cães de Aluguel*, e que estava em ascensão galopante. Quanto a ele, o John dos grandes requebros juvenis dos anos 70, em *Os Embalos de Sábado à Noite* e *Nos Tempos da Brilhantina*, o musical mais lucrativo da história do cinema, com renda mundial de 400 milhões de dólares, andava fazendo filmes sobre bebês e cachorros falantes. Conformava-se à glória prematura de ter-se transformado, aos 40 anos, numa lenda viva. E mantinha, além dos olhos azuis luminosos, a covinha que pro-

...fracos pelo vale das trevas, pois ele é o protetor do seu próximo e o achador de crianças perdidas.



...trabalho que valha a pena"

vocou suspiros e desbancou o velho Kirk Douglas como dono da mais bela reentrância em queixos masculinos.

Dali para baixo, uma desgraça em progresso. A barriga começava a espetar para a frente e o corpo ia inchando quase na mesma proporção em que seu nome se apagava nos letreiros. De estrela imperial, passou a protagonista de filmezinhos como *Embalos a Dois* ou *Os Espertinhos*. No fim dos anos 70, após um jantar na Casa Branca em que o presidente Jimmy Carter assistira a seu novo filme, *Vivendo a Cada Momento*, leu pela primeira vez num jornal que sua carreira estava acabada. Depois lia a mesma coisa muitas outras vezes. Cresceu a fama de ser um tipo antiquado, caladão, convertido a uma religião ainda tida como excêntrica na época, o budismo, e que só sabia interpretar dos quadris para baixo. Entre 1985 e 1989 não deu uma única entrevista pelo simples e bom motivo de que nenhum jornalista o procurou. Não, não podia ser verdade.

Mas foi dormir com pressentimentos estranhos. E teve medo.

Travolta, que fez 41 anos na semana passada, só não sabia que Tarantino tinha em casa cópias de *Embalos...*, *No Tempo...* e *Um Tiro na Noite*, um bom policial de Brian de Palma, e que assistia a esses filmes por gosto. Na verdade, sabia muito pouca coisa sobre Hollywood desde que sua carreira disparou como um foguete logo nos primeiros filmes, *Carrie*, *a Estranha* e *O Garoto da Bolha de Plástico*, e chegou à estratosfera com os dois musicais. Travolta entrou num vácuo em poucos anos, consumindo-se numa espécie de buraco negro na tentativa de espichar os requebros em *Os Embalos de Sábado Continuum*, em 1983, sob a direção musculosa de Sylvester Stallone.

NAS TREVAS — John Travolta vai querer esquecer para sempre a década de 80. Ele entrou nesses anos depois de perder a noiva, a atriz Diana Hayland, e a mãe, Helen, ambas mortas de câncer. Abalado, o velho Travolta, pai de seis filhos (John é o caçula), teve um ataque cardíaco. John desistiu de fazer *Gigolô Americano* (que ficou com Richard Gere, neste caso um lance de sorte para ele) para cuidar da família. Confuso, isolou-se de todos enquanto os pasquins sensacionalistas divulgavam entrevistas com seus supostos parceiros sexuais homens. Foi nessa treva que o católico John Travolta viu uma luz. "A espiritualidade budista me invadiu como uma corrente de ar fresco, libertando-me da dor e ajudando-me a recuperar a esperança", disse, antes de desaparecer de cena. Jovem, bonito, rico e solteiro, John Travolta parecia ser mais um a confirmar a frase famosa e dura do escritor Francis Scott Fitzgerald, que talvez não estivesse assim tão bêbado quando a escreveu: "Não há segundo ato nas vidas americanas".

Parecia. Pois a vida americana é cheia de Lázaros, de Richard Nixon a John Travolta. Ele entrou no seu Rolls-Royce cinza com a mulher e o filho de 2 anos, Jett, e rumou para o aeroporto. Novo-rico nos primeiros anos de fama, passou a ouvir os conselhos dos que são ricos há séculos e investiu de forma certa e discreta. Por isso, no aeroporto, não entrou na fila de embarque, mas no seu próprio jato (tem mais dois, além de outra mansão na Flórida), batizado de Jett, e com ele mesmo pilotando voou para a Califórnia. Lá, hospedou-se com a família num hotel que pagou do próprio bolso. Os agentes arranjaram-lhe um encontro com Tarantino, os dois almoçaram, conversaram

e ficaram doze horas juntos e John levou para ler no hotel o roteiro ainda não terminado de *Pulp Fiction*.

A ansiedade e o medo que andava sentindo transformaram-se, então, em desesperança. Achou o que leu bom demais — mas não para ele, no desvio. O salário, na verdade, era para iniciantes, 140 000 dólares. E tinha também dúvidas morais sobre seu personagem, Vincent Vega, um assassino que se dopa com heroína. A essa altura, Travolta tinha passado do budismo para uma seita de nome Cientologia e achava que não podia dar mau exemplo. Mas não se tratava disso. O personagem era tão bom que todo mundo ia querer e ele seria esquecido. Só que John não sabia, também, que Tarantino é um fã de cinema exaltado e seu santo protetor no projeto. Os executivos da produtora Miramax não o queriam nem de graça. Diante deles Tarantino sustentou durante dias, até convencê-los, que estavam ganhando a preço de banana "um dos maiores astros que Hollywood produziu".

FINAL FELIZ — John e família voltaram para seus domínios no Maine, onde nada — nenhum pôster, nenhum troféu, nem sequer uma fotografia de filme — lembra que ali mora um astro de cinema. Foram várias semanas de mais ansiedade, conforme o dono da casa contou depois: "Tenho de mostrar nesse filme não só algo que nunca fiz antes mas também algo que ninguém já tivesse feito, porque esta é uma das minhas poucas chances de fazer um trabalho que valha a pena". Tudo acertado, voaram todos de volta a Los Angeles. Ele manteve a família no hotel durante quase todo o tempo de filmagens. Sempre pagando do próprio bolso. "Foi um ato de amor", disse, já aliviado, quando ganhou o papel.

Foi muito mais, é claro. John teve um pesadelo depois que filmou a cena no cabaré onde aparecem sócias de Marilyn Monroe, Elvis Presley e Mamie van Doren, entre outros astros desaparecidos. Acordou no meio da noite achando que tinha morrido mesmo e por isso se encontrara com eles no céu possível de artistas, um cabaré com palco. Depois vieram a Palma de Ouro de *Pulp Fiction* em Cannes, a indicação de Travolta para concorrer ao Oscar e mais um elogio público de Tarantino, para quem o personagem Vincent, tão repelente, ficou humano e simpático graças à contribuição pessoal do ator. Mais que tudo, a contratação para dois novos filmes. Um deles, *Get Shorty*, por 5 milhões de dólares de salário. John Travolta voltou, enfim, ao embalo.

© eu abaterei com grande vingança e furiosa ira aqueles que tentarem envenenar e destruir meus...

Bombas sobre Hollywood

E atômicas, segundo os apaixonados fãs do animal do momento em Hollywood: Quentin Tarantino



Ao contrário da mansão familiar de seu astro, John Travolta, o apartamento de solteiro de Quentin Tarantino em Los Angeles é um museu de horrores e delícias cinematográficas. Uma cabeça de cera da loura Barbara Steele, mulher-demônio de filmes baratos dos anos 60, um punhal de Zorro de um seriado de TV, pôsteres, fotos arrancadas de fanzines e uma infinidade de vídeos, novos e velhos, às vezes passando simultaneamente em várias telas, compõem a decoração da caverna onde vive um animal — a atração do momento no inesgotável zôo hollywoodiano. Quando sai dessa sua toca, Tarantino é um bicho voraz e sanguinário. Escreve filmes estilo arrasa-quarteirão para os outros e para ele mesmo. Como ator, também se inclui nos próprios filmes e nos alheios, como *Vem Dormir Comigo* e no inédito no Brasil *The Golden Girls*, interpretando o papel de um sócio de Elvis Presley. Trabalha como um condenado e roubou de um de seus ídolos, Martin Scorsese, o título de diretor mais tagarela em ação.

Aos 31 anos, tem sido saudado com petardos elogiosos como não se via desde os tempos de outro de seus ídolos, Jean-Luc Godard, nos anos 60, o próprio Scorsese nos 70 e Steven Spielberg daí em diante. "Ingressamos na era Tarantino de um modo tão certo e inescapável quanto Truman nos colocou na era nuclear", escreveu um crítico americano, Rod Lurie. Ele comparou: "*Cães de Aluguel* é Hiroshima. *Pulp Fiction*, Nagasaki".

Caramba... Mas não seria exatamente esta a palavra, na língua chula falada no mundo tarantiniano, que poderia sair da boca de algum personagem dos dois filmes, entre uma filosofada e outra sobre o sentido da canção *Like a Virgin*, de Madonna, e alguns balaços certos contra o inimigo mais próximo. São figuras do submundo, radiofônicas, tagarelas como seu criador, envolvidas em tramas sádicas de uma amoralidade cruel, despejando adrenalina nas veias do público. Irônico, o diretor comenta que não é bem assim. Suas "mensagens" são as mesmas que viu dezenas de vezes na tela, como o crime não compensa, a droga não tem glamour, o assassinato não faz sentido, e por aí afora. "Meus filmes baseiam-se



O CRIADOR E
criaturas de *Cães de Aluguel*: "Meus filmes se baseiam em outros filmes, é tudo o que sei da vida. Cinema não é para gastar dinheiro, mas para ganhar"



em filmes, que é tudo o que conheço da vida", ele acha. "Mas o fato de serem baratos não quer dizer que sejam alternativos. Cinema não é feito para gastar dinheiro. É feito para ganhar dinheiro. Gosto de cinema sem fronteiras ou nacionalidades, quero que meus filmes sejam vistos por um número cada vez maior de pessoas."

A vida dele não daria um filme, a não ser que o próprio Tarantino o fizesse.

Nascido na roça, no Tennessee, mudou-se com a família para Los Angeles ainda menino, foi mau aluno e excelente espectador de TV e vídeos. Ao contrário da geração que o precedeu, de Scorsese, Spielberg e George Lucas, entre outros — a primeira geração academicamente "cult" do cinema americano, formada em escolas especializadas —, preferiu ver filmes a estudá-los numa sala de aula. Ia sempre à primeira sessão, que tem menos gente, apenas para apreciar emoções e sustos que os filmes — qualquer filme — lhe despertavam. Na última procurava descobrir e desmontar os mecanismos com os quais essas emoções e sustos eram engendrados.

"GODARD FICARIA ORGULHOSO" — Foi trabalhar numa locadora de vídeo pelo salário mínimo. Era consumidor tão assíduo que, quando não tinha dinheiro para pagar o aluguel das fitas, plantava-se de pé dentro da loja e ficava vendo de graça o que era exibido em promoção. Por isso lhe deram o emprego. Ficou seis anos e venciam todos os campeonatos travados com os donos ou fanáticos para decidir quem conhecia mais filmes. Lá escreveu os roteiros de *Amor à Queima-Roupa*, *Assassinos por Natureza* e *Cães de Aluguel*, este em três semanas — e a mão. Tarantino não sabe nem datilografia e foram os primeiros atores a quem mostrou o texto que, perplexos, mandaram tirar cópias. Largou o emprego depois de uma briga com outro empregado. Agarrou-o pela nuca e bateu com a cabeça dele na quina de um balcão, fazendo voar sangue para todo lado. Tarantino é também boxeur amador. Conta que agora parou, mas, quando lutava, tomava o cuidado de tirar antes os brincos das orelhas para não se ferir.

"Em quase trinta anos de carreira nunca vi alguém sentir tanto prazer em filmar. É uma coisa única, contagiante", comenta Travolta. Por isso, é compreensível que venha provocando adesões tão apaixonadas. Não é qualquer um que, como Tarantino, recebe o bilhete de um fã, depois da premiação de *Pulp Fiction* em Cannes, nestes termos: "Finalmente encontrei Deus. Godard ficaria orgulhoso". ■

...irmãos. E vós sabereis que sou o Senhor quando eu tiver exercido minha vingança contra eles.



XAVIER PEREIRA/FOLHA IMAGEM



DIVULGAÇÃO

Moda em Salvador, a dança do tchaco ganha academias na voz de Tonho Matéria (acima)

MÚSICA

Muda só o nome

Novo ritmo baiano, o tchaco, é o mesmo de sempre

Nada se cria, tudo se copia, já dizia o apresentador Chacrinha. A frase se aplica com perfeição aos novos ritmos baianos. Todo ano, os astros da axé music inventam um novo estilo, que chamam de "inovador" ou "revolucionário". Para o ouvinte leigo, no entanto, essas revoluções são imperceptíveis. Fica a impressão de que o ritmo do ano anterior é repetido com outro nome. A fruta da estação agora é o *tchaco*, que substitui o requebra, lançado no ano passado, depois do fricote, do deboche e sabe-se lá mais o quê. Requebros é o que não faltam na dança do *tchaco*. Com as mãos na cintura, joga-se os quadris rapidamente para o chão, ao som de uma letra apimentada (*Eu tô em cima, eu tô embaixo / Tchaco pra frente, tchaco pra trás*). Na dança e na letra, o *tchaco* é irmão do requebra, primo do fricote e neto da lambada. Quem quiser curtir o novo/velho ritmo baiano deve comprar o disco *Tá na Cara*, do veterano compositor Tonho Matéria, que chega às lojas nesta semana. O *tchaco* já é sucesso nas academias de ginástica do Rio de Janeiro e de São Paulo, em que se louvam as virtudes da aeróbica

baiana, contra-indicada apenas para quem sofre de artrose ou bico-de-papagaio.

Além do disco de Tonho Matéria, saem esta semana os novos LPs de Luiz Caldas e Zé Paulo, lançadores de modas em anos passados. Luiz Caldas se notabilizou nos anos 80 com o deboche e o fricote. Mais tarde, pegou carona no modismo da lambada, aquele ritmo que, tendo Salvador e Porto Seguro como pólos exportadores, se espalhou pelo país, ressuscitou Sidney Magal e conquistou até a Europa. Em um novo LP, com seu nome no título, o autor de *Tieta* incorporou as inovações trazidas pela geração de Carlinhos Brown, o único compositor baiano que realmente criou algo de novo desde a tropicália.

LIBIDO — Além dos ritmos parecidos, outro fator de identidade da música baiana são as letras maliciosas. Antes de chegar ao *tchaco*, a libido local encontrou na dança do rala o pinto sua apoteose. No início dos anos 90, Zé Paulo apelou para cenas de sexo explícito em suas músicas. O resultado foi curioso. Em cidades pequenas do interior e do litoral da Bahia, o rala o pinto só tocava em trio elétrico após as 22 horas. Antes, o juizado de menores advertia aos pais, pelo sistema de som, que àquela hora era desaconselhável manter os filhos na rua. Era a senha para que crianças e adolescentes saíssem de casa para requebrar ao som da música. Zé Paulo está de volta com o disco *Alegria da Vida*. Perto do que foi, parece um carola. Os LPs de Luiz Caldas e Zé Paulo são bons exemplos de como um artista pode

manter sua coerência seguindo modismos que mudam a cada ano. Isso porque as ondas da música baiana vão e voltam sempre à mesma praia.

CELSO MASSON

Peso e talento

Grandes momentos do rock numa coletânea do Cream

No final dos anos 60, os Beatles e os Rolling Stones davam as cartas nas paradas de sucessos, mas os fãs de rock mais atentos ao que acontecia de inovador não tiravam da vitrola os discos do Cream. Formado pelo guitarrista Eric Clapton, hoje um dos artistas mais populares do mundo, o baixista Jack Bruce e o baterista Ginger Baker, o Cream surgiu na Inglaterra em 1966 e durou apenas três anos — tempo suficiente para vender 15 milhões de discos e provocar um tremor na música pop. Se os Beatles tinham melodias incomparáveis e os Stones faziam as melhores caras de mau, o Cream elevou o instrumental do rock a um nível de qualidade inédito. Nem importava o que diziam suas letras (e elas não diziam muita coisa): nunca se ouvira uma banda tão virtuosística. Jamais aqueles três instrumentos haviam sido tão bem executados no gênero.

Entre gravações de estúdio e ao vivo, o Cream lançou oito discos, mas para conhecer o melhor do conjunto basta ter em casa apenas um — a compilação *The Very Best of Cream*, lançada agora no Brasil. São vinte faixas, entre elas *Sunshine of Your Love*, a primeira do grupo a estourar, e *Badge*, uma memorável parceria entre Clapton e George Harrison. Como uma espécie de brinde, há duas faixas lançadas originalmente em compactos e, naturalmente, há muito fora de catálogo: *I Feel Free* e *Anyone for Tennis*. Muitas compilações costumam fornecer um retrato apenas parcial, ou distorcido, da obra do artista. Não é o caso desta.

Ao formar o Cream, Clapton, Bruce e Baker já eram músicos aclamados em conjuntos ingleses que utilizavam o blues americano como matéria-prima. Sua inovação foi imprimir a seus arranjos um modelo tomado emprestado do jazz. Na maioria das canções, sugere-se um tema musical nos primeiros acordes. Depois, cada músico parte numa direção, improvisando ou solando. Ao final, volta-se ao tema sugerido. Nas mãos de músicos ruins, essa receita costuma desandar. Com o Cream, pioneiro em introduzi-la no rock, produz música de primeira.

O.S.



Você vai
acompanhar desde
a construção da
Muralha da
China até
a queda
do Muro
de Berlim.



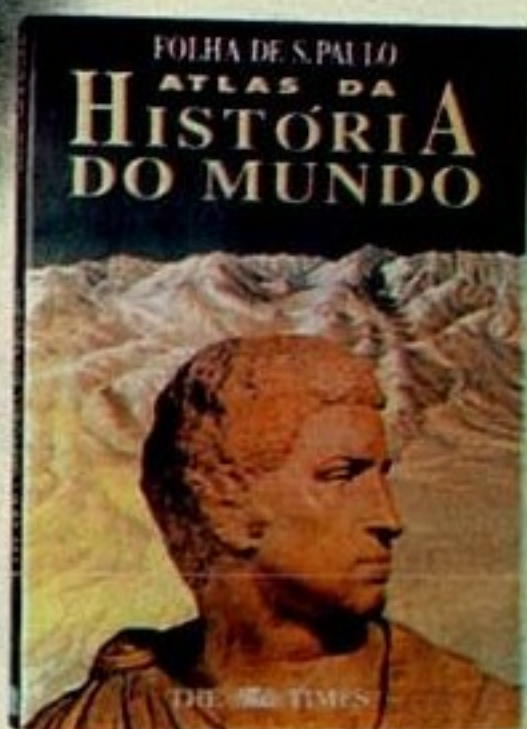


Agora o Folhão vai dar o Atlas Histórico Folha - The Times pra você: a história do mundo em 320 páginas. E que páginas. Todas ilustradas, com impressão nobre e capa especial. E este atlas, só pra você ter uma idéia, é maior do que o Atlas

Folha/The New York Times (ele poderia ser chamado de O Grande, como Alexandre Magno). A verdade é que não existe atlas histórico mais completo do que este em língua portuguesa. Você vai entender tudinho o que aconteceu desde a pré-história até os dias de hoje. E o melhor de toda esta história: **dia 12 de março, você**



já ganha a capa dura mais os 2 primeiros fascículos. Ou seja, reserve logo o seu exemplar. E faça um favor ao seu jornaleiro: tire os homens das cavernas, os cossacos e os bárbaros da banca dele.



ATLAS HISTÓRICO FOLHA - THE TIMES.

A história do mundo em 320 páginas.
**A PARTIR DE 12 DE MARÇO,
AOS DOMINGOS, NAS BANCAS.**

Patrocínio:



FOLHA
O maior jornal do hemisfério.

A filial do inferno chamada UTI

*Ao fugir dela,
o senador
Darcy Ribeiro
fez-lhe a
mais eloqüente
das denúncias*

**ROBERTO POMPEU DE
TOLEDO**

Já não basta pedir a graça de ser poupado do câncer e da Aids, do enfarte, do derrame, do aneurisma, da hemorragia interna, da septicemia e do esmagamento do crânio. É preciso rogar ser poupado do câncer, da Aids, do enfarte, do derrame, do aneurisma, da hemorragia interna, da septicemia, do esmagamento do crânio e da UTI.

A UTI é a cura que virou doença, o doutor que virou monstro. É a tecnologia a serviço da morte intranquila. O lugar onde se sofre só e amarrado, com tubos fustigando os orifícios do corpo, ouvindo os gemidos de outros pacientes ou a azáfama do enfermeiro na hora em que enfim parecia que se ia ganhar um pouco de paz. Se existisse na Idade Média, a UTI mereceria servir de cenário aos mais baixos círculos do Inferno de Dante. O poeta poderia deslocar para a porta que lhe dá acesso o terrível aviso que é o mais famoso de seus versos: "Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate" ("Deixai toda esperança, vós que entraís").

Não bastasse a morte, há os adereços horrendos da morte — a dor, a angústia. Não bastassem a morte, a dor e a angústia, há agora a ameaça da morte na UTI.

Contra esse avanço das trevas, ainda bem que há cavaleiros andantes luminosos como o senador Darcy Ribeiro. O professor, escritor, antropólogo e político Darcy Ribeiro já prestou bons serviços ao Brasil. Ele pertence à estirpe de homens que se formaram embrenhando-se no mato e convivendo com os índios. Disso, quando se é inteligente e se sabe aproveitar a experiência, resultam seres humanos especiais — vide os irmãos Villas Bôas, o marechal Rondon, o francês Claude Lévi-Strauss. O mato e os índios oferecem uma compreensão alargada do que seja afinal o gênero humano, e portanto a vida, e portanto a morte.

O último grande serviço prestado por Darcy Ribeiro foi fugir da UTI. Ele não agüentava mais, como explicou numa entrevista publicada por VEJA, seis números atrás: "Fiquei na sala da UTI com tubo no nariz, tubo na traquéia, sangue, soro, gente chorando, gente gemendo. Um horror total". Darcy Ribeiro sofre de câncer na próstata. Pedia ao médico para tirá-lo da UTI e o médico não deixava. Então, num gesto destemido como o do jovem apaixonado que rapta a mocinha que lhe era negada pelo pai, ou do prisioneiro que arruma uma corda e se lança do alto da torre do castelo, Darcy Ribeiro, com a cumplicidade de um amigo, conseguiu uma cadeira de rodas e escapou. Foi uma

eloqüente denúncia, a mais eloqüente talvez, dessa tenebrosa ante-sala da morte travestida de avanço da ciência que é a UTI.

Antes, morria-se em casa. Caso se tivesse a sorte de pertencer a uma família de escravocratas do sul dos Estados Unidos, podia-se morrer como Olivia de Havilland no filme *...E o Vento Levou*, quase voluptuosamente, no conforto dos próprios travesseiros e cetins. Os gregos despediam-se dos entes queridos. San Tiago Dantas, que foi colega de Darcy Ribeiro no governo João Goulart, morreu como um grego, recebendo os amigos para dizer-lhes adeus. Um dos que se despediram dele foi Marcílio Marques Moreira, na época um jovem discípulo, depois ele também ministro. Seguiu-se, em nome da ciência, a morte no hospital. Depois, em nome de mais ciência ainda, inventou-se trancafiar o paciente nesse hospital do hospital, que é a UTI. Dali não se pode sair. Um cêrbero vigilante não deixa, não um cêrbero com três cabeças, como o porteiro do inferno grego, mas vestido de branco. A alegação é de que, se sair, o paciente morre.

Darcy Ribeiro, no entanto, escapou para a vida. Ele queria acabar o livro que estava escrevendo, e conseguiu. Depois circulou pelo Senado e o ar de espanto com que se apresentou, resultado dos estragos da quimioterapia, deu-lhe motivo para trocar de si mesmo. Na semana passada, concordou em internar-se de novo, mas só depois de convencido de que o Hospital Sarah Kubitschek, de Brasília, não tem "cara de hospital". Escreveu na porta do quarto: "Estarei burro nos próximos dias. Breve retorno à genialidade".

Desde Teotônio Vilela, não se via no Brasil figura pública tão destemida no desafio ao câncer. Nem alguém que, com tanta graça e elegância, perturbasse as certezas científicas do tempo quanto à conveniência de tratar-se da doença assim ou assado, terçar armas com a morte desta ou daquela maneira.



ZAIR L. ACCIOLY

DENISE GILBERT

**MARIA DA CONCEIÇÃO
B.DOS SANTOS**

Depois de realçar o visual usando Koleston, sabe onde Maria Conceição B. dos Santos, Denise Gilbert e Zair L. Accioly vão desfilar toda essa beleza? No Caribe. Elas foram sorteadas na promoção Koleston Gold Collection e ganharam um cruzeiro pelo Caribe, com direito a acompanhante. As passagens ficarão à disposição das vencedoras até o dia 6 de agosto. Koleston, a cor que trata de você. Aqui ou no Caribe.

O processo de apuração do resultado da promoção foi acompanhado por

Coopers
& Lybrand

Coopers & Lybrand
Bisdermann, Bordsch



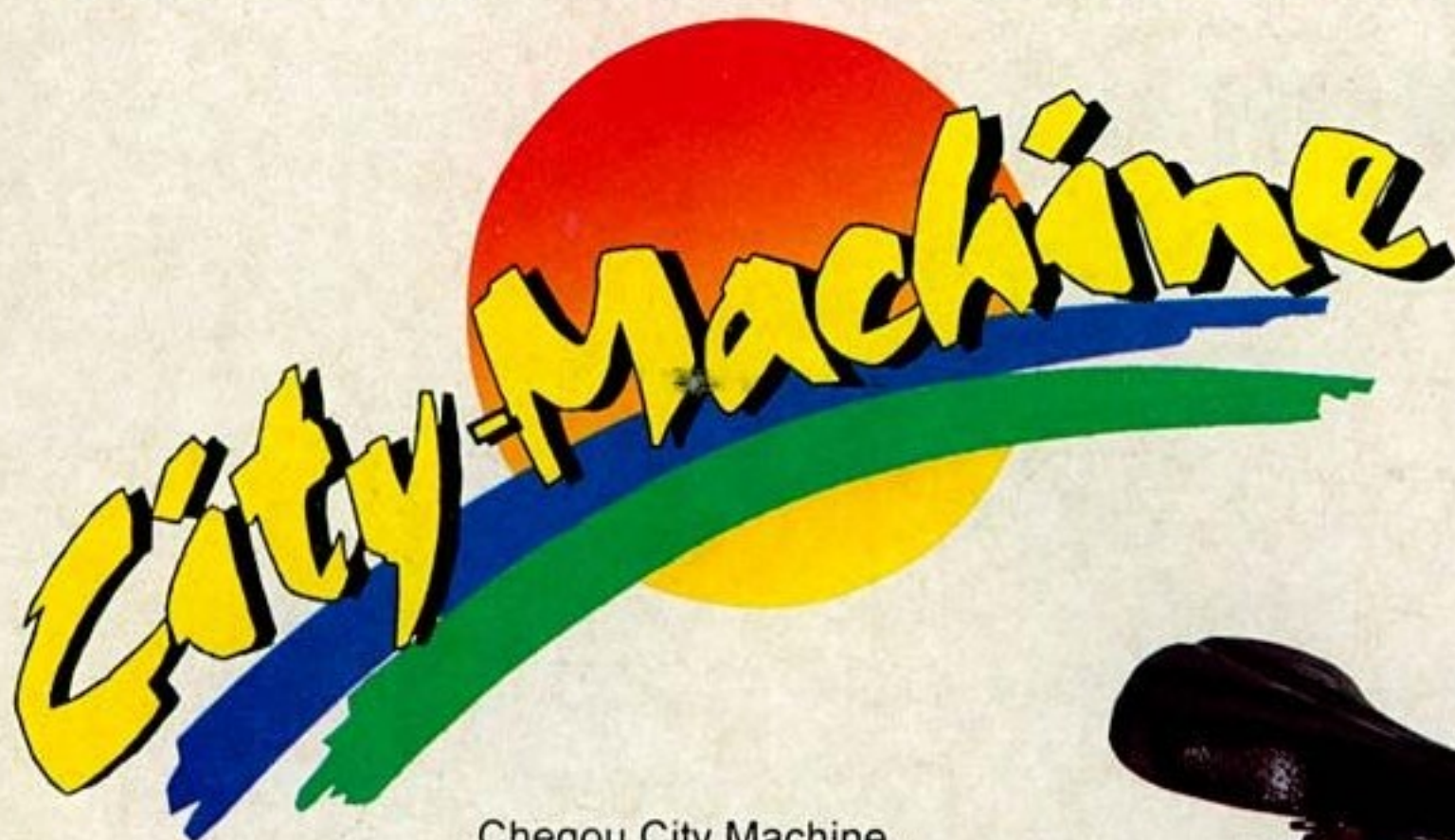
**GOLD COLLECTION,
AS NOVAS NUANCES
DOURADAS E QUENTES
DE KOLESTON,
PREMIOU AS MULHERES
EM DOBRO:
CABELOS MAIS
BONITOS E UMA
VIAGEM AO CARIBE.**

KOLESTON

A cor que trata de você.



A NOVA MANIA NACIONAL



Chegou City Machine,
a nova mania da moçada.
Ela é ágil, versátil, sempre pronta
a levar você a qualquer lugar,
na maior liberdade e no mais alto astral.
Se você tem de oito a oitenta anos,
use e abuse da sua City Machine.
A mania de todas as idades.



STÚDIO S PROPAGANDA

À venda nos grandes magazines e lojas especializadas do Brasil

REPRESENTANTES

F. REPRESENTAÇÕES LTDA - Representante para os Estados: CE/PI/MA
Av. Dom Luis, 609 - s/ 604 - Fone: (085) 261-6477 - Fax: 261-6483 - FORTALEZA - CE
MAGGENTI REPRESENTAÇÕES LTDA - Representante para o Estado do RS
Av. Alberto Bins, 618 - 19º andar - Fone: (051) 221-5005 - Fax 221-7476
PORTO ALEGRE - RS
JAQUES REPRESENTAÇÕES LTDA - Representante para o estado de MG
Rua São Paulo, 1631 - sala 604 - Fone (031) 275-3833 - Fax: 275-2333
BELO HORIZONTE - MG
VALCIR BARSANULFO AGUIAR - Representante para os Estados de: GO/DF/TO
Rua Brasil Accioly, 445 - Fone/Fax (034) 241-4297 - ARAGUARI - MG
UNIVENDAS REPRESENTAÇÕES S/C LTDA - Representante para a Grande São Paulo
Rua Carlos de Souza Nazareth, 184 - 2º andar - sala 201 - Fone: (011) 227-6000
Fax (011) 229-4662 - SÃO PAULO - SP
ORGANIZAÇÃO E VENDAS MACHADO CAMPOS S/C LTDA
Representante para o Interior de SP
Rua Goiás, 877 - Fone (016) 625-7099 - Fax: 636-7599 - RIBEIRÃO PRETO - SP
REPRESENTAÇÕES COMERCIAIS TREVISAN LTDA - Representante par o Estado do PR
Rua Tibagi, 702 - 5º andar - Cj. 501 - Fone: (041) 222-1241 - Fax: 222-8777 - CURITIBA - PR

K.R.L. REPRESENTAÇÕES LTDA - Representante para os Estados: BA/SE
Av. Estados Unidos, 397 - sala 610 - Fone/fax: (071) 243-5656 - SALVADOR - BA
LETISA REPRESENTAÇÕES LTDA - Representante para SP
Av. José Bonifácio, 623 - Fone/Fax: (0192) 53-0820 - CAMPINAS - SP
PARGA REPRESENTAÇÕES LTDA - Representante para o Estado RJ
Rua Gildasio Amado, 55 - sala 201 - Fone: (021) 493-3418 - Fax: 494-3599
RIO DE JANEIRO - RJ
G. CARNEIRO COM. E REPRESENTAÇÕES LTDA
Representante para os Estados: PE/AL/PB/RN
Av. Domingos Ferreira, 1486 - Loja 07 - Fone: (081) 325-4832
Fax: 465-1947 - RECIFE - PE

EXOTECH®

Indústria e Comércio de Veículos Automotores

VENDAS OUTROS ESTADOS/EXPORTAÇÃO
CURITIBA/PR - TELEFAX (041) 233-0578